

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA

FÁBIO VICENTE DA SILVA SANTOS

LINGUAGEM VISUAL NO TEATRO CIENTÍFICO: INTERAÇÕES ENTRE ARTE,
CIÊNCIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

PONTA GROSSA
2026

FÁBIO VICENTE DA SILVA SANTOS

LINGUAGEM VISUAL NO TEATRO CIÊNTIFICO: INTERAÇÕES ENTRE ARTE,
CIÊNCIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Leila Inês Follmann Freire
Coorientador: Prof.^o Dr. Jocemar de Quadros Chagas

PONTA GROSSA
2026

S237 Santos, Fábio Vicente da Silva
Linguagem visual no teatro científico: interações entre arte, ciência e divulgação científica / Fábio Vicente da Silva Santos. Ponta Grossa, 2026.
183 f.

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática - Área de Concentração: Espaços Formais e Não Formais no Ensino de Ciências), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Leila Inês Follmann Freire.
Coorientador: Prof. Dr. Jocemar de Quadros Chagas.

1. Teatro científico. 2. Arte e ciência. 3. Divulgação científica. 4. Linguagem visual. 5. Análise semiótica. I. Freire, Leila Inês Follmann. II. Chagas, Jocemar de Quadros. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Espaços Formais e Não Formais no Ensino de Ciências. IV.T.

CDD: 510.07



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO

TERMO DE APROVAÇÃO

FÁBIO VICENTE DA SILVA SANTOS

“LINGUAGEM VISUAL NO TEATRO CIENTÍFICO: INTERAÇÕES ENTRE ARTE, CIÊNCIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 14 de abril de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Leila Inês Follmann Freire – UEPG
(Presidente / Orientadora)

Prof. Dr. Leonardo Maciel Moreira – UFRJ
(Membro Externo)

Dra. Camila de Fátima Sant'Ana – IFFAR
(Membro externo)

Profa. Dra. Josie Agatha Parrilha da Silva – UEPG
(Membro Interno)



Documento assinado eletronicamente por **Leila Ines Follmann Freire, Professor(a)**, em 14/04/2026, às 18:05, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Leonardo Maciel Moreira, Usuário Externo**, em 14/04/2026, às 18:09, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Josie Agatha Parrilha da Silva, Professor(a)**, em 16/04/2026, às 16:41, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **CAMILA DE FATIMA SANTANA, Usuário Externo**, em 17/04/2026, às 08:11, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **3079777** e o código CRC **2EAF71F4**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres cientistas que inspiraram *A Que Faz*, faróis de coragem em um campo que tantas vezes insiste em apagá-las.

À minha orientadora e coorientador, pelo olhar atento e pelo espaço para que a pesquisa respirasse com liberdade.

Aos colegas, professores e artistas que caminharam comigo nos bastidores desta construção, pelas conversas, provocações e afetos.

Aos deuses do palco, Mnemosyne, Hermes, Céos e Dolos, e ao personagem Fábio, que me ensinaram a escutar e ver o mundo de outros modos.

Ao meu marido, Adan, parceiro de todas as cenas e entrelinhas. Com ele, entendi que o amor também é linguagem, travessia e ciência da delicadeza.

À minha família, por sustentar as raízes e lembrar o lugar de onde venho.

A quem tentou me apagar por pensar diferente, amar quem amo, misturar arte e ciência, danço em volta do fogo com perguntas acesas.

À CAPES, pelo apoio que possibilitou a dedicação integral à pesquisa.

À UEPG, pelo aprendizado e por ampliar meu olhar sobre o universo científico.

Agradeço ao Grupo de Teatro TUT da Universidade de Lisboa pela generosa oportunidade de aprendizado, troca e vivência artística.

À banca avaliadora, pelas contribuições valiosas.

Ao Teatro Científico GTC/UEPG, por abrir caminhos em um território tão instigante.

E a mim mesmo, pelo olhar interno, o humor e a coragem.

Por fim, à arte e à ciência, por ensinarem que caminhar inteiro é desfazer fronteiras.

*Baby, I was born this way
I'm on the right track, baby*
(Born This Way, Lady Gaga)

*... Nenhuma verdade me machuca
Nenhuma doutrina me convence...
Nenhuma resposta me satisfaz...
E não há razão que me governe...
Eu ouvi promessas e isso não me atrai*

(Pitty)

*A ciência não é apenas compatível com a
espiritualidade; ela é uma profunda fonte de
espiritualidade.*

*Quando reconhecemos nosso lugar numa
imensidão de anos-luz e no passar de eras,
quando entendemos a complexidade, a beleza e a
sutileza da vida,
então esse sentimento de êxtase é, de certo modo,
espiritual.”*

(Carl Sagan, O Mundo Assombrado pelos
Demônios)

RESUMO

O teatro tem sido historicamente um espaço de reflexão e transmissão de conhecimento, e, no contexto do teatro científico, essa relação se intensifica ao unir elementos artísticos e concepções científicas em uma mesma narrativa. Esta pesquisa pretende explorar a interação entre arte e ciência no contexto do teatro científico da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), localizada em Ponta Grossa, PR. A partir de uma abordagem qualitativa, busca-se responder à seguinte questão de pesquisa: O que a linguagem visual no teatro científico revela sobre interação entre arte e ciência? Para tanto, a coleta de dados se deu por meio de registros fotográficos, com foco na peça *A Que Faz*. Foram adotados os métodos de análise semiótica, observação sistemática, utilizados para interpretar os elementos visuais e textuais da encenação, como cenário, figurino, maquiagem, iluminação e narrativas. O objetivo geral desta pesquisa é investigar de que maneira o teatro científico da UEPG, especialmente na peça '*A Que Faz*', integra elementos artísticos e científicos em sua narrativa visual e textual, analisando o potencial dessa integração para a divulgação e popularização da ciência. Especificamente, investiga-se como a composição visual, cenário, figurino, maquiagem, cenografia e cenas, refletem essa interação, bem como a maneira pela qual os elementos textuais, diálogos, músicas e narrativas, articulam conceitos científicos e linguagem artística. A pesquisa se apropria do objeto de estudo ao se inserir no processo criativo, conhecendo profundamente o roteiro de peça de teatro, realizando uma análise semiótica detalhada dos elementos visuais e textuais. Os resultados evidenciaram que a linguagem visual no teatro científico vai além do aspecto estético: ela comunica, emociona e traduz conceitos científicos em sensações, construindo uma ponte simbólica entre arte e ciência. Elementos como cenografia, figurinos, maquiagem e cores, aliados aos textos, músicas e narrativas, expressaram a ciência como prática situada, política e emocional, além de contribuírem para uma divulgação científica mais acessível, crítica e humanizada. A pesquisa também identificou mensagens emergentes que apontam para questões sociais como gênero, justiça ambiental e direito ao conhecimento. Para outras pesquisas, sugerem-se entrevistas com os criadores da peça e investigações da recepção pelo público, o estudo reafirma o potencial do teatro científico como prática educativa e poética de popularização da ciência. Esta pesquisa também reflete sobre o papel da fotografia como instrumento de registro, análise e divulgação no contexto do teatro científico, compreendendo a visualidade cênica como linguagem legítima de comunicação científica. Esta investigação revelou aspectos fundamentais sobre o potencial do teatro científico como ferramenta de educação e divulgação científica, demonstrando como a arte pode tornar a ciência mais acessível e estimulando reflexões sobre sua aplicação em contextos educacionais e culturais.

Palavras-chave: Teatro Científico; Arte e Ciência; Divulgação Científica; Linguagem Visual; Análise Semiótica

ABSTRACT

Theatre has historically been a space for reflection and the transmission of knowledge. In the context of science theatre, this relationship is intensified by bringing together artistic elements and scientific concepts within the same narrative. This research aims to explore the interaction between art and science in the context of the science theatre of the Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), located in Ponta Grossa, Paraná, Brazil. Based on a qualitative approach, the study seeks to answer the following research question: What does the visual language in science theatre reveal about the interaction between art and science? Data collection was carried out through photographic records, focusing on the play *A Que Faz*. The methods of systematic observation and semiotic analysis were adopted to interpret the visual and textual elements of the performance, such as set design, costumes, makeup, lighting, and narratives. The general objective of this research is to investigate how the scientific theater of UEPG, especially in the play “A Que Faz,” integrates artistic and scientific elements in its visual and textual narrative, analyzing the potential of this integration for the dissemination and popularization of science. Specifically, the study investigates how visual composition, set design, costumes, makeup, scenography, and scenes reflect this interaction, as well as how textual elements such as dialogues, music, and narratives articulate scientific concepts and artistic language. The research embodied the object of study by inserting itself into the creative process through the play's script, conducting a detailed semiotic analysis of its visual and textual elements. The results show that visual language in science theatre goes beyond aesthetics: it communicates, moves, and translates scientific concepts into sensations, building a symbolic bridge between art and science. Elements such as scenography, costumes, makeup, and colors, combined with texts, music, and narratives, expressed science as a situated, political, and emotional practice, contributing to a more accessible, critical, and humanized approach to science communication. The study also identified emerging messages addressing social issues such as gender, environmental justice, and the right to knowledge. For future research, interviews with the play's creators and audience reception studies are suggested. This study reaffirms the potential of science theatre as an educational and poetic practice for the popularization of science. This research also reflects on the role of photography as an instrument of recording, analysis, and dissemination in the context of scientific theater, understanding scenic visuality as a legitimate language of scientific communication. This investigation revealed fundamental aspects of the potential of scientific theater as a tool for science education and public outreach, demonstrating how art can make science more accessible and stimulating reflections on its application in educational and cultural contexts.

Keywords: Scientific Theater; Art and Science; Scientific Dissemination; Visual Language; Semiotic Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de cenário.....	12
Figura 2 – Desenho do figurino.....	13
Figura 3 – Esquema de maquiagem.....	15
Figura 4 – Saber em resistência.....	35
Figura 2.1 – Corpo, cena e conhecimento.....	44
Figura 3.1 – Ciência, poder e disputa narrativa.....	51
Figura 3.2 – Arte, ciência e capitalismo: encontros e tensões.....	63
Figura 4.1 – A pesquisa como percurso.....	65
Figura 5.1 – Rituais de Análise.....	72
Figuras 5.2 – Registro dos ensaios da peça “A Que Faz”.....	78
Figura 5.3 – Estreia da peça “A Que Faz”.....	79
Figura 5.4 – QR code da peça A Que Faz.....	81
Figura 5.5 – Personagem senhora e seu figurino.....	99
Figura 5.6 – Personagem Mulher.....	101
Figura 5.7 – Personagem Aprendiz.....	104
Figura 5.8 – Fotografia da personagem “Menina”	106
Figura 5.9 – Cena final, cachecol.....	109
Figura 5.10 – Figurino Masculino.....	111
Figura 5.11 – Maquiagem dos atores.....	113
Figura 5.12 – Narrativa Visual Encenada.....	115
Figura 5.13 – Narrativa visual encenada.....	119
Figuras 5.14 – Narrativa visual encenada.....	122
Figura 5.15 – Narrativa visual encenada.....	125
Figura 5.16 – Narrativa visual.....	127
Figura 5.17 – Imagem de Dolos.....	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 5.1 – Relatório de observação.....	76
Quadro 5.2 – 1ª Pesquisa: Potencial de Divulgação Científica na Peça “A Que Faz”.....	82
Quadro 5.3 – 2ª Pesquisa: Questões de Gênero na Peça.....	83
Quadro 5.4 – 3ª Pesquisa: Impactos da Exposição a Defensivos Agrícolas.....	84
Quadro 5.5 – 4ª Pesquisa: Questões Socioambientais na Música “O Rio Invertido”	86
Quadro 5.6 – Análise da Cena 11 “Laboratório”.....	88
Quadro 5.7 – Psicologia das Cores e seus Significados.....	94
Quadro 5.8 – Quadro de arquétipos da peça “A Que Faz” baseada nos conceitos de Jung (2016).....	96
Quadro 5.9 – Análise semiótica do figurino da senhora.....	99
Quadro 5.10 – Análise semiótica figurino da personagem Mulher.....	102
Quadro 5.11 – Análise semiótica Aprendiz.....	104
Quadro 5.12 – Análise semiótica do figurino da personagem “Menina”.....	107
Quadro 5.13 – Semiótica dos Cachecóis.....	109
Quadro 5.14 – Análise semiótica do figurino masculino.....	112
Quadro 5.15 – Análise semiótica das maquiagens.....	114
Quadro 5.16 – Análise Semiótica.....	117
Quadro 5.17 – Análise semiótica cenas de violência.....	119
Quadro 5.18 – Análise semiótica.....	122
Quadro 5.19 – Cenas de Dança.....	125
Quadro 5.20 – Análise semiótica do cenário.....	128
Quadro 5.21 – Análise completa da peça “A Que Faz”.....	129
Quadro 6.1 – Linguagem visual e textual como mediação entre arte e ciência no teatro científico.....	138
Quadro 6.2 – Lacunas da pesquisa e propostas para estudos futuros.....	141
Quadro 6.3 – Contribuições da pesquisa.....	142

LISTA DE SIGLAS

PPGECM	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
CAPS	Centro de Atendimento Psicossocial
GTC	Grupo de Teatro Científico
QR	Código de resposta rápida

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – ARTE E CIÊNCIA.....	35
CAPÍTULO 2 – TEATRO CIENTÍFICO.....	44
CAPÍTULO 3 – DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA.....	51
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA.....	65
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS DADOS.....	72
NOTAS DO AUTOR – DISCUSSÃO 1: VISUALIDADE, FOTOGRAFIA E CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA NO TEATRO CIENTÍFICO.....	137
NOTAS DO AUTOR – DISCUSSÃO 2.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS.....	144
APÊNDICE A – TEXTO DA PEÇA “A QUE FAZ”	150

INTRODUÇÃO

Além das Fronteiras: A Jornada de um Pesquisador em Arte e Ciência¹

Roteiro para teatro, escrito em abril e maio de 2024.

Autor: Fábio Vicente da Silva Santos

SINOPSE

Para Além das Fronteiras: Uma jornada de Conhecimento, onde os fios do destino se entrelaçam com os suspiros da memória. Nesta jornada, o pesquisador é guiado por personagens que transcendem o tempo, cada um, um elo na corrente da sua própria história. Cada passo, uma dança entre o lugar, a memória e o aprendizado, moldando o caminho até o cerne da pesquisa. Em sinfonia, a ciência e a arte se revelam nas conexões entre o mundo da mente e da matéria, guiando-nos para além das fronteiras do entendimento.

Nas formas e cores que surgem ao clique,
assim como nas linhas que tecem narrativas,
o lugar se desnuda, ora imagem, ora ideia
Revelando sua essência em cada arte apresentada.

A arte, livre, flui como intuição que sente,
ecoando verdades profundas, muitas vezes invisíveis.
A ciência, exata, busca conter o mundo em fórmulas,
medindo a realidade com o rigor das evidências.

No traço do artista, a paisagem ganha alma;
na lente do cientista, ela se converte em dado.
Entre liberdade e precisão, poesia e prova,
habita o pesquisador que atravessa fronteiras
com olhos abertos e perguntas inteiras.

Fábio Vicente da Silva Santos

¹ A dissertação foi elaborada na forma de um roteiro teatral, incorporando elementos como rubricas, personagens e falas, assim como expressão de sentimento e descrição de cena estarão nos colchetes. O diálogo com referenciais teóricos é entrelaçado ao longo do texto, integrando-se às cenas previstas no roteiro.

Figura 1 – Esquema de cenário



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2024).

Nota: Esboço inicial realizado com lápis de cor sobre papel, digitalizado e refinado com intervenções digitais para realce de traços, cores e composição.

O cenário da peça é composto por uma fachada de casa que simboliza o conceito de lugar, adornada com fotografias emolduradas, nelas a foto de *Milton Santos* e *Frida Kahlo*. Essas fotos, representando conexões com a arte, geografia, fotografia, artes plásticas e ciência, reforçam as características dos personagens e sua relação com o conhecimento científico. Os elementos artísticos no cenário enriquecem a narrativa, sublinhando a intersecção entre suas vidas e a ciência.

Figura 2 – Desenho do figurino



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Nota: Obra desenvolvida com técnica mista: inicia-se com desenho e pintura manual em lápis de cor, seguido de digitalização de foto e finalização em pintura digital, integrando texturas analógicas com retoques digitais para aprofundar luzes, sombras e detalhes.

Na mitologia grega, personagens como Céos, Mnemosyne, Hermes e Dolos possuem significados simbólicos que refletem aspectos fundamentais da linguagem e da comunicação. Céos, um dos Titãs, está associado à inteligência e à busca pelo saber celeste. Mnemosyne é a personificação da memória, elemento essencial para a preservação e transmissão dos conhecimentos. Hermes, mensageiro dos deuses, simboliza a comunicação, a mediação entre os planos e a fluidez da linguagem (Brandão, 2005).

Hermes, representando o conhecimento geográfico, veste um chiton em tons de azul e verde com detalhes dourados, que reforçam suas características ligadas à geografia. Ele usa sandálias gregas com asas nos pés, um caduceu, e um adorno em formato de asas douradas na orelha. Mnemosyne, a personificação da memória, veste um vestido branco com um capuz roxo claro, detalhes em roxo escuro, botas pretas e detalhes dourados, que sublinham sua conexão com o místico. Céos, o deus do conhecimento, está vestido com um chiton longo branco com detalhes dourados, simbolizando o saber. O personagem principal, Fábio, o pesquisador, veste um blazer com mescla de laranja a roxo, sugerindo transformação através do conhecimento, uma camiseta preta e sapatos pretos.

Figura 3 – Esquema de maquiagem



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Nota: Ilustração desenvolvida manualmente com lápis de cor e finalizada digitalmente no Photoshop, com aplicação de luz, sombra e realces para aprimorar os detalhes.

A partir da Psicologia Analítica de *Carl Gustav Jung* e dos estudos de *Eva Heller*, compreendemos que as cores e os símbolos não são meros elementos estéticos, mas expressões significativas que emergem tanto do inconsciente coletivo quanto de construções culturais, históricas e psicológicas. *Heller* defende que a relação entre as cores e os sentimentos não é fruto do acaso, mas resultado de associações construídas socialmente ao longo do tempo (Heller, 2013). Da mesma forma, Jung (2016) afirma que os arquétipos se manifestam por meio de imagens simbólicas que carregam conteúdos universais, atravessando culturas, mitologias e narrativas, revelando aspectos profundos da psique humana.

Nesse sentido, o trabalho de Lopes (2024) amplia essa compreensão ao situar as cores também como constituintes da experiência geográfica existencial. Para o autor, a cor é o primeiro signo do mundo visível, antecedendo inclusive as formas, sendo resultante da relação entre a luz, o corpo percipiente e o espaço vivido. Ele propõe o conceito de

cromografia, uma escrita da cor enquanto linguagem geográfica, em que cada tonalidade articula dimensões culturais, simbólicas e naturais do território. Assim como Jung (2016) enxerga nos símbolos uma ponte entre o inconsciente e a consciência, Lopes reconhece nas cores a ponte entre a Terra e o Mundo, entre a materialidade da paisagem e sua significação. As cores, portanto, revelam paisagens interiores e exteriores, sendo meios pelos quais a percepção, a memória afetiva e a cultura se manifestam geograficamente (Lopes, 2024).

No teatro, essas imagens ganham corpo, literalmente, por meio da maquiagem, do figurino e da encenação, tornando-se veículos de sentidos arquetípicos que dialogam com o espectador em um nível muitas vezes inconsciente. É por isso que, ao analisarmos a construção visual dos personagens, possamos estabelecer relações simbólicas com os arquétipos *Junguianos*.

Por exemplo, Hermes é representado com maquiagem em tons de amarelo e azul-escuro. À primeira vista, essas cores parecem simples; contudo, sob uma interpretação simbólica, tornam-se caminhos de significado. Para Jung, o amarelo está associado à luz do intelecto, à iluminação da mente e à expansão da consciência, simboliza a razão em movimento, a busca pelo sentido (Jung, 2016). Por outro lado, o azul-escuro remete à introspecção, à profundidade e ao mistério, aspectos ligados ao inconsciente e à sabedoria arquetípica. A combinação dessas cores evoca o que Hermes representa: o mensageiro entre mundos, o condutor entre o consciente e o inconsciente, o viajante dos limites. Os traços dinâmicos na maquiagem, que remetem ao vento ou deslocamento, reforçam essa leitura: Hermes é aquele que transita entre ideias, movimenta narrativas e leva o conhecimento a lugares ainda não alcançados (Jung, 2016).

No caso de Mnemosyne, a maquiagem é composta por sombra amarela nos olhos, detalhes rosados e riscos lilases irregulares. Essa fragmentação cromática fala da memória, entendida, não, como algo linear, ou coeso, mas como uma tecelagem fragmentada e sensível. Para Jung, o amarelo representa a clareza racional, mas também a lembrança e a iluminação interior, aquilo que surge do inconsciente como uma revelação (Jung, 2016). Os traços assimétricos e os riscos desconexos não são falhas, mas manifestações poéticas da memória, que revelam sua natureza fluida e por vezes caótica (Jung, 2016). O batom roxo, tradicionalmente associado ao sagrado, ao oculto e ao espiritual, reforça sua função como arquétipo da memória ancestral, aquela que nunca se apaga, somente se disfarça nos detalhes (Jung, 2016).

Já Céos apresenta, no olho esquerdo, um detalhe marcante: uma rosa-dos-ventos apontando para o norte. Na perspectiva da psicologia analítica, esse símbolo evoca o arquétipo da orientação, uma consciência que busca alinhar-se com o sentido profundo da existência (Jung, 2016). Sua paleta de cores, azul, roxo e amarelo, sintetiza três dimensões essenciais da percepção: o azul, profundo e introspectivo, que remete ao inconsciente; o roxo, que transita entre o terreno e o espiritual, conectando saberes diversos; e o amarelo, que ilumina, revela e nomeia (Jung, 2016). Assim, Céos personifica o arquétipo do Sábio, símbolo do conhecimento, da ordem e da luz orientadora. A rosa-dos-ventos, além de ser um ornamento, funciona como uma bússola simbólica que indica o caminho para a verdade (Jung, 2016).

Portanto, tais escolhas cromáticas e simbólicas não servem somente para caracterizar visualmente os personagens, mas gravam, em seus rostos, a linguagem do mito e do arquétipo. Jung, ensinou que o símbolo é a ponte entre o visível e o invisível; nesta perspectiva, o teatro assume esse papel ao traduzir, pela estética, aquilo que a psique profunda deseja comunicar (Jung, 2016).

Entretanto, essa dimensão simbólica não exclui o caráter investigativo da cena. Ao contrário, a linguagem teatral também pode operar como espaço de reflexão e produção de conhecimento. A aproximação entre dramaturgia e discurso científico encontra respaldo em Brecht (1978), especialmente quando o autor afirma que o teatro possui “plena liberdade de se recrear com temas de ensino ou investigação”, concebendo a cena como espaço de reflexão crítica e produção de conhecimento.

Nesse mesmo sentido, as imagens que atravessam esta dissertação, especialmente as ilustrações que abrem os capítulos, não operam como meros recursos visuais ou elementos decorativos. Elas são parte do próprio percurso metodológico. Assim como a escrita dramática e a construção dos personagens, essas imagens também investigam. Produzidas a partir de processos artísticos que articulam símbolo, cor e narrativa, elas funcionam como extensões da análise, acionando dimensões sensíveis e interpretativas do conhecimento. Ao dialogarem com os conceitos mobilizados ao longo do texto, aproximam-se do que se compreende como pesquisa baseada na prática, em que criar e investigar tornam-se movimentos indissociáveis (Irwin; Springgay, 2008). Desse modo, texto e imagem não se separam: juntos, constroem uma linguagem que não apenas descreve o objeto de estudo, mas o performa em diferentes camadas de sentido.

[Abertura – Contra-luz e Silêncio]

[Luzes totalmente apagadas. Silêncio. Uma luz de contraluz acende lentamente ao fundo, revelando somente a silhueta de uma figura indefinida no centro do palco. A sombra parece observar, imóvel. Em poucos segundos, essa figura desliza para fora do palco à direita, lentamente, sem fazer som algum. Assim que ela desaparece, Fábio entra pela esquerda, trazendo um projetor portátil. A cena 1 se inicia.]

Cena 1: Raízes

[O ator caminha pelo palco com passos lentos, como quem pisa em lembranças. Mnemosyne, envolta por uma luz suave, surge ao fundo, sua presença é brisa e tempo.]

Fábio: Nasci em Assis Chateaubriand, oeste do Paraná. Lá estão as raízes da minha família, e foi ali que brotaram os primeiros sonhos, sementes de um futuro ainda em germinação.

Mnemosyne: Assis Chateaubriand... um lugar que pulsa em ti. Cada esquina guarda ecos da tua origem. Estou aqui para te lembrar: nada se perde no tempo, tua memória é testemunha e mapa. Fale, cada detalhe que você disser já vive em mim antes mesmo de você pronunciá-lo.

Fábio: Cresci na periferia. O cotidiano era simples, mas pleno de pequenas conquistas. Apreendi a ler o mundo pela natureza e pelas histórias que minha família me contava. Minha mãe dizia: “Estuda, meu filho. O saber é caminho.” Esse conselho ecoa em mim até hoje.

Mnemosyne: Os conselhos maternos são sementes de resistência. São eles que te moldaram, e resistir também é lembrar.

Fábio: O Bolsa Família foi farol. Graças a ele tive acesso à educação, livros e algum conforto. Mas também houve sombras: o bullying pela aparência e condição social marcou minha pele e meu silêncio. Foi ali que o capitalismo mostrou seus dentes.

Fábio Comparato nos lembra que esse sistema molda profundamente a estrutura social, gerando desigualdades profundas (Comparato, 2011).

Mnemosyne: Sim... o capitalismo, com seus fios invisíveis, entrelaça corpos, escolhas, silêncios. A memória também denuncia.

Fábio: Ainda no ensino médio, comecei a trabalhar. Mudei para o turno da noite. Conheci outra realidade, colegas mais velhos, trabalhadores. A vida me ensinava o que os livros ainda não diziam.

Mnemosyne: Aprender no corpo é também um tipo de escrita. Cada jornada deixa marcas, e tu as carregas com lucidez.

Fábio: Desde pequeno, a arte foi meu refúgio.

Thelma Lopes afirma que a arte conecta o ser humano ao universo, permitindo circular experiências e ideias (Lopes, 2005).

Desenhar era mais que passatempo, era manifesto, catarse, visão.

Fayga Ostrower diz que a criatividade é um potencial de todo ser humano, e eu a encontrava nas cores que me escapavam pelos dedos (Ostrower, 2008).

Mnemosyne: Tua arte é memória viva. É ciência do sentir, tão próxima da ciência do pensar.

Fábio: Meus professores falam sobre essa ponte entre ciência e arte. E há um conceito que carrego com carinho: Yi-Fu Tuan nos diz que “lugar é uma área com significado afetivo” (Tuan, 1983).

Assis Chateaubriand não é só um ponto no mapa, é abrigo de afetos.

Cheiros, paisagens, o gosto da ciriguela colhida no quintal da vizinha.

As histórias da minha avó, sussurros mágicos no tempo.

As festas de São João, com danças, canções e chá de chocolate aquecendo mãos e almas.

Até as sodinhas furadas para durar mais tempo, tudo isso são relicários da infância.

Mnemosyne: Ah... esses lugares afetivos são mapas da tua alma. Tua identidade brota deles como um rio da nascente.

Fábio: A casa de madeira onde cresci, os desenhos animados, o curso de pintura em tecido que pagou meu curso de informática.

Tudo isso apontava para um caminho: a geografia.

Uma ciência que me permite compreender a dança entre natureza e sociedade, entre território e existência.

Mnemosyne: Essas memórias não são somente lembranças, são alicerces. São tua matéria-prima, tua pesquisa, tua poesia.

Fábio: [Fábio fica em silêncio. Fecha os olhos por um instante.]

[A luz se apaga lentamente, ficando somente sobre ele. Escurece por completo.]

Cena 2: A Geografia da Vida

[Luzes em tons dourados e azulados iluminam o palco. Mnemosyne está diante de um grande mapa antigo, os dedos deslizando suavemente sobre os contornos dos continentes. Hermes entra, sandálias aladas vibrando levemente, o caduceu pulsando luz. Fábio observa em silêncio por um instante.]

Mnemosyne: *[olhando o mapa]* A memória não é só lembrança... é território. Cada passo teu gravado aqui *[toca a cabeça de Fábio]* como rios que esculpem a paisagem de um ser.

Hermes: A viagem não é só deslocamento. É transformação. Cada cidade, cada encontro, redesenha o mapa interno.

Fábio: Foi isso que a Geografia me revelou: um espaço que é ação, paisagem que é narrativa. Como ensinou *Milton Santos*, pela leitura de Antonio Bernardes, o espaço é feito de sistemas, objetos e intenções. A Geografia, para mim, sempre foi resistência e revelação (Bernardes, 2020).

Mnemosyne: E por que essa escolha?

Fábio: Porque eu precisava compreender o mundo. Em 2007, a Geografia me encontrou. Fui movido pelo desejo de justiça, pela inquietação social, pela sede de verdade. Não era só profissão... era destino.

Hermes: Mas o caminho não foi fácil.

Fábio: Não. O sonho era a Arte, mas o Capital impôs barreiras. Trabalhei no balcão do Comercial Esperança de 2003 a 2012, enquanto economizava e sonhava. Viajei. Argentina, Bolívia, Paraguai... E ironicamente, nunca visitei o parque de Vila Velha em Ponta Grossa-Pr, que hoje é meu lar devido ao mestrado.

Hermes: As estradas, por vezes, nos levam ao início por atalhos inesperados.

Mnemosyne: E o que tu guardas dessas experiências?

Fábio: Tudo. Fiz meu TCC sobre piscicultura, formei-me em 2009 no CTESOP. Depois, especializações: gestão ambiental, educação inclusiva, arte e educação. A tecnologia transformava tudo, inclusive a mim. Fui testemunha da virada do tempo, do telefone discado à inteligência na palma da mão.

Mnemosyne: Memória que evolui... mas ainda se reconhece no espelho.

Fábio: Sim. E havia um palco. Um jovem queer em cidade conservadora, tentando existir sem performar para sobreviver. Mutante, como nos X-Men. A arte sempre presente, nos cursos, nas vivências. O teatro, ali, silencioso, esperando sua hora.

Hermes: E chegou o tempo.

Fábio: Compreendi que minha jornada era também epistemológica. Como defende *Paul Feyerabend*, pela voz de Regner, a ciência precisa de liberdade, de experimentação. Minha vida foi esse experimento: educação, arte, fotografia, ensino (Regner, 1996).

Mnemosyne: Não é acaso. É coerência. És feito de memória, justiça e descoberta.

Fábio: Foi a memória que me fez persistir. A fotografia me deu olhos novos. O ensino, voz. A Geografia, chão. E agora, o teatro... o palco onde finalmente posso ser inteiro.

Hermes: E a jornada continua. Com cada passo, mais verdade, mais sentido, mais coragem.

[Luz se concentra nos três. O mapa agora pulsa como se vivo, respirando memórias e trajetos.]

Cena 3: Arte e Ciência em Harmonia

[A luz suave revela Fábio sentado sobre uma pedra. A brisa parece soprar levemente, trazendo consigo vozes do passado e do futuro. Mnemosyne e Hermes permanecem em cena. Mnemosyne carrega um pergaminho; Hermes segura seu caduceu e veste suas sandálias aladas.]

Fábio: Na confluência entre arte e ciência, encontrei meu lugar. Octavio Ianni dizia que ambas são formas de ler o mundo, moldadas pela cultura e pela história — não rivais, mas irmãs na construção de sentidos (Ianni, 2004).

Mnemosyne: [aproxima-se e toca levemente a cabeça de Fábio] Memória viva. Tua jornada é feita de fragmentos costurados pelo tempo. A arte e a educação te guiaram como um fio de ouro através do labirinto.

Fábio: [olhando para as próprias mãos] Nos anos do programa “Mais Educação”, ensinei com o corpo e com a alma: fanfarra, flauta, violão, capoeira... e geografia. Apreendi tanto quanto ensinei.

Hermes: [andando em círculos suaves, como quem percorre estradas invisíveis] A comunicação, os percursos, os encontros... São eles que te moldaram, Fábio. Sou o mensageiro entre os mundos, mas também sou o mapa. E teu mapa se desenhou em cada passo.

Fábio: É verdade. Quando as aulas rarearam em 2017, numa cidade pequena, foi a arte quem me acolheu. Fui chamado para dar aulas de desenho na Casa da Cultura, meus traços compartilhados nas redes se tornaram portas.

Mnemosyne: Cada rosto, cada expressão, é agora parte de ti. Eu os guardo.

Fábio: [em tom mais emotivo] Ali, entre pincéis e pessoas em vulnerabilidade nos CAPS, entendi mais sobre dor, resiliência e afeto. O social sempre me atravessou. E foi ali, em 2019, que fotografei pela primeira vez com minha câmera, e não parei mais.

Mnemosyne: [sorri com doçura] A fotografia... memória cristalizada em luz. Fragmento do tempo, guardado para resistir ao esquecimento.

Fábio: Mas não foi fácil. Vieram críticas, dúvidas sobre meu caminho como educador-artista. Ainda assim, continuei. Minha bússola é a busca por justiça, por verdade. Quero um conhecimento que seja ponte, não privilégio.

Hermes: [interrompe, com leve indignação] A geografia da vida também passa por zonas de risco, Fábio. E 2018 foi um terremoto. As urnas revelaram fantasmas. A polarização corroeu as pontes.

Fábio [relembra, com dor e firmeza] Sim, Hermes. Senti medo. A política virou campo de guerra. Argon e Gonçalves explicam bem: a polarização alimenta o autoritarismo, enfraquece o diálogo e ameaça as conquistas sociais. (Argon; Gonçalves, 2022)

Mnemosyne: [se aproxima novamente] Não te esqueças: resistir é também lembrar. Preservar o que importa. Honrar os que vieram antes e os que virão depois.

Hermes: [com solenidade] Fábio, sou Hermes, ponte entre mundos, deus dos caminhos e das mensagens. Sou tua geografia, teus deslocamentos, teus encontros. Em cada migração, em cada sala de aula, fui eu quem te guiou.

Mnemosyne: [erguendo o pergaminho] E eu sou Mnemosyne, mãe das musas, guardiã da memória. Cada imagem tua, cada lembrança, vive aqui, e é com elas que construirás o amanhã.

Fábio: [se levantando da pedra, com olhar decidido] Sim... Sou feito dessas trilhas, dessas imagens, dessas vozes. E sigo. Porque o saber é de todos. Porque a arte é a chama. E a ciência, o caminho.

[A luz cresce, banhando os três em uma auréola dourada. Eles caminham lentamente em direção ao fundo do palco, como se seguissem rumo a um novo horizonte. A cena termina.]

Cena 4: Desafios e Superações

[Um novo personagem entra em cena: Céos, o Deus do Conhecimento, emanando uma presença imponente e reconfortante.]

[O palco mergulha em penumbra. Uma luz tênue ilumina Fábio, que caminha lentamente, como quem carrega um peso invisível. Do alto, uma presença luminosa começa a se formar, é Céos, o deus do conhecimento científico, imponente como uma montanha antiga, mas com olhos que brilham com humor e lucidez. Inspirado no titã grego Céos, ele representa a inteligência, a racionalidade e a busca pela verdade. Sua fala é firme e profunda, mas seu espírito é leve, como quem carrega o fardo do saber com alegria.]

Fábio: [Refletindo em voz alta] A vida é uma jornada repleta de desafios e superações. A pandemia da COVID-19, que começou em 2019, trouxe consigo uma maré de desinformação e incerteza.

Fiquei desamparado... sem saber que direção seguir.

[Surge Mnemosyne, a deusa da Memória, filha de Urano e Gaia, aquela que guarda os acontecimentos do mundo e alimenta a sabedoria com lembranças vividas.]

Mnemosyne: A memória nos lembra das dificuldades que enfrentamos, das lutas travadas e das superações alcançadas.

Fábio: [Com perplexidade crescente] O caos se instaurou. E com ele, ideias antes descartadas, como a Terra plana, ressurgiram como espectros zombeteiros.

Negacionismo, teorias da conspiração, ataques à ciência... Foi então que compreendi, como nos lembra Charles Tilly, que o acesso ao conhecimento científico é essencial para o bem-estar, a liberdade e o desenvolvimento das pessoas. Negar a ciência é negar o direito de viver com dignidade. (Tilly, 2006)

[A luz se intensifica e revela Céos, o Deus do Conhecimento, vestido com um manto azul-escuro pontilhado de constelações. Ele caminha com autoridade, mas sorri como quem se diverte ao ensinar.]

Céos: Ah, meu caro Fábio... O conhecimento é a luz que dissipa as sombras da ignorância.

Sou Céos, o antigo titã da inteligência e da clareza.

Onde há dúvida, trago método.

Onde há escuridão, levo a centelha da razão.

Como bem destaca Caldas, a divulgação científica é um ato de democracia, tornar o saber acessível é também um ato de amor à humanidade (Caldas, 2010).

Fábio: [Firmando sua postura] Sim, e há mais... O mundo vive sob os efeitos da chamada guerra híbrida.

Fernandes explica que se trata de uma estratégia que mistura desinformação, ataques cibernéticos e narrativas distorcidas, para enfraquecer nações e dividir sociedades. (Fernandes, 2016)

Céos: E é aí que entramos nós, educadores, cientistas, artistas e sonhadores, a divulgação científica torna-se escudo e espada contra os exércitos da ignorância.

Carl Sagan nos alerta que a sociedade contemporânea tornou-se profundamente dependente da ciência e da tecnologia, enquanto grande parte da população possui pouco conhecimento sobre esses campos, o que pode gerar sérias consequências. (Sagan, 2006).

Fábio: [Comovido] A chegada das primeiras notícias sobre um novo vírus transformou tudo ao meu redor.

Medo, isolamento, angústia...

Até que ouvi uma frase de um psicólogo que me atravessou:

“Para quem não sabe aonde ir, qualquer caminho serve.”

Naquele instante, compreendi a importância de buscar ajuda, de estudar, de me reinventar.

[Mnemosyne se aproxima de Fábio com suavidade. A luz que dela emana agora é morna e serena, como um abraço de despedida.]

Mnemosyne: Meu querido, chegou o momento da despedida. Foi uma honra guiar-te através dos salões da tua própria história.

Fábio: [Com gratidão nos olhos] Mnemosyne, você foi minha companheira mais silenciosa, guardando cada imagem, cada som, cada sensação vivida. Graças a você, não me perdi de mim mesmo.

Mnemosyne: Lembre-se: cada cicatriz é uma página escrita. Cada superação, uma memória pulsante. E mesmo longe... serei sempre sua memória.

[Ela o toca pela última vez no ombro. Uma aura dourada a envolve e, pouco a pouco, ela desaparece como uma brisa antiga.]

Cena 5: Rumo ao Desconhecido

[Fábio, imerso em seus pensamentos, reflete sobre suas experiências enquanto a luz ilumina seu rosto.]

[Luz tênue banha o rosto de Fábio, que caminha lentamente, como quem revisita lembranças vivas.]

Fábio: Entre 2022 e 2023, vivi meu último ano como professor em Toledo. Foi um tempo de transição...

Desenvolvi um projeto integrando arte, geografia e educação especial.

Sempre acreditei na arte como ponte de aprendizagem, exibí filmes, provoquei a criação de pôster, escrevi um artigo,

“A utilização da arte como estratégia de ensino em geografia”.

Mas... nem tudo foi poesia.

No fim de 2022, com as eleições, os debates em sala tornaram-se tensos.

Havia resistência, desinformação, um silêncio forçado...

A ciência era posta à prova, e os alunos, muitas vezes, não queriam ouvir.

[Céus surge entre sombras e livros empilhados, com olhar firme.]

Céus: Como nos alertam Affine e Veronezzi (2023), em tempos de crise como a pandemia, o negacionismo se espalha com teorias conspiratórias e mentiras sobre vacinas. É aí que a geografia crítica se ergue, como bússola ética e pedagógica. Ela promove consciência e engaja a comunidade na promoção da ciência e da verdade (Affine; Veronezzi, 2023).

[Fábio respira fundo, como quem toma coragem.]

Fábio: Nesse mesmo tempo, dei outro passo: passei no processo seletivo do mestrado na UEPG, em Ensino de Ciências e Educação Matemática. Em agosto de 2023, deixei a cidade quente de Toledo e fui acolhido pelo frio e beleza de Ponta Grossa. A mudança de território não representou apenas uma transformação geográfica, mas também afetiva e simbólica. Os lugares carregam dimensões simbólicas e afetivas capazes de produzir identificação, pertencimento e memória (Genovez; Souza, 2019).

[Uma brisa atravessa o palco como um sussurro de despedida.]

Fábio: As lágrimas marcaram minha partida, mas fui envolvido pelo carinho dos alunos. Aqueles rostos, aquelas histórias... Levo tudo comigo.

Toledo ficará em minha memória como um lar.

Agora, sigo rumo ao desconhecido, onde a ciência, a arte e o sonho continuam a me guiar.

[Fábio olha para o horizonte. Uma luz dourada ilumina o palco enquanto a cena se encerra em silêncio e expectativa.]

Cena 6: Entre a Arte e a Ciência: Uma Jornada de Descoberta no Teatro Científico

[Luz suave sobre Fábio. Ele se levanta, olhos brilhando de entusiasmo. Céos emerge das sombras, sereno.]

Fábio: Céos! Que alegria vê-lo de novo. Estou mergulhado numa nova trilha: o teatro científico. Mais do que explicar conceitos, ele instiga reflexões, emoções, dilemas éticos e o contexto social da ciência. Como dizem Moreira e Marandino (2015), essa prática humaniza o conhecimento, ampliando a divulgação e a alfabetização científica ao apresentar outras formas de ver o mundo (Moreira; Marandino, 2015).

Céos: Jovem pesquisador, essa jornada honra a sabedoria. Unir arte e ciência é expandir os horizontes do possível.

Fábio: A peça “A Que Faz” foi meu ponto de partida. Um espetáculo que entrelaça arte e ciência com sensibilidade e força. É fascinante como essas linguagens se complementam.

Céos: Quando arte e ciência se encontram, a verdadeira magia acontece. São fios da mesma tapeçaria.

Fábio: É isso que quero investigar. O que a linguagem visual do teatro científico revela sobre essa fusão? A cenografia, o figurino, a maquiagem, tudo fala. E eu estive lá, fotografando, ensaiando, auxiliando no cenário.

Céos: Para que usará essas imagens?

Fábio: Utilizarei a análise semiótica e observação sistemática, com foco na peça “A Que Faz”. O objetivo é compreender de que forma a linguagem visual no teatro científico expressa a relação arte e ciência e contribui para divulgação científica. Vou observar elementos visuais relacionados a narrativos, cenário, texto, música, figurino, maquiagem, e organizá-los numa análise semiótica.

Céos: E o que “A Que Faz” lhe ensinou sobre essa relação?

Fábio: Ela é um espelho sensível da realidade. Aborda ciência, arte e empoderamento feminino com poesia e profundidade.

Céos: Quando a arte se entrelaça com a ciência, expande a perspectiva sobre o mundo.

Fábio: E é isso que busco: tornar o conhecimento mais acessível, sensível, humano.

Céos: Caminhe com coragem. Sua missão é luz em tempos de sombras.

[Fábio encara o horizonte com firmeza. Céos sai da cena lentamente.]

Cena 7: Despertando para a Realidade Virtual

[Fábio, imerso em reflexão, ergue os olhos para o personagem Céos, buscando orientação.]

[Um feixe de luz ilumina a figura de Céos, emanando sabedoria ancestral.]

Fábio: [com uma expressão sombria] Céos, as palavras de Rosane Cristina de Oliveira, Jacqueline de Cássia Pinheiro de Lima e Raphael Fernandes Gomes ecoam como um trovão em meu ser. As redes sociais, esse labirinto virtual, são terrenos férteis para o cultivo do ódio e da violência contra as mulheres (Oliveira; Lima; Gomes, 2018).

Céos: [com uma voz grave] De fato, jovem aprendiz. Segundo Oliveira, Lima e Gomes o anonimato, a cultura machista, distorções da liberdade de expressão... todos esses elementos criam um caldo de cultivo para a disseminação do mal (Oliveira; Lima; Gomes, 2018).

Fábio: [com pesar] E ainda mais profundo, conforme os três autores, o poder masculino, essa sombra que paira sobre a dignidade feminina. A teoria de gênero desvenda as engrenagens desse sistema opressor (Oliveira; Lima; Gomes, 2018).

Céos: [com solenidade] A desigualdade de gênero é uma ferida que sangra em nossa sociedade. É nosso dever compreender e desafiar essas dinâmicas de poder.

Fábio: [com uma centelha de esperança] E é isso que “A Que Faz” também visa fazer. A peça lança um olhar afiado sobre as injustiças sociais, convidando o público a refletir e a agir.

Céos: [com uma inclinação de cabeça] A educação e o conhecimento são as armas mais poderosas nessa batalha. A peça ecoa com suas próprias experiências, inspirando-o em sua jornada.

Fábio: [com determinação] Sim, como um geógrafo, vejo como a peça ecoa com as questões ambientais, sociais e culturais que estudei. Ela ressoa com minha busca pela verdade.

Céos: [com uma expressão de aprovação] Sua pesquisa amplia a compreensão da relação entre arte e ciência.

Fábio: [com gratidão] Obrigado, Céos, por sua orientação sábia. Que minha jornada continue a desbravar as profundezas da consciência, promovendo a educação multidisciplinar e o diálogo entre os campos do saber.

[Fábio se levanta, com uma nova determinação em seu coração. Enquanto Céos se dissolve na luz, o brilho do conhecimento permanece como guia em sua jornada.]

Cena 8: A Promessa de Novos Horizontes

[As luzes se apagam lentamente, deixando o palco envolto em sombras. Mas no silêncio, há uma promessa de novos começos e infinitas possibilidades.]

[A figura do personagem Céos emerge das sombras, sua presença imponente e reconfortante.]

Fábio: [em meio à escuridão] Céos, neste mundo mergulhado em sombras, a luz do conhecimento parece cada vez mais distante.

Céos: [com serenidade] Jovem aprendiz, mesmo nas trevas mais densas, há sempre uma centelha de esperança. Mas sim, a desinformação e o ódio tornam-se cada vez mais presentes.

Fábio: [com pesar] A era da informação deveria ser um marco de progresso, mas parece que nos afogamos em um oceano de mentiras e intolerância. As guerras, o negacionismo climático, o preconceito... Tudo parece estar à beira do abismo.

Céos: [com uma expressão de compreensão] De fato, jovem pesquisador. O negacionismo climático é uma sombra que paira sobre nosso futuro, uma estratégia complexa de impedimento da governamentalização ambiental.

Por exemplo, Segundo Jean Carlos Hochsprung Miguel, o negacionismo climático não se limita somente à negação dos fatos científicos do aquecimento global, mas constitui uma estratégia complexa de impedimento da governamentalização ambiental, envolvendo uma variedade de discursos, instituições e práticas. No contexto brasileiro, essa abordagem é evidenciada mediante diferentes visões de mundo, particularmente a visão liberal conservadora, que visa obstruir os esforços de políticas ambientais. Figuras proeminentes, como *José Carlos de Almeida Azevedo e Luiz Molion*,² desempenham papéis fundamentais na

² José Carlos de Almeida Azevedo é um físico que participou de debates sobre as mudanças climáticas e sua relação com o desmatamento durante uma audiência pública em novembro de 2009, a convite do deputado federal Luiz Carlos Heinze, líder da bancada ruralista. Ele desafia as evidências científicas sobre as mudanças climáticas, defendendo a ideia de que o aquecimento global não é um fato cientificamente comprovado e que não está relacionado ao desmatamento. Azevedo argumenta que o clima da Terra é governado pelo Sol e que as questões climáticas são geopolíticas, sem base científica. Ele também é mencionado por promover o negacionismo climático ao compartilhar trabalhos que questionam as mudanças climáticas e sugerir a leitura de relatórios de instituições negacionistas (Miguel, 2022). Luiz Molion é um dos brasileiros mais solicitados para divulgar as ideias do negacionismo climático nas redes de produtores rurais. Ele é conhecido por dar palestras

disseminação dessa narrativa, que muitas vezes é apoiada pela mídia e por grupos do agronegócio (Miguel, 2022).

Essa articulação vai além do discurso e envolve uma rede de atores e instituições, destacando a natureza estratégica do negacionismo.

Fábio: [com determinação] Jean Carlos Hochsprung Miguel descreve como figuras proeminentes alimentam essa narrativa distorcida, como *José Carlos de Almeida*, eles são os arautos da desinformação, os manipuladores das massas. Por isso a democratização da ciência se faz necessária (Miguel, 2022).

Céos: [com uma inclinação de cabeça] Neste sentido a divulgação científica é algo fundamental. Segundo Amanda Séllos Rodrigues, Flavia Lage Pessoa da Costa e Marcelo Diniz Monteiro de Barros, nestes tempos sombrios, a divulgação científica se torna essencial para combater a desinformação e tornar a ciência acessível ao público (Rodrigues; Costa; Barros, 2021).

Fábio: [com uma centelha de esperança] Sim, a divulgação científica é nossa lanterna na escuridão, guiando-nos através das trevas da desinformação. Ela capacita as pessoas a discernir entre verdade e mentira, a abraçar o pensamento crítico.

Céos: [com aprovação] Sua pesquisa é importante porque ajuda a construir conhecimento. Isso significa que você está iluminando os caminhos da verdade, promovendo a educação e a consciência.

Fábio: [com gratidão] Obrigado, Céos, por ser minha luz neste caminho tortuoso, o teatro científico se mostra como uma ferramenta importante neste processo. Que nossa jornada continue a desbravar os horizontes do conhecimento, enfrentando as sombras com coragem e sabedoria.

[Enquanto Céos se dissolve na escuridão, a promessa de novos começos ecoa no teatro, uma luz de esperança em meio às trevas.]

Cena 9: A Luz da Compreensão

[O palco é banhado por uma luz tênue, como se a aurora do conhecimento estivesse prestes a romper. Céos surge lentamente, envolto por um halo de sabedoria.]

em diversos estados brasileiros, contratado por empresas do agronegócio e associações de produtores, prefeituras e governos estaduais (Miguel, 2022).

Fábio: [com firmeza] Céos, vivemos tempos sombrios. A ignorância e o negacionismo rondam como espectros. Sinto em mim o chamado para acender luzes.

Céos: [sereno] É na escuridão que mais ansiamos pela chama do saber. A ausência do pensamento crítico é o verdadeiro perigo de nossa era.

Fábio: [olhando para o alto, com intensidade] Carl Sagan dizia: “A ciência é mais do que um corpo de conhecimentos: é uma maneira de pensar.” — E é isso, Céos! Não basta repetir fórmulas ou decorar conceitos. Precisamos formar mentes que questionem, que duvidem, que compreendam. Ensinar ciência é ensinar liberdade (Sagan, 2006).

Céos: A arte, quando aliada à ciência, é ponte e farol. No teatro científico, essa união se torna carne, gesto, emoção.

Fábio: [com paixão] Justamente. O teatro científico me ensinou ser possível tocar corações e despertar mentes. Ele rompe bolhas, escapa dos algoritmos e propõe encontros reais com o conhecimento. É uma chance de provocar reflexão crítica — inclusive sobre a própria ciência.

Céos: Você caminha para além do palco. Está construindo um espaço onde ciência e sensibilidade podem transformar. E isso exige coragem.

Fábio: [com gratidão] Obrigado, Céos. Que essa luz que buscamos não ilumine somente o caminho, mas inspire outros a também acendê-la.

[Céos assente com um olhar profundo. A luz cresce lentamente, enquanto a cena se dissolve.]

Cena 10: A pesquisa

[Cenário: Iluminado por uma luz suave. No centro, Céos, o deus grego da sabedoria, está sentado. Fábio, o protagonista, entra no palco, carregando consigo papéis.]

Fábio: [Aproxima-se de Céos] Céos, senhor das mentes sábias, permita-me compartilhar com você sobre o que pesquisarei.

Céos: [Observa Fábio com interesse] Fábio, fala-me sobre.

Fábio: [Respira fundo, preparando-se para apresentar] Minha pesquisa planeja responder o que a linguagem visual no teatro científico revela sobre a interação entre arte e ciência?

Céos: [Acena com a cabeça, indicando que Fábio deve prosseguir]

Fábio: [Continua, consultando o pergaminho] Acredito que essa compreensão possa nos revelar percepções valiosas sobre a divulgação científica. Tenho como objetivo principal, compreender de que forma a linguagem visual no teatro científico expressa a relação arte e ciência e contribui para a divulgação científica.

Ainda, Investigar como a composição visual do teatro científico (cenário, figurino, maquiagem, cenografia e cenas) na peça reflete essa interação. Analisar como os elementos textuais (diálogos, músicas, narrativas) do roteiro de “A Que Faz” articulam conceitos científicos e linguagem artística. E também identificar as mensagens e significados emergentes dessa integração, destacando sua relevância para a comunicação e popularização da ciência.

Céos: [Expressa interesse] E quais são os passos que tens dado nessa jornada?

Fábio: [Firme] Uma revisão sistemática que investiga a interseção entre arte, ciência e o processo de criação no contexto do teatro científico. Utilizando as palavras-chave “Processo de criação” AND “Teatro Científico” AND “Ciência”, foram realizadas pesquisas no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES em 01/12/2023. Os resultados revelam uma lacuna na literatura, pois nenhum dos 77 resultados encontrados no Google Acadêmico, e nenhum dos 241 resultados obtidos na CAPES, abordam o processo de criação ou análise da relação arte-ciência pelo viés dos participantes.

Céos: [Assente, mostrando aprovação] Intrigante isso.

Fábio: [Aponta para as folhas] A ausência de artigos que abordam o processo de criação no teatro científico ressalta a necessidade de pesquisa mais específica e aprofundada nesta área. A compreensão das percepções, desafios e contribuições dos participantes é crucial para enriquecer a prática do teatro científico e fortalecer a integração entre arte e ciência.

Considerando a indagação central da pesquisa, a primeira hipótese sugere que a análise dos elementos visuais (cenografia, figurino, iluminação) e textuais (diálogos, músicas, narrativas) permitirá identificar como a linguagem teatral combina signos artísticos e científicos, criando uma ponte entre os dois campos. Essa abordagem evidenciará as lacunas existentes na compreensão da relação entre arte e ciência e destacará áreas que precisam ser exploradas para aprimorar essa interação.

A segunda hipótese postula que a integração combinada de elementos artísticos e científicos no teatro científico da UEPG é realizada por meio de estratégias específicas, como o uso de metáforas visuais, narrativas emocionais e dinâmicas performáticas. Essas estratégias potencializam a interação entre arte e ciência, resultando em uma expressão teatral mais

eficaz para a divulgação científica e evidenciando o papel fundamental dessa relação na construção de significados compartilhados.

[Fábio dá alguns passos, olha para Céos... mas para no meio do caminho. Silêncio breve. Ele se vira lentamente para o público.]

Fábio: Talvez... antes de continuar, eu precise dizer algo a vocês. [Pausa. A luz abre levemente para a plateia.]

Fábio: Esta pesquisa não está apenas nos dados, nas imagens ou nas análises que organizei. Ela também está na forma como escolhi escrevê-la. [Olha para as próprias mãos, como quem reconhece o próprio gesto.]

Fábio: O texto que vocês leem, não é somente uma escolha estética.

É também uma escolha metodológica. Há quem defenda que a escrita pode ser performativa...

Que ela não apenas descreve o conhecimento, mas o encena, o constrói, o tensiona.

Ronald Pélissier, por exemplo, compreende a escrita como prática de pesquisa, onde forma e conteúdo são inseparáveis (Pélissier, 1998).

[Céos observa em silêncio, atento.]

Fábio: Nessa perspectiva, a pesquisa deixa de operar a partir de uma separação rígida entre quem observa e aquilo que é observado. Dwight Conquergood propõe repensar a etnografia como prática crítica e culturalmente implicada, em que o pesquisador também participa das relações de sentido que investiga. (Conquergood, 1991).

Norman Denzin compreende a etnografia performativa como uma prática em que corpo, presença, experiência e performance deixam de ser apenas formas de representação para se tornarem modos de produção de conhecimento, crítica cultural e intervenção social. (Denzin, 2003).

[Fábio caminha lentamente pelo palco.]

Fábio: Isso significa que eu não estou fora da pesquisa. Eu estou implicado nela. [Pausa curta.]

Fábio: E talvez seja por isso que este trabalho se aproxima do que Rita Irwin e Stephanie Springgay propõem como a/r/tografia, uma pesquisa baseada na prática, na qual criar, investigar e ensinar se entrelaçam em um processo relacional e contínuo de produção de conhecimento (Irwin; Springgay, 2008).

[Ele respira fundo.]

Fábio: Por isso, esta dissertação não tenta apenas explicar o teatro científico. De algum modo... ela tenta acontecer como ele. [Olha diretamente para o público.]

Fábio: Se a arte e a ciência se encontram na cena... então talvez o conhecimento também precise aprender a performar.

[Silêncio. Fábio retorna lentamente para a cena, como se nada tivesse sido interrompido.]

Céos: E como você organizará a sua dissertação, em relação aos capítulos, uma vez que é isso que a academia solicita?

Fábio: [Com entusiasmo, se direcionando ao público] Permita-me apresentar a estrutura da minha dissertação, um roteiro que guiará nossa jornada pelo mundo do Teatro Científico.

No primeiro capítulo, exploro as raízes do Teatro Científico, mergulhando na interseção entre Arte e Ciência. Viajaremos através do tempo para entender o contexto histórico que deu origem a esse fenômeno e identificaremos as características singulares que definem o Teatro Científico. Por fim, discutirei como essa forma de expressão contribui para a divulgação científica.

No segundo capítulo, adentraremos nos bastidores da pesquisa, revelando a descrição detalhada da abordagem metodológica que guiará nossos passos. Discutiremos os procedimentos minuciosos de coleta de dados e delinearemos as estratégias que utilizaremos para analisar esses dados, como arquitetos construindo a fundação de nossa investigação.

No terceiro capítulo, mergulharemos no coração da pesquisa, desvendando os segredos escondidos nos dados que coletamos. Analisaremos o texto “A Que Faz” e exploraremos seu contexto geográfico, investigaremos a iconografia do Teatro Científico e desvendaremos os significados por trás da sequência fotográfica das cenas.

[Fábio respira fundo]

Fábio: [Com seriedade] Chegaremos então aos resultados da pesquisa, discutiremos suas implicações e recomendaremos caminhos futuros. E, por fim, em nossa conclusão, amarraremos todos os fios soltos, refletindo sobre o que aprendemos e apontando para onde nossos passos nos levarão em seguida.

[Fábio sorri, sentindo-se confiante com o caminho que traçou.]

[Céos, o deus grego da sabedoria, ergue as sobrancelhas em direção a Fábio, pronto para uma última palavra antes da despedida.]

Céos: [Com um tom solene, mas cheio de humor] Fábio, meu jovem pesquisador, antes de partir, deixe-me partilhar contigo uma última pérola de sabedoria. A democratização da ciência é como fazer uma festa na qual todos são bem-vindos, até mesmo aqueles que “fazem sinal para alienígenas ou usam a aposentadoria para ficar em frente a quartel solicitando golpe de estado”. Lembrando que mesmo com todos os esforços não salvaremos a todos, tendo em vista as concepções culturais, ideológicas e religiosas que estas pessoas estão filiadas.

[Fábio sorri, entendendo a referência às situações estranhas que podem ocorrer quando a ciência não é acessível a todos.]

Céos: [Com um olhar travesso e irônico] E sobre essa ideia maluca de Terra plana, só posso dizer uma única coisa: o cometa caiu e jogou todos os dinossauros para o espaço!

[Fábio ri, imaginando o absurdo de pensar na Terra como uma pizza gigante.]

Céos: [Com um suspiro] E quanto às mudanças climáticas, bem, eu até poderia dizer que são uma invenção dos deuses para deixar as estações do ano mais emocionantes, mas a verdade é que precisamos encarar a realidade antes que todos derretamos em um calor infernal!

[Fábio ri, apreciando a mistura de humor e sabedoria de Céos.]

Céos: [Finalizando com um gesto grandioso], Portanto, Fábio, que tua pesquisa em arte e ciência seja como uma tocha, iluminando o caminho para um mundo onde todos possam desfrutar do brilho do conhecimento. Até a próxima, meu caro amigo, e lembre-se: não deixe que a seriedade da pesquisa te impeça de apreciar uma boa piada!

Fábio: Obrigado, começarei por arte e ciência.

CAPÍTULO 1 – ARTE E CIÊNCIA

Figura 4 – Saber em resistência³



Autor: Fábio Vicente da Silva Santos (2026).

[Palco vazio. Luz focal em Fábio, de costas para o público. Ele segura um livro antigo que solta pó quando aberto.]

Fábio: [Narrando, voz baixa, quase conspiratória]

Tudo começou com uma pergunta proibida: o que acontece quando a razão da ciência beija a loucura da arte? Neste capítulo, vou seguir os rastros dessa paixão clandestina – dos templos gregos, onde números dançavam como versos, aos laboratórios modernos, onde poetas disfarçados de cientistas escondem metáforas em suas fórmulas... Mas cuidado: nem todos querem que essa união seja revelada.

[Fecha o livro com um baque. Silêncio. Luzes apagam.]

³ Prompt usado para criar a ilustração no chat gpt: A partir do rascunho manual de referência, criar ilustração melancólica e fleumática de uma mulher-bruxa alquimista em pé, em silêncio, segurando livros antigos de capas gastas em um braço e uma garrafa de vidro com líquido químico no outro. Ela está cercada por fogo baixo e controlado, não agressivo, como um ritual de transformação. O cenário é escuro, indefinido, quase atemporal, com sombras profundas. A expressão da personagem é serena e triste, olhar introspectivo, sem agressividade. Paleta de cores semiótica: azul profundo e roxo nas sombras (razão, memória, transição), amarelo queimado nos frascos e reflexos do fogo (ciência, alerta), vermelho escuro no fogo (conflito histórico), preto azulado no fundo (silenciamento do saber). Estilo de pintura digital com textura de óleo antigo, luz lateral suave, atmosfera densa, sensação de saber proibido e conhecimento em resistência.

Cores e métodos dançam num espiral,
A arte é sutil, a ciência, o sinal.
Entre sombras e luzes, a verdade se abriga,
Na tela da vida, o saber nos instiga.
Autor: Fábio Vicente da Silva Santos (2025)

Cena 0: Diálogo entre Fábio e Mnemosyne

[O palco está iluminado com luzes suaves e violetas, criando um clima introspectivo. Mnemosyne surge a esquerda, envolta por uma aura de luz suave.]

Mnemosyne: [Com voz melancólica] Minha memória é vasta, Fábio. Ela guarda não somente as conquistas, mas também as tragédias que marcaram o caminho das mulheres. Você já parou para pensar nas bruxas queimadas na fogueira?

Fábio: [Pensativo] Sim, eu sei que essa história é parte do passado, mas ainda ecoa atualmente. As bruxas eram mulheres que ousavam questionar, curar, e até mesmo ensinar. E foram perseguidas por isso.

Mnemosyne: [Acenando afirmativamente] Exatamente. O medo das diferenças sempre foi usado como ferramenta de controle. A superstição e a ignorância eram utilizadas para justificar atrocidades como essas. As bruxas sabiam demais. E mulheres que sabem... quase sempre assustam o poder (Sagan, 2006).

Fábio: [Com determinação] Então, podemos dizer que a perseguição das bruxas foi uma forma de silenciar vozes? Como se elas fossem ameaças à ordem estabelecida?

Mnemosyne: [Com seriedade] Exatamente. As bruxas eram acusadas de pactuar com o diabo, mas, na verdade, muitas delas eram simplesmente curandeiras, ervateiras ou mulheres que desafiavam o status quo. Bastava uma mulher questionar... e logo surgiam fogueiras. Esse tipo de perseguição não era baseado em fatos científicos, mas sim em interesses sociais, econômicos e políticos que consolidaram o sistema patriarcal (Sagan, 2006).

Ao longo da história, justificativas religiosas foram frequentemente utilizadas para legitimar ações extremas, como guerras e extermínios, muitas vezes facilitando também a apropriação de bens e terras, inclusive de mulheres viúvas, sob o pretexto de cumprir ordens divinas e promover a vontade de Deus (Sagan, 2006)

Fábio: [Refletindo] Isso me faz lembrar da peça “A Que Faz”. As personagens femininas enfrentam desafios semelhantes: são marginalizadas, subestimadas e, às vezes, silenciadas. Mas elas resistem, assim como as bruxas resistiram.

[segurando um livro com firmeza] Durante muito tempo, mulheres foram afastadas dos espaços onde o conhecimento era produzido. Joan Scott ajuda a entender como isso também moldou a própria ciência (Scott, 1995).

Estamos fazendo o público sentir.

Brecht chamava isso de “teatro dialético”: aqui, não é só a ciência que ganha vida no palco, mas também o que foi negado, esquecido ou silenciado (Brecht, 1978).

Mnemosyne: [Sorrindo enigmaticamente] Sim, a memória é poderosa. As bruxas podem ter sido queimadas, mas sua luta contínua viva nas vozes das mulheres que lutam pela igualdade hoje. Talvez seja por isso que tanta gente ainda tente controlar a arte... e também a ciência.

Durante séculos, o medo transformou diferenças em monstros. Mulheres, doenças e até fenômenos naturais passaram a ser explicados como ameaças sobrenaturais (Sagan, 2006).

Mulheres foram sistematicamente excluídas das universidades e centros de pesquisa, mesmo quando possuíam talento e interesse genuíno pela ciência. Exemplos históricos, como a de Hypatia, a filósofa e astrônoma da Antiguidade, que foi brutalmente assassinada, simbolizam essa repressão (Sagan, 2006).

Fábio: [Com entusiasmo] É exatamente isso! A ciência e a arte permitem que as mulheres expressem suas verdades e desafiem narrativas opressivas. Mas como podemos garantir que essas vozes continuem sendo ouvidas?

Mnemosyne: [Com firmeza] A memória é nossa maior aliada. Precisamos preservar as histórias das mulheres que resistiram, das que foram silenciadas e das que continuam lutando. A ciência, como é de conhecimento geral, é um instrumento eficaz para desmontar falsidades e propagar a verdade. Mas ela precisa ser acessível e inclusiva (Sagan, 2006).

Fábio: [Olhando para Mnemosyne com admiração] Então, a ciência e a memória devem andar juntas. A ciência pode fornecer evidências, mas a memória mantém as lições vivas.

As personagens de “A Que Faz” não são somente figuras dramáticas, mas verdadeiros arquétipos do feminino, que expressam forças psíquicas profundas presentes no inconsciente coletivo. Como descreve Jean Shinoda Bolen, a Deusa Tríplice representa as três grandes faces do feminino: a Donzela (ou menina-mulher), que simboliza o potencial, a busca e a

liberdade; a Mãe, que traz em si a força criadora e nutridora; e a Anciã, que guarda a sabedoria e os mistérios da morte e da renovação. Esses aspectos coexistem na psique e se manifestam em diferentes momentos da vida e das escolhas. Na peça, as personagens transitam por esses papéis simbólicos, ora movidas pelo desejo e pela fantasia (a Donzela), ora pela doação e pelo cuidado (a Mãe), ora pelo silêncio e pela lucidez trágica (a Anciã) (Bolen, 1990).

Essa visão dialoga com o que Robert Graves chama de “Branca”, a antiga deusa da lua, cujos ciclos, crescente, cheia e minguante, representam exatamente essas fases: nascimento, plenitude e declínio. Por isso, as personagens de “A Que Faz” não são somente pessoas em cena, mas encarnações vivas das ânsias humanas diante dos mitos e das ilusões criadas para explicar e suportar a existência (Graves, 1976).

Na peça “A Que Faz”, elas deixam de ser sombras e assumem o papel de protagonistas. Ao reencenar experimentos científicos e dar visibilidade às lutas das mulheres na ciência, criamos contra-narrativas que desafiam as histórias dominantes. Como propõe Harari (2018), os seres humanos constroem realidades sociais por meio de ficções compartilhadas, e o teatro se torna aqui um laboratório simbólico onde enfrentamos as fake news com ficções fundamentadas em verdades históricas (Harari, 2018). Estamos não somente contando novas histórias, mas reescrevendo o imaginário coletivo, trazendo à luz aquelas que sempre estiveram presentes, embora invisíveis.

Mnemosyne: [Com um tom profundo] A associação entre bruxas, demônios e fatos relacionados a pactos satânicos eram, na verdade, relatos culturais, religiosos e históricos baseados em mitos, delírios e falsas acusações, e não evidências de ocorrências concretas ou reais de atividade demoníaca, enfim isso ainda pode acontecer atualmente (Sagan, 2006).

A memória é a guardiã da verdade. E você, com sua pesquisa, está ajudando a preservar essa verdade. Lembre-se: o conhecimento é poder, mas a memória é liberdade.

[Fim de cena]

Cena 1: A Dualidade entre Arte e Ciência

[No centro do palco, uma mesa repleta de instrumentos de escrita, e alguns livros antigos. Fábio, o pesquisador, está sentado, revisando seus escritos. De repente, uma figura

misteriosa emerge pela direita. É Mnemosyne, a deusa da memória, vestida com um manto roxo, com um semblante enigmático, entrando pela direita.]

Fábio: [Pensativo, falando para si enquanto escreve] Arte e ciência... Duas faces de uma mesma moeda? Ou universos que somente se tocam em alguns pontos, sem jamais se fundirem? Como expressar essa relação no meu trabalho?

Mnemosyne: [Aproximando-se silenciosamente] Meu caro Fábio, que dilema fascinante você enfrenta. [Pausa dramática] Posso ajudar?

Fábio: [Uma pausa para pensar] Você consegue acessar o que já compartilhei anteriormente, então pode saber o que estou escrevendo. Isso é ótimo para me ajudar a melhorar.

Mnemosyne: [Sorrindo enigmática] Sou guardiã das memórias e das histórias que atravessam os tempos. Conheço todas as palavras já escritas e aquelas que continuam a vir. Vim porque senti que você precisava de... orientação.

Fábio: [Desconfiado] Mnemosyne? Por que apareceria justamente agora, quando estou prestes a consolidar meu capítulo sobre arte e ciência?

Mnemosyne: [Passeando ao redor de Fábio, fingindo indiferença] Ora, não se preocupe com isso. O que importa é que estou aqui para guiá-lo. [Com um tom de manipulação sutil] Arte e ciência, meu jovem, são como luz e sombra. Mas... são realmente tão diferentes assim?

Fábio: [Suspeitando, mas interessado] Luz e sombra... Continue.

Mnemosyne: [Com um sorriso astuto] A arte é a expressão do inexplicável, é emoção pura, caos organizado em formas e cores. Ela captura o que não pode ser dito em palavras. [Com uma pausa reflexiva] Já a ciência, ah, a ciência! É a busca incessante por ordem, pelo entendimento racional do mundo, pelo domínio das leis naturais. Enquanto a arte celebra o mistério, a ciência o desmistifica.

Fábio: [Pensando em voz alta] Mas... não seria isso uma visão simplista? Afinal, a ciência também possui uma estética própria, uma beleza na forma como suas teorias se constroem, na elegância das equações. E a arte, por sua vez, pode ser metodicamente explorada, analisada, quase como um experimento científico.

Mnemosyne: [Sorrindo, mas com uma pitada de malícia] Ah, claro, claro... Mas não esqueça que, no fundo, a arte desafia a ciência, revelando suas limitações. O cientista observa e analisa o que é; o artista cria o que ainda não existe. Quem é o verdadeiro visionário?

Fábio: [Desconfiado] Para Octavio Ianni, arte e ciência podem ser visionárias em seus próprios campos: a arte inspira a ciência, enquanto a ciência abre novos horizontes para a arte. *Leonardo da Vinci* não foi um exemplo disso? Suas obras são, ao mesmo tempo, criações artísticas e estudos científicos. A renascença representou um período de renovação cultural que estimulou não apenas o desenvolvimento das artes, mas também um crescente interesse pela ciência e pela observação empírica. Artistas como *Leonardo da Vinci* incorporaram conhecimentos científicos em suas produções, explorando aspectos como anatomia, perspectiva e luz, o que evidencia a relação entre arte e ciência (Ianni, 2004).

E tem mais, não podemos deixar de falar da criatividade. Você sabia que a criatividade não é uma habilidade exclusiva de algumas pessoas? Na verdade, ela é uma capacidade especial para todos os seres humanos. Segundo David Bohm, um autor que estudou profundamente esse tema, a criatividade é parte essencial da nossa natureza, algo que pode ser cultivado e despertado em qualquer um de nós. Ele defende que a criatividade vai além de simplesmente ter boas ideias ou inventar coisas novas – ela é uma forma de pensamento que se manifesta quando a mente se liberta das estruturas rígidas e habituais de raciocínio (Bohm, 2011).

David Bohm argumenta que, para sermos realmente criativos, precisamos romper com o pensamento convencional, aquele que segue padrões e limitações impostas. A criatividade surge quando permitimos que a mente explore novas possibilidades sem a pressão de seguir uma lógica predeterminada. Ele também fala da importância do diálogo criativo e da colaboração, por ser em ambientes onde as ideias podem ser livremente discutidas, sem julgamentos imediatos, que a verdadeira inovação acontece (Bohm, 2011).

Além disso, ele vê a criatividade como uma maneira de nos conectarmos com o mundo e com os outros. É um processo dinâmico que envolve aceitar a incerteza e a ambiguidade, elementos fundamentais para o avanço do conhecimento e da inovação (Bohm, 2011).

Mnemosyne: [Fingindo surpresa, mas mantendo seu tom enigmático] Ah, criatividade, Da Vinci... um verdadeiro mestre da ambiguidade. Mas me diga, Fábio, sua pesquisa sobre a interação entre arte e ciência no teatro científico... não estaria você romantizando essa relação? Tentando encontrar harmonia onde, na verdade, há conflito?

Fábio: Antes de falar dos conflitos, deixe-me falar mais sobre arte e ciência.

Mnemosyne: [Com um tom de deboche] Fale.

Fábio: Segundo Adriana Tabosa, na Grécia antiga, a arte era vista como um ofício, uma habilidade prática. A separação entre arte e ciência só ocorreu mais tarde, com impactos que se refletem até hoje (Tabosa, 2005).

Aí, veio Platão. Ele acreditava que a arte deveria ser deixada de lado, que o importante mesmo era a filosofia, a busca pela verdade. Só que Aristóteles, mais prático, achava que a arte era válida enquanto produto, enquanto algo que podia ser feito. E isso, como Adriana Tabosa bem coloca, começou a separar a arte da ciência. Uma divisão que ainda impacta a gente até hoje (Tabosa, 2005).

A partir disso, a arte foi se distanciando de atividades práticas e se tornando cada vez mais abstrata, mais dependente de interesses econômicos (Tabosa, 2005). Com o avanço do capitalismo, a arte se tornou superestrutural, dominada pelo dinheiro. E a ciência? Ela se aproximou mais da tecnocracia, deixando de lado a estética, como se fossem dois mundos diferentes. Mas, será que são?

Aí entra Yuval Noah Harari, autor de um livro que fala sobre a nossa espécie... Ele diz que um dos grandes saltos da humanidade foi a capacidade de imaginar, de criar narrativas compartilhadas. Isso foi crucial para a nossa evolução. E onde a gente vê isso claramente? Na arte, nas mitologias, nas religiões... A arte não era só estética, era também uma ferramenta de poder. Era através da arte, dos rituais e das histórias que as sociedades se organizavam e controlavam suas populações. Isso permitiu aos Homo sapiens moldarem sua identidade coletiva e exercerem domínio sobre comunidades (Harari, 2015).

Quando pensamos assim, fica claro que a separação entre arte e ciência nos impede de entender o quanto elas moldaram a nossa história juntas. E uma coisa que o Yuval Noah Harari aponta é que a habilidade de criar ficções e sistemas de crenças foi essencial para o surgimento das sociedades complexas. Ou seja, a arte foi muito mais do que uma questão estética – foi fundamental para a nossa coesão social e, muitas vezes, para a dominação (Harari, 2015).

Então, quando falamos de arte e ciência, não estamos falando de coisas separadas. A criação de estruturas políticas, religiosas e até estéticas fazem parte de uma mesma história, a nossa história. A autora que mencionei antes destaca que precisamos de uma abordagem interdisciplinar para entender melhor o que é ser humano, integrando história, biologia, geografia... porque só assim conseguimos ver como arte e ciência andam juntas desde o princípio (Tabosa, 2005).

No fim das contas, a arte, desde seus primórdios, já era uma expressão criativa, muito antes de termos as divisões modernas entre arte e ciência. A criatividade sempre esteve lá, movendo nossa evolução, seja na ciência ou na arte. Isso é o que define a nossa essência.

Mnemosyne: [Com uma expressão de indiferença] Huum, e sobre os conflitos?

Fábio: [Firmemente] Talvez haja conflito, sim. Mas o conflito também pode ser produtivo, gerar novos entendimentos. “A Descoberta do Novo Mundo, por exemplo, inspirou artistas e cientistas a expandirem seus horizontes. As representações artísticas de novas paisagens e povos, bem como os estudos científicos sobre a geografia e a biologia dessas regiões, refletem uma colaboração natural entre as duas áreas” (Ianni, 2004). Meu objetivo não é romantizar, mas explorar como a arte e a ciência se encontram no palco, como o teatro pode ser um espaço de diálogo entre essas duas formas de conhecimento.

Mnemosyne: [Aproximando-se de Fábio, suavemente] E no fim, o que você espera encontrar nesse diálogo? Uma síntese? Uma nova verdade?

Fábio: [Pensativo] Talvez não uma nova verdade, mas novas perspectivas. A Reforma Protestante, por exemplo, não somente desafiou a autoridade religiosa, mas também incentivou novas formas de expressão artística e literária. A arte passou a ser utilizada como um meio de comunicação de ideias reformistas, enquanto a ciência começou a questionar dogmas estabelecidos, promovendo um ambiente de inovação e criatividade (Ianni, 2004).

Mnemosyne: [Com um olhar que mistura admiração e desdém] Ah, Fábio... você é um idealista. Mas lembre-se, as memórias podem ser traiçoeiras. Nem tudo o que parece verdadeiro permanece assim com o passar do tempo.

Fábio: [Firmemente] E é exatamente por isso que devemos registrar nossas ideias, nossas descobertas. Para podermos revisitar, questionar, aprimorar. O teatro, com sua capacidade de transformar e reinterpretar, é o lugar perfeito para isso.

Mnemosyne: [Afastando-se lentamente, com um sorriso enigmático] Talvez você esteja certo, Fábio. Ou talvez esteja somente se enganando. O tempo dirá... [Desaparece nas sombras]

[Fábio fica sozinho no anfiteatro, olhando para o vazio onde Mnemosyne estava. Ele respira fundo, volta-se para os seus escritos, agora mais confiante em sua busca.]

Fábio: [Refletindo enquanto revisa seus escritos] Sabe, há quem diga, no caso, Ester Rohr e Danilo Ribeiro de Sá Teles, que arte e ciência são opostas, mas, na verdade, elas têm raízes comuns, nascem do esforço humano e se desenvolvem a partir das experiências do dia a dia. Ambas, de formas diferentes, enriquecem nossa vida social e cultural. E, se olharmos com

atenção, perceberemos que superando as hierarquias entre elas, podemos entender melhor suas funções na sociedade. A ciência nos ajuda a ver além das aparências, enquanto a arte nos permite reconhecer a nós mesmos como criadores da nossa existência. No fundo, todas essas formas de conhecimento, seja o trabalho, a arte ou a ciência, estão interligadas, contribuindo para uma visão mais completa da realidade (Rohr; Teles, 2024).

Fábio: [Escrevendo] Arte e ciência, em constante diálogo, revelando os mistérios do mundo e da mente. Um capítulo que jamais será finalizado, mas que continuará a ser escrito no palco da humanidade...

[As luzes diminuem, e a cena se encerra.]

CAPÍTULO 2 – TEATRO CIENTÍFICO

Figura 2.1 – Corpo, cena e conhecimento⁴



Autor: Fábio Vicente da Silva Santos (2026).

[Fábio sobe ao palco arrastando uma mala cheia de adereços: um telescópio quebrado, uma máscara grega, um jaleco manchado de tinta.]

Fábio: [Para si, enquanto examina os objetos]

Esses são os meus suspeitos: ferramentas de ciência que viraram artefatos de teatro. Cada um guarda um segredo. Como aquele dia em que vi uma cena de química encenada como metáfora... ou quando cientistas viraram personagens num palco. Este capítulo é um tribunal – vou interrogar cada peça para descobrir: o teatro científico é realmente a arma perfeita de divulgação... ou só mais uma ilusão?

[Pega o jaleco e veste como se fosse uma capa de herói. Luzes cintilam e se apagam.]

Cenários de mistério, ecos de criação,
O teatro se revela, uma nova dimensão.
Entre versos e gestos, mundos são traçados,
Desvendando o cosmos em passos sagrados.
Autor: Fábio Vicente da Silva Santos (2025)

⁴ Ilustração conceitual, prompt para chat gpt. A partir do rascunho manual, criar a cena teatral vazia e silenciosa, ambientada em um palco antigo iluminado por luz baixa. No centro, um ator solitário com figurino híbrido, combinando elementos de um jaleco científico e vestimentas teatrais clássicas. O espaço cênico apresenta objetos incompletos, uma cadeira, um quadro-negro com fórmulas apagadas e tecidos suspensos que remetem simultaneamente a cortinas e mapas, reforçando a ideia de mediação do saber. A paleta cromática privilegia tons de azul acinzentado e verde escuro (razão e ciência), branco envelhecido (institucionalização do conhecimento) e sombras roxas suaves (memória e interpretação). A atmosfera melancólica e fleumática sugere o conhecimento como algo encenado, construído e mediado pela linguagem do corpo em cena.

Cena 0: Teatro, o espelho do lugar

[Descrição do cenário: Fábio, com um caderno e livros, está sentado em um banco, pensando.]

[Fábio está lendo um livro em voz alta quando Hermes surge, andando ao redor dele e observando o cenário com curiosidade.]

Hermes: [Entrando pela esquerda, sorrindo] Ah, mortal, você está mergulhando em pensamentos sobre o espaço e o teatro? Não pude resistir a me aproximar. Afinal, quem mais pode falar do espaço com tanta propriedade quanto eu, que viajo por todos eles?

Fábio: [ergue os olhos] Hermes, o mensageiro dos deuses... Parece adequado que você surja agora. Estou estudando como o espaço se relaciona com o teatro. É fascinante como o conceito de “cenário” e “paisagem” evoluiu ao longo do tempo.

Hermes: [sentando ao lado dele] Cenário, paisagem... Oh, os mortais reservam nomes para aquilo que observam! Conta-me, o que você descobriu até agora?

Fábio: [abrindo o caderno] Segundo Yi-Fu Tuan, a palavra “cenário” tem suas raízes no teatro, associando-se a um espaço de ilusão, enquanto “paisagem” remete ao mundo real. Essa distinção reflete a diferença entre a representação artística e a realidade vívida (Tuan, 2015).

Hermes: [fazendo um gesto amplo] Uma distinção interessante, mas que só poderia surgir entre aqueles que experimentaram tanto a ilusão quanto a verdade. Continua!

Fábio: [entusiasmado] Tuan também argumenta que a visão de mundo mudou de uma perspectiva cósmica para uma mais horizontal, centrada na paisagem. Essa mudança foi crucial para o teatro, que incorporou a ideia de profundidade e tridimensionalidade. Ele exemplifica isso na obra de Shakespeare, onde a perspectiva enriquece a experiência tanto narrativa quanto visual (Tuan, 2015).

Hermes: Ah, Shakespeare... Lembro-me de quando visitei Londres e assisti a suas peças. Uma verdadeira janela para o horizonte da imaginação humana!

Fábio: Exato. E Pedro Manuel Gomes de Sousa complementa ao dizer que a história do teatro remonta à antiguidade, surgindo como uma expressão da condição humana. Na tragédia grega, por exemplo, o espaço cênico refletia a vida coletiva e experiências sociais (Sousa, 2017).

Hermes: [com expressão mais séria] Mas e antes dos gregos? Eu, que viajei pelo Egito, lembro-me das representações profundamente religiosas e ritualísticas. Isso também é teatro, não é?

Fábio: [anotando algo] Sim, Sousa menciona que essas raízes podem ser traçadas até civilizações anteriores, como a egípcia, onde o teatro integrava o divino e o humano (Sousa, 2017).

Hermes: [levantando-se] E o que dizer do teatro medieval? Vi as praças transformadas em palcos, os santos e demônios misturando comédia e tragédia.

Fábio: Alexandre Mate discute isso. Ele explica que no teatro medieval havia uma mistura de entretenimento e doutrinação. As apresentações públicas foram marcadas pela participação ativa da audiência, abordando temas religiosos com um tom muitas vezes didático (Mate, 2023).

Hermes: [observando a praça ao redor] Isso me lembra esta cidade. Luciana da Costa Dias argumenta que o teatro grego e a pólis eram inseparáveis, uma extensão um do outro, refletindo a democracia ateniense (Dias, 2012).

Fábio: [olhando ao longo, pensativo] Sim, o espaço urbano como palco para o diálogo humano. O teatro, desde sempre, transforma o espaço em significado (Dias, 2012).

Hermes: [voltando-se para Fábio] Então, mortal, o que conclui essa jornada?

Fábio: Que o teatro é uma ponte. Ele conecta o real e o ilusório, o passado e o presente, a paisagem e o cenário. Tudo isso forma uma narrativa rica que, como você, Hermes, viaja pelos espaços e tempos.

Hermes: [sorrindo] Belo pensamento. E agora, que tal transformarmos este lugar em um palco para nossos próprios avanços?

[Os dois começam a improvisar gestos e falas, enquanto a cena finaliza.]

[Fim da Cena.]

Cena 1: A Linguagem do Teatro e a Construção da Cena

[Fábio segura um tecido azul, avaliando sua textura, enquanto Hermes o observa à distância, com curiosidade.]

Hermes: [À esquerda do palco, aproximando-se] Sempre te encontro perdido em reflexões, Fábio. Hoje, parece que você está tentando decifrar o enigma do próprio teatro.

Fábio: [sorri, sem tirar os olhos do tecido] É verdade, Hermes. Estou pensando na linguagem do teatro e em como ela é construída. Wagner Rosa tem muito a dizer sobre isso.

Hermes: [sentando na cadeira] Rosa? Uma sabedoria dos teus tempos?

Fábio: Sim. Ele argumenta que a linguagem teatral não se limita ao texto. É um sistema de signos complexo, onde gestos, sons, luzes e até o espaço cênico se entrelaçam para criar uma “escrita cênica” (Rosa, 2019).

Hermes: [gesticulando para o cenário ao redor] Ah, isso entendo bem. Viajei por palcos gregos, romanos, e até por praças medievais. Sempre vi o teatro como um mosaico, onde cada peça é essencial.

Fábio: [colocando o tecido no baú] Rosa também destacou que a relação entre ator e público é vital. É na interação, nas energias que se trocam, que a mensagem teatral realmente ganha vida (Rosa, 2019).

Hermes: [levantando-se] Então, o teatro é como o vento. Invisível, mas sentido. Somente quando interage com o mundo, ele se revela.

Fábio: Bela analogia, Hermes. Rosa vai além, falando sobre os elementos de construção de cena: atuação, cenografia, iluminação, sonoridade e organização do espaço. Tudo isso forma o que ele chama de “escritura cênica” (Rosa, 2019).

Hermes: [pegando um foco de luz do chão e apontando para Fábio] Então essa luz não é só luz?

Fábio: [com entusiasmo] Exatamente! É um signo, que interage com outros para criar significados. Rosa diz que a cena é um complexo específico, onde cada elemento contribui para o sentido final, e o público participa ativamente dessa experiência (Rosa, 2019).

Hermes: [com um sorriso matreiro] Fascinante. Mas o que diferencia o teatro das outras artes?

Fábio: A interação entre corpo e espaço cênico, Hermes. É essa relação que cria a experiência estética única do teatro. Não é somente sobre o que se vê ou ouve, mas como tudo isso nos faz sentir e interpretar (Rosa, 2019).

Hermes: [caminhando ao redor, pensativo] Ah, agora entendo por que o teatro é tão mágico. Ele não nos entrega respostas, mas nos convida a participar da criação delas.

Fábio: Perfeito. É um diálogo entre artistas e público, onde os significados se constroem em conjunto.

Hermes: [fazendo uma reverência exagerada] Pois bem, mestre dos signos, que tal criarmos nossa própria escritura cênica agora?

Fábio: [rindo] Vamos! Mas lembre-se, Hermes: cada gesto, cada som, cada luz... Tudo terá significado.

[Os dois começam a improvisar com os objetos do palco, criando uma cena lúdica e espontânea, enquanto as luzes os envolvem em diferentes tons.]

Cena 2: Um Diálogo sobre teatro e ciência

[No centro, em um banco de madeira. Fábio, está sentado, lendo um livro, Hermes, surge à direita do palco.]

Hermes: Ah, Fábio! Sempre mergulhado nesses livros! Mas me diga, o que você tanto estuda hoje?

Fábio: [Levanta os olhos do livro, sorrindo.] Hermes, estou explorando o teatro científico, após termos discutido sobre o teatro. É fascinante como ele combina arte e ciência para engajar o público, seja por meio de histórias de cientistas ou metáforas científicas.

Hermes: Interessante! E o que você descobriu até agora?

Fábio: Por exemplo, Leonardo Maciel Moreira e Martha Marandino dizem que o teatro de temática científica humaniza os cientistas. Ele mostra suas emoções e conflitos, além de contextualizar seus experimentos em realidades sociais. Eles levantam um dilema importante: será que o teatro perderá seu caráter artístico ao se tornar muito pedagógico? (Moreira; Marandino, 2015)

Fábio: [abrindo o livro em outra página] E o que me impressiona, Hermes, é que no Brasil isso não é apenas teoria. O Museu da Vida da Fiocruz, em Manguinhos, tem uma tenda inteira dedicada ao teatro científico, a Tenda da Ciência Virgínia Schall. Grupos universitários como o Núcleo Ouroboros, da Universidade Federal de São Carlos, reúnem dezenas de grupos desde 2007 no Festival Ciência em Cena. Moreira e Marandino mostram que museus e centros de ciência brasileiros, como a Casa da Ciência, o Catavento e a Seara da Ciência, passaram a incorporar o teatro às suas práticas regulares de divulgação científica. (Moreira; Marandino, 2015).

Hermes: [com surpresa] Então a ciência saiu dos laboratórios e entrou nos palcos por todo o país?

Fábio: [sorrindo] Exatamente. E o que todas essas experiências têm em comum é o que você acabou de dizer, a ideia de ponte. O teatro não explica a ciência: ele a encarna.

Mobiliza emoção, narrativa, corpo. E é exatamente isso que torna o teatro científico da UEPG, com a peça "A Que Faz", parte de um movimento muito maior do que parece quando você está dentro dele.

Hermes: Um conflito intrigante... Mas o teatro não deveria ser uma ponte entre mundos? Afinal, a ciência, como a geografia, também depende de conexões e compreensão.

Fábio: Exatamente! Veja o que Carla Almeida e Wanda Hamilton argumentam: o teatro pode engajar o público ao usar narrativas e diálogos para contextualizar a ciência. Elas dizem que essa abordagem humanista desperta curiosidade e promove debates, criando um espaço de aprendizado que toca tanto o coração quanto a mente (Almeida; Hamilton, 2023).

Hermes: [Empolgado, caminhante pelo palco.] Isso me lembra das jornadas que faço entre continentes e culturas. O teatro, como os mapas, pode guiar as pessoas por novas perspectivas.

Fábio: E há mais, Hermes! Segundo Clécio Danilo Dias da Silva e colaboradores, o teatro também é uma ferramenta pedagógica eficaz no ensino de ciências. Eles analisaram trabalhos no CONEDU que é um Congresso Nacional de Educação, um evento acadêmico brasileiro da área da educação que reúne pesquisadores, professores, estudantes e profissionais para discutir temas relacionados ao ensino, formação docente, políticas educacionais e práticas pedagógicas e notaram como essa abordagem torna conceitos complexos mais acessíveis, além de estimular o senso crítico dos estudantes (Silva, Moreira e Santos, 2022).

Hermes: [Cruza os braços, pensativo.] Ah, sim, o aprendizado deve ser uma aventura, não uma obrigação. E como você conecta esses elementos, na prática?

Fábio: Gleyson Miranda de Souza e Camila Maria Sitko sugerem um passo a passo para criar peças de teatro científico. Desde a escolha do conteúdo e transposição do saber científico até a organização do espaço e a seleção dos participantes. Eles destacam a importância de integrar ciência, arte e educação para envolver o público de maneira ativa (Souza; Sitko, 2020).

De acordo com Roseana da Silva Bezerra, Albino Oliveira Nunes e Leonardo Alcântara Alves, o teatro científico é uma ferramenta interdisciplinar porque possibilita a integração de diversas áreas do conhecimento, como ciência, português, história e música, em uma única atividade (Bezerra; Nunes; Alves, 2018).

Hermes: [Espalha os braços como se abriu caminhos.] É uma dança entre razão e emoção, ciência e arte.

Fábio: [Sorri, fechando o livro.] O teatro envolve o mundo por meio da compreensão.

[Os dois saem pelo palco, discutindo sobre falar de ciência animadamente enquanto as luzes diminuem.]

CAPÍTULO 3 – DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Figura 3.1 – Ciência, poder e disputa narrativa⁵



Autor: Fábio Vicente da Silva Santos (2026).

[Fábio escreve freneticamente num caderno. Ao lado, um rádio sintonizado em estática toca fragmentos de discursos científicos.]

Fábio: [Interrompe a escrita, olhando para o público]

Sabem qual é o crime perfeito? Transformar ciência complexa em algo palatável... sem esvaziá-la de sentido. Neste capítulo, vou desmontar o mecanismo do teatro científico – aquela engrenagem que faz conceitos como quantum ou DNA serem compreendidos... e sentidos. Mas há um risco: e se, ao tentar popularizar, estivermos somente criando novas mitologias?

[O rádio emite um ruído agudo. Fábio cobre os ouvidos. Escuridão.]

Palavras brilham como estrelas no vasto firmamento,
A ciência resiste, em constante movimento.
Nas sombras que negam, surge a força de lutar,

⁵ Ilustração conceitual, prompt para chatgpt. Com base no rascunho manual, criar a figura humana parcialmente envolta em sombras, segurando à frente do rosto uma máscara dourada rachada, símbolo da autoridade científica enquanto construção ilusória. Ao fundo, telas luminosas desfocadas apresentam a sobreposição de símbolos científicos e ícones de redes sociais, configurando um ruído visual que remete à disputa narrativa na divulgação científica. A paleta cromática é composta por azul frio e metálico (autoridade e poder), dourado opaco (ilusão de verdade), vermelho escuro discreto (manipulação) e preto profundo (ocultamento). A postura corporal contida e fleumática, associada à atmosfera silenciosa e densa, sugere o conhecimento científico como instrumento de poder e controle discursivo, e não como processo emancipatório.

Transformando saber em arte, um refúgio para sonhar.
Autor: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Cena 0: Fábio e Céos – A Ilusão do Conhecimento

[Céos tem um olhar penetrante e está no palco sentado à direita . Fábio entra no palco com um livro nas mãos, observando curiosamente a figura de Céos.]

Fábio: [De pé, olhando para Céos.] Céos, o deus do conhecimento. Dizem que carrega a verdade universal...

Céos: [Levanta-se lentamente, abrindo os braços em um gesto acolhedor.] Ah, Fábio! Sou eu mesmo, o guardião de tudo o que é sabido e ainda será descoberto. Pergunte o que quiser, e eu lhe darei respostas.

Fábio: [Desconfiado, mas interessado.] Então me explique, Céos, por que tantas pessoas escolhem acreditar em coisas que carecem de evidências?

Céos: [Sorrindo, como se tivesse domínio absoluto do assunto.] Ora, Fábio, a verdade é relativa. Cada um constrói seu próprio saber baseado no que sente e deseja. Não é o conforto mais importante que a precisão?

Fábio: [Franze a testa, folheando seu livro.] Interessante... mas isso contradiz o que Ronaldo Pilati argumenta em “Ciência e Pseudociência: Por que Acreditamos naquilo em que Queremos Acreditar”. Ele afirma que essa tendência de acreditar no que nos convém é resultado de limitações cognitivas, como a necessidade de simplificar a realidade complexa (Pilati, 2018).

Céos: [Interrompe com um tom caloroso.] Ah, sim, Pilati! Mas veja, simplificar não é um dom humano? A ciência, com sua frieza e rigor, muitas vezes afasta as pessoas. Não seria melhor confiar no que nos conforta?

Fábio: [Pondera, mas responde firmemente.] Conforto psicológico é um fator, sem dúvida. Pilati menciona isso claramente. Ele diz que as crenças infundadas oferecem alívio em momentos de incerteza, mas isso não significa que devam substituir o pensamento crítico (Pilati, 2018).

Céos: [a folhear um livro dourado com teatralidade.] E o viés de confirmação? Não é natural buscarmos evidências que reforcem nossas crenças? Afinal, a busca pela harmonia interna é instintiva.

Fábio: [Apontando para Céos com determinação.] Justamente por isso, Pilati alerta para o perigo do viés de confirmação! Ele escreve que essa tendência nos cega para informações que contradizem nossas crenças e perpetua a desinformação. É por isso que precisamos da ciência, que se fundamenta em métodos rigorosos e na capacidade de autocorreção (Pilati, 2018).

Céos: [Envolto em sua própria retórica, aproxima-se de Fábio.] Mas a ciência também não é falha? Pense na dificuldade de replicar experimentos, nos conflitos entre pares... Se até ela erra, por que a pseudociência deveria ser condenada?

Fábio: [Dá um passo à frente, encarando Céos com confiança.] Pilati não nega as falhas da ciência. Ele reconhece que é um processo humano, sujeito a erros. Mas a diferença é que a ciência corrige seus próprios caminhos, enquanto a pseudociência se apegua ao erro, escondendo-se sob retórica e autoridade falsa (Pilati, 2018).

Céos: [Agora mais sério, percebendo a firmeza de Fábio.] E quanto à necessidade de pertencimento? Muitos acreditam para se sentirem aceitos, integrados... Isso não é também um tipo de verdade?

Fábio: [Respira fundo, mantendo o olhar firme.] Pertencer a um grupo, a uma identidade, é uma necessidade humana. Mas o pertencimento não pode justificar a perpetuação da desinformação. Como alerta Pilati, em tempos de incerteza, o desejo de aceitação social pode levar indivíduos a adotarem discursos falsos simplesmente porque são populares, não porque são verdadeiros (Pilati, 2018).

É aí que a desinformação se espalha: quando deixamos de questionar para sermos aceitos. Cabe a nós, pesquisadores, educadores, artistas, estimular o pensamento crítico, confrontar os discursos fáceis e buscar evidências antes de aceitar qualquer crença. O teatro científico, neste contexto, é mais do que palco: é trincheira contra a mentira. É espaço de escuta, de debate, de reconstrução de sentidos.

Céos: [Abaixa a cabeça por um momento, depois levanta com um sorriso enigmático.] Fábio. Mas lembre-se: nem todos podem suportar o peso da verdade.

Fábio: [Sorri de volta, confiante.] Talvez não, Céos. Mas como Pilati diz, a ciência, com todas as suas limitações, ainda é a melhor ferramenta que temos para entender o universo e a nós mesmos.

[Céos dá um passo para trás, desaparecendo em uma sombra enquanto a luz azulada se apaga. Fábio, agora sozinho, olha para o público.]

Fábio: [Sério, mas com esperança na voz, fala para o público.] A verdade não é fácil, mas é necessária. E o pensamento crítico é a nossa maior defesa contra as ilusões. Bom vocês não acharam o Céos estranho?

[As luzes diminuem, e a cena termina.]

Cena 1: Divulgação científica, conceitos.

[Céos, reaparece pela direita, voltando a discutir com Fábio intensamente]

Céos: Fábio, meu caro, como você pode insistir nessa ideia de comunicar ciência, sei lá, ainda usando o teatro? Não percebe que é uma tarefa fútil? Afinal, quem se importa com essas diferenças entre conceitos como, por exemplo, difusão, comunicação e vulgarização? Tudo isso é uma perda de tempo.

Fábio: [cruzando os braços, pensativo] Céos, cada um desses termos tem um papel importante. Não podemos jogar tudo no mesmo saco e ignorar as nuances. Por exemplo, difusão científica é o processo de disseminar conhecimento, uma troca essencial para a ciência alcançar um público mais amplo (Mueller; Caribé, 2010).

Céos: Disseminar, é? Uma palavra tão bonita para algo tão banal. Você acha mesmo que publicar artigos ou fazer conferências muda alguma coisa? As pessoas comuns não leem isso, Fábio.

Fábio: Talvez não diretamente como dito por Mueller e Caribé, mas é aqui que entra a divulgação científica. Essa, sim, busca traduzir e simplificar conceitos complexos para o público leigo poder entender. Desde os séculos XVII e XVIII, quando começaram a escrever em línguas vernáculas, o conhecimento ficou mais acessível (Mueller; Caribé, 2010).

Céos: Simplificar? Ou seria vulgarizar? Afinal, quando tentam deixar tudo tão fácil, a ciência acaba virando um teatro de bobagens. Só se perde a essência, Fábio!

Fábio: [com um leve sorriso] *Vulgarização* é outra coisa, Céos. É quando se simplifica tanto que o conhecimento é distorcido ou perde sua precisão. Por isso, é essencial encontrar o equilíbrio. Não podemos nos dar ao luxo de comprometer a integridade da ciência (Mueller; Caribé, 2010).

Céos: Ah, mas que sofisticação! E a tal popularização, hein? Me diga, qual a diferença real entre isso e a divulgação? Você está complicando as coisas para parecer mais inteligente.

Fábio: [com firmeza] *Popularização* é mais sobre engajar o público, despertando interesse e curiosidade pela ciência. Muitas vezes, usamos mídias de massa para isso. É um esforço de aproximação, diferente da divulgação, que se preocupa mais com a compreensão (Mueller; Caribé, 2010).

Céos: E a tal comunicação científica? Parece-me que é só mais uma desculpa para cientistas conversarem entre si e ignorarem o resto do mundo.

Fábio: [balançando a cabeça] De forma alguma. A comunicação científica não é só entre cientistas; ela também inclui o diálogo com o público. E é crucial para o avanço do conhecimento e para a colaboração entre pesquisadores (Mueller; Caribé, 2010).

[pausando, como se ponderasse] E há ainda uma dimensão que Mueller e Caribé não exploram diretamente: a dimensão política. Graça Caldas nos lembra que a divulgação científica não é um ato neutro, é um processo de democratização do saber. Quem acessa o conhecimento científico está mais apto a exercer a cidadania plena; quem não acessa está, de certa forma, excluído das decisões que moldam o mundo (Caldas, 2010). Por isso o teatro científico interessa tanto: ele leva ciência a quem raramente frequenta museus ou periódicos.

Céos: [irônico] Que poético. E a tal "cultura científica", você também vai me defender?

Fábio: [com firmeza] Vogt e Morales nos ajuda aqui. Não basta que o público receba informação científica, é preciso que desenvolva uma relação ativa com o conhecimento, que questione, que valorize, que participe. É isso que ele chama de espiral da cultura científica: um movimento que começa na produção do saber e só se completa quando o público o ressignifica para si (Vogt; Morales, 2017).

Céos: [irônico] Tantas palavras bonitas para justificar algo que poucos realmente ouvem. Você vive num mundo ideal, Fábio.

Fábio: [calmamente] E você vive num mundo onde desinformar é mais fácil do que esclarecer. Mas é exatamente por isso que continuo insistindo. Cada um desses conceitos ajuda a construir uma cultura científica mais inclusiva e informada. E, Céos, por mais que você tente confundir, a verdade é que a ciência sempre encontrará um caminho para ser ouvida.

Céos: [com um sorriso enigmático] Que insulto, sou o deus do conhecimento. Veremos, Fábio. Veremos.

Cena 2: Fábio e Céos – O Conhecimento como Poder e a Ilusão do Controle

[À esquerda do palco, Fábio aparece em seu espaço de estudos, agora mais bagunçado, com papéis espalhados. À direita, Céos retorna, trajando um manto mais imponente, com símbolos antigos bordados, como se representasse um guardião dos segredos do saber.]

Céos: [Surge do escuro, com uma voz imponente.] Fábio, meu curioso mortal, aqui estamos novamente. Desta vez, para debater sobre o verdadeiro propósito do conhecimento. Sabia que o saber, por séculos, nunca foi destinado a todos? Ele é, e sempre será, uma arma nas mãos de poucos.

Fábio: [Olha para Céos, cruzando os braços.] Arma ou ferramenta? Michael Mosley e John Lynch, defendem que o saber sempre esteve ligado ao poder, mas isso não significa que deve permanecer assim. A invenção da imprensa foi um marco na democratização do conhecimento (Mosley; Lynch, 2011).

Céos: [Ri baixinho, caminhando ao redor de Fábio.] Ah, mas você esquece que mesmo a imprensa só disseminou o que a elite queria. Antes disso, a leitura era um privilégio de poucos. A ciência, meu caro, foi por muito tempo um segredo guardado, restrito àqueles que realmente importavam.

Fábio: [Aponta para Céos, firme.] Você tem razão em parte. Mosley e Lynch reconhecem que o conhecimento era privado, restrito e frequentemente secreto. Mas eles também destacam que o contexto histórico moldou essas dinâmicas. A ciência não precisa ser assim! É uma ferramenta de emancipação quando usada com ética e transparência (Mosley; Lynch, 2011).

Céos: [Ergue o dedo como se fosse revelar um segredo.] E quem decide o que é ético? As instituições? Aquelas mesmas que, historicamente, controlaram o acesso ao saber? A Igreja, as universidades, os governos... Não foram eles que restringiram o conhecimento, conforme apontado por Mosley e Lynch? E ainda hoje, não são eles que manipulam a ciência em nome de interesses próprios?

Fábio: [Suspiros, mas mantém a postura.] Sim, eles abordam isso. As ideias científicas sempre emergiram em contextos sociais e políticos. Mas isso não justifica perpetuar a opressão. O progresso está na luta por um conhecimento acessível, na construção de espaços de aprendizado inclusivos (Mosley; Lynch, 2011).

Céos: [Muda o tom, tentando soar sedutor.] Mas pense, Fábio, não há algo fascinante nos segredos do conhecimento? Alquimistas, inventores... Todos guardavam seus saberes para garantir vantagens. O segredo é poder. Divulgar tudo dilui a essência do que é valioso.

Fábio: [Dá um passo à frente, encorajado.] Esse fascínio pelos segredos é compreensível, mas perigoso. Mosley e Lynch mostram que os segredos do saber, como na alquimia, eram frequentemente usados para manter o controle. Porém, quanto mais acessível o conhecimento, maiores são as chances de promover justiça social e científica (Mosley; Lynch, 2011).

Céos: [Tenta soar convincente, quase conspiratório.] E as implicações éticas, Fábio? Nem todos estão prontos para lidar com o saber. Você entregaria um arsenal científico a qualquer um? Não é mais seguro manter o controle nas mãos de poucos?

Fábio: [Balança a cabeça, determinado.] As implicações éticas são importantes, mas não são desculpa para oprimir. Mosley e Lynch defendem que a ciência deve ser uma ferramenta de emancipação, não de opressão. Transparência e educação são os caminhos para preparar as pessoas, não a restrição (Mosley; Lynch, 2011).

Céos: [Encara Fábio, em tom desafiador.] E se eu dissesse haver saberes que nunca deveriam ser revelados? Que certas verdades destroem mais do que constroem?

Fábio: [Sorri, confiante.] Eu diria que o medo não pode ditar as regras do progresso. A democratização do conhecimento é essencial para o avanço social. Não podemos deixar que o poder continue sendo privilégio de poucos (Mosley; Lynch, 2011).

Céos: [Recua um passo, observando Fábio com atenção] Você é persistente, Fábio. Mas lembre-se, o poder do saber pode ser tanto uma bênção quanto uma maldição.

[Céos desaparece em uma névoa, deixando somente um eco de sua risada no palco. Fábio olha para o público, reflexivo.]

Fábio: [Olhando diretamente para o público.] O conhecimento é poder, mas também pode ser libertação. Cabe a nós lutar pela democratização do saber, pela transparência e pela justiça. Porque só assim o progresso será de todos, e não de alguns poucos. Gente, ele não parece ser o mesmo que conheci no início da pesquisa, algo estranho está acontecendo aqui.

[As luzes diminuem, encerrando a cena.]

Cena 3: A História da divulgação científica

[Céos reaparece no palco, Fábio olha ele com uma cara de cansado]

Fábio: Você novamente, o que você deseja agora?

Céos: [vindo pela direita] Fábio, meu caro, você acredita mesmo que a ciência pode transformar o mundo? A história está cheia de exemplos que contradizem essa ideia. Vamos lá, no século XVI, por exemplo, o que mudou realmente? Somente algumas pessoas tiveram acesso a textos científicos.

Fábio: Céos, sua visão é um tanto distorcida. No século XVI, a invenção da imprensa de tipos móveis por *Gutenberg* foi revolucionária. Ela permitiu uma maior disseminação de informações e facilitou o acesso ao conhecimento científico. Eruditos começaram a escrever em línguas vernáculas, abandonando o latim, o que tornou os textos mais acessíveis ao público geral. Esse foi um marco na democratização do conhecimento (Mueller; Caribé, 2010).

Céos: Democratização? Ou confusão? Porque o conhecimento só ficou mais diluído. Você acha que os livros de “segredos naturais” realmente ajudaram alguém?

Fábio: Um exemplo é o *Secreti de Alessio Piemontese*, que teve múltiplas edições em várias línguas. Isso evidencia o interesse crescente pelo conhecimento. Além disso, o contexto cultural e religioso fez com que os eruditos buscassem legitimidade e reconhecimento para proteger suas descobertas das críticas e censuras. Esse período estabeleceu as bases para a ciência moderna (Mueller; Caribé, 2010).

Céos: E no século XVII, o que realmente aconteceu além de conversas filosóficas e teorias distantes da realidade?

Fábio: O século XVII consolidou a divulgação do conhecimento científico com obras como “*Entretiens sur la pluralité des mondes*” de *Bernard le Bouyer de Fontenelle*, publicado em 1686. Essa obra apresentava descobertas astronômicas e teve um impacto significativo, com 33 edições entre 1686 e 1757, sem contar traduções. Foi um período de intensa urbanização e mudanças sociais, com a emergência de uma nova classe média interessada em ciência (Mueller; Caribé, 2010).

Céos: Claro, mas só a elite tinha acesso. A tal “popularização” foi só um nome bonito para manter as massas ignorantes.

Fábio: Popularização e divulgação são diferentes. No século XVII, surgiram cursos que introduziam a filosofia mecânica e experimental, promovendo conhecimentos técnicos e econômicos. A Filosofia experimental, baseada em evidências, impulsionou a ciência e a estabilização de sociedades científicas (Mueller; Caribé, 2010).

Céos: Ah, mas o século XVIII foi só mais do mesmo. Letras bonitas para uma classe média emergente.

Fábio: Não exatamente. No século XVIII, houve um esforço maior para tornar o conhecimento acessível ao público. Os autores começaram a usar uma linguagem mais compreensível, afastando-se da hermeticidade. Além disso, o aumento da alfabetização e a superação do analfabetismo nas áreas urbanas criaram condições para a disseminação do conhecimento científico.

Céos: [mais provocativo] E o século XIX? Com tanta industrialização, a ciência ganhou público ou se fechou ainda mais?

Fábio: O século XIX é conhecido como o “século da ciência”. Houve avanços na educação, política e economia, com um aumento significativo na alfabetização, especialmente na Europa. Sociedades científicas se tornaram mais organizadas, promovendo a comunicação entre cientistas e o público (Mueller; Caribé, 2010).

Céos:[com ironia crescente] E no século XX, com rádio e televisão, ficou mais fácil divulgar ciência, ou manipulá-la?

Fábio: No século XX, a divulgação científica foi revolucionada pelos avanços tecnológicos, como rádio, televisão e internet. Isso permitiu alcançar um público mais amplo. A educação científica ganhou destaque e que a especialização trouxe desafios, mas também a necessidade de traduzir conceitos complexos para o público leigo (Mueller; Caribé, 2010).

Céos: E o século XXI? Mais desinformação na internet, não é?

Fábio: Sim! O século XXI trouxe desafios como fake news, mas também oportunidades com as redes sociais e plataformas digitais, que permitem uma interação direta entre cientistas e o público. Destaca-se a importância da alfabetização científica e da educação crítica para combater a desinformação e promover a ciência como ferramenta de resolução dos desafios globais (Mueller; Caribé, 2010).

Céos: Fábio, você é persistente, mas o mundo está cheio de mentiras. Como você pode ter tanta certeza?

Fábio: Porque, Céos, a ciência é construída sobre evidências e diálogo. Apesar dos desafios, ela continua sendo nossa melhor ferramenta para entender e melhorar o mundo. E eu não desistirei de defendê-la. Você está muito estranho.

Céos: Claro que não, o conhecimento se constrói com diálogo, não é. Tenho que ir agora, mas volto a dialogar.

[Céos sai de cena, e Fábio fica no palco com cara de paisagem, não acreditando no comportamento de Céos.]

Cena 4: Falar de ciência

[com livros espalhados sobre uma mesa. Fábio está cercado por anotações e manuscritos. Hermes aparece repentinamente, examinando os livros com interesse.]

Fábio: [concentrado em seus escritos] Divulgação científica é tão vital quanto a pesquisa em si. Afinal, o que adianta gerar conhecimento se ele não chega à sociedade?

Hermes: [com tom irônico, à direita do palco] Ah, mas veja bem, Fábio, não é um pouco ingênuo pensar assim? Você realmente acredita que o público leigo pode compreender algo tão complexo quanto a ciência?

Fábio: [ergue os olhos] E o que sabe sobre o público leigo?

Hermes: Sei o suficiente para questionar: não seria mais sensato deixar a ciência para os cientistas? Afinal, não é para isso que existem os jargões e os artigos técnicos?

Fábio: [com firmeza] Claro que não! Como disse Wilson Costa Bueno, a comunicação científica é para especialistas, enquanto a divulgação é para todos. Tornar a ciência acessível é um ato de democracia (Bueno, 2010). Você é contra isso?

Hermes: [sorrindo] Democracia, sim, uma bela palavra. Mas não há o risco de distorção? Você já viu quantas “fake news” se espalham por aí disfarçadas de “divulgação científica”? Quem garante que seu público entenderá corretamente?

Fábio: [reflexivo, mas decidido] Esse é um risco real, admito. Por isso, é ainda mais urgente ensinar a população a diferenciar fatos de ficção. A alfabetização científica é uma arma contra a desinformação. Ao mostrar como temas complexos, como transgênicos ou mudanças climáticas, podem ser traduzidos para o teatro (Bueno, 2010).

Admito que também há um problema em relação à arte. A criatividade, que também pode ser entendida como uma forma de arte, permite aos seres humanos criar narrativas. De acordo com Yuval Noah Harari, essa capacidade de inventar mitos e histórias foi fundamental para que os sapiens organizassem suas sociedades e estabelecessem formas de interação coletiva. A arte, como exemplificado pela figura do “homem-leão”, vai além da expressão estética; ela reflete a extraordinária capacidade humana de imaginar e acreditar em realidades que não existem fisicamente. Essas pessoas compartilhadas, como a existência de deuses ou

espíritos, influenciam profundamente o comportamento social e a estrutura das comunidades. Mitos e narrativas criadas pela arte ajudam a estabelecer normas e valores que orientam o comportamento coletivo. Através da reprodução e da acessibilidade compartilhada dessas histórias, as sociedades constroem “instintos artificiais”, promovendo a cooperação entre indivíduos que, de outra forma, são estranhos reciprocamente. Essa capacidade é essencial para a formação de sociedades complexas e para a manutenção da ordem social. A habilidade de criar e modificar mitos permite que as sociedades se adaptem rapidamente às novas situações. Um exemplo claro é a mudança nas confianças sobre a soberania durante a Revolução Francesa, que demonstra como a arte e a narrativa podem influenciar profundamente a estrutura social e a política de um período (Harari, 2015).

Portanto, a arte não somente enriquece a experiência humana, mas também funciona como uma ferramenta poderosa para a construção e manutenção de realidades sociais e imaginárias. Ela molda o mundo em que vivemos, permitindo que as sociedades se organizem, evoluam e se adaptem às mudanças ao longo do tempo, neste sentido o teatro exerce uma função importante ao transmitir conhecimento científico.

Hermes: [fingindo concordar] Polêmico, você, Fábio... O teatro? Ah, o teatro! Um meio sublime, sem dúvida. Mas me diga: em que medida uma história encenada pode — ou deve — carregar o peso de uma pesquisa científica? Quais são as implicações de transformar dados e teorias em narrativas cênicas?

Fábio: [com paixão, mas refletindo criticamente] Essa é uma questão fundamental, Hermes. O teatro não somente pode, como deve assumir esse papel, mas sempre com limitações bem definidas. Ele não substitui a pesquisa científica, mas a traduz para um formato que envolve, emociona e provoca reflexão. Ao adaptar ciência para o palco, criamos espaços de diálogo que promovem uma consciência crítica. No entanto, essa tradução exige cuidado: simplificar demais pode levar à superficialidade, enquanto um equilíbrio bem pensado pode democratizar o acesso ao conhecimento (Bueno, 2010).

Hermes: [com um olhar astuto] Então, o desafio está no equilíbrio? Você sugere que o teatro pode ser uma ferramenta poderosa, mas há riscos envolvidos. Como evitar que a mensagem científica seja deturpada ou mal interpretada pelo público?

Fábio: [calmo, mas firme] Exatamente, Hermes. O teatro não deve banalizar a ciência, mas sim contextualizá-la na vida cotidiana. Isso exige que os criadores sejam rigorosos na adaptação dos conceitos científicos, garantindo que a essência do conhecimento seja preservada. Além disso, como Bueno aponta, a comunicação científica no teatro deve

priorizar a acessibilidade sem perder a profundidade. As implicações disso são enormes: podemos formar uma sociedade mais informada e crítica, capaz de enfrentar os desafios contemporâneos com maior discernimento (Bueno, 2010).

Hermes: [sorriso sarcástico] Você é teimoso, Fábio. Mas mesmo com suas boas intenções, será que o público quer mesmo ouvir sobre ciência?

Fábio: [levantando-se] Sim, Hermes, o público quer. Eles só precisam que nós, cientistas e divulgadores, falemos com clareza e respeito. O teatro é um meio de dar voz à ciência, de torná-la parte da cultura e da vida. Agora, se me der licença, tenho uma pesquisa para terminar.

Hermes: [recuando lentamente] Claro. Mas lembre-se: a verdade pode ser frágil. E eu sempre estarei por perto, pronto para testá-la.

Fábio: [voltando ao trabalho] E eu estarei aqui, firme, defendendo a ciência com todos os recursos que ela me deu.

[Encerramento: Hermes desaparece lentamente, deixando Fábio determinado a continuar sua missão.]

Fábio: [olha para o público e diz] Estes deuses estão doidos.

Cena 5 – O Diagrama das Travessias Entre Arte, Ciência e Capitalismo

[O telão exibe a imagem da nova Figura 3.1 – o diagrama de Venn com três círculos sobrepostos: arte (à esquerda, roxo), ciência (à direita, amarelo), capitalismo (embaixo, vermelho). As palavras estão distribuídas dentro de cada campo, e nas intersecções.]

Figura 3.2 – Arte, ciência e capitalismo: encontros e tensões



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

[Mnemosyne está presente no palco, mas de costas para Fábio, como uma escultura viva.]

Fábio: [movimenta a mão lentamente em direção à imagem] Mnemosyne... Eu tentei organizar essas forças que atravessam o conhecimento. Arte, ciência... e algo que muitos evitam nomear: o capitalismo.

[Ele aponta para o círculo da esquerda.]

Aqui, a Arte:

Imaginação, expressão, subjetividade, metáfora, afeto.

Mas não é só emoção. A arte também tem método, mesmo que seja outro.

Ela sente antes de explicar.

[Move a mão para o lado direito do diagrama.]

E aqui, a Ciência:

Cálculo, método, objetividade, teorema, dados.

Mas também não é só razão. Há intuição nas descobertas.

Metáforas na física. Dúvidas nas fórmulas.

[Ele toca simbolicamente o centro do diagrama, onde as palavras se encontram.]

Entre as duas, nasce a travessia:

Criatividade. Transformação. Exploração. Controle.

Sim, controle também.

Porque toda produção de conhecimento traz consigo o risco de querer domesticar o mundo.

[Agora, aponta para o círculo inferior.]

E então... o que paira por baixo: o Capitalismo.

Censura. Precarização. Pressão por resultados.

Essas forças moldam tanto a arte quanto a ciência.

A primeira é domesticada pela estética vendável.

A segunda, pelos editais, pelos prazos, pelas patentes.

[Fábio se aproxima do centro da projeção, entre os três círculos.]

É aqui que me interessa.

No lugar onde essas forças se friccionam.

Onde o teatro científico nasce:

Não como soma das partes, mas como lugar de confronto.

[Ele respira fundo. A imagem permanece. Mnemosyne ainda de costas.]

A arte nos emociona.

A ciência nos explica.

O capital tenta nos vender.

Mas nenhuma das três é neutra.

Todas moldam realidades.

E todas podem silenciar.

[Fábio olha para o centro do telão novamente.]

Fábio: [voz mais baixa] O que acontece quando tentamos popularizar a ciência...

Mas ela chega já moldada pelo mercado?

[Agora ele se volta para Mnemosyne.]

E você, Mnemosyne?

Você se lembra... ou só arquiva o que foi autorizado?

[Fábio começa a se afastar. Mnemosyne se vira lentamente. Caminha até a borda do palco. Para. Sorri, enigmática. Luzes se apagam.]

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

Figura 4.1 – A pesquisa como percurso⁶



Autor: Fábio Vicente da Silva Santos (2026).

[Fábio está cercado por fotos, anotações e um gravador. Ele puxa um fio, e uma foto cai.]

Fábio: [Sussurrando] Metodologia é como teia de aranha: frágil, mas capaz de capturar detalhes invisíveis. Aqui, vou confessar meus truques – como analisei cada gesto dos atores, cada cor de figurino, cada silêncio entre as falas. *Bardin* me ensinou a caçar padrões... mas foi o teatro que me mostrou onde esconder as exceções.

[Luzes se extinguem.]

Caminhos de papel, labirintos de mente,
A pesquisa é um rio, fluindo, latente.
O explorador, com bússola e caneta,
Navega em mares de dados, a verdade é a meta.
Autor: Fábio Vicente da Silva Santos

⁶ Ilustração conceitual do percurso metodológico, elaborada a partir de uma fotografia. Prompt chatgpt: Figura solitária caminhando lentamente por um caminho estreito, carregando um caderno e uma câmera fotográfica, elementos que simbolizam o registro, a observação e a construção do conhecimento ao longo da pesquisa. O ambiente nebuloso, sem horizonte definido, remete à incerteza inerente ao processo investigativo, enquanto o solo, composto por linhas geométricas e marcas orgânicas, representa a articulação entre rigor metodológico e experiência sensível. A paleta cromática privilegia tons de cinza azulado (rigor), verde apagado (processo), amarelo muito suave (atenção) e preto diluído (incerteza). A atmosfera contemplativa, de ritmo lento e caráter fleumático, reforça a compreensão da pesquisa como percurso contínuo, e não como simples alcance de um destino final.

Cena 0: Descrevendo o método

Fábio: [concentrado, segurando algumas anotações] A pesquisa que estou realizando é uma investigação *qualitativa, interpretativa e participante*. Quero entender o que a linguagem visual no teatro científico revela sobre interação entre arte e ciência.

Para isso, acompanhei o processo de produção da peça “A Que Faz”, os dados foram coletados por meio de registros fotográficos, observações e participação ativa. Organizadas em um diário de campo, Quadro de observação. De um acervo com aproximadamente 4 mil fotografias registradas dos bastidores, da produção e das apresentações da peça, foram selecionadas 38 imagens consideradas relevantes para a análise semiótica, por evidenciar aspectos significativos do figurino, da maquiagem, da cenografia ou do próprio processo de criação e montagem. Os registros fotográficos foram realizados durante os ensaios e a estreia da peça “A Que Faz”, entre agosto e outubro de 2023. O acervo gerado foi organizado em categorias temáticas correspondentes aos elementos visuais de análise: figurino, maquiagem, cenografia, iluminação e cenas. Cada fotografia foi submetida à análise semiótica, identificando os níveis de denotação e conotação, os elementos de *studium* e *punctum*, além das associações cromáticas e arquetípicas presentes nas imagens (Barthes, 1984; Sontag, 1977; Sonego, 2011).

A seleção das fotografias para análise privilegiou aquelas que melhor representavam os elementos visuais mais recorrentes e significativos do espetáculo. A análise das imagens foi realizada com base na abordagem semiótica, considerando três níveis interpretativos: o descritivo, o simbólico e o interpretativo. No nível descritivo, foram identificados os elementos visuais presentes nas imagens, como cores, formas, composição, iluminação e disposição dos corpos em cena. No nível simbólico, buscou-se compreender os significados associados a esses elementos, considerando referências culturais, estéticas e teatrais. Por fim, no nível interpretativo, as imagens foram analisadas em relação ao contexto da peça, articulando os signos visuais com os elementos narrativos e com os conceitos científicos abordados. Esse processo permitiu compreender como a linguagem visual opera na construção de sentidos, evidenciando a interação entre arte e ciência no teatro científico.

Céós: [com um sorrisinho irônico, entrando pela direita] Qualitativa, participativa, análise de imagem... Que jargão complicado, hein? Mas me diz, Fábio, o que você acha que vai tirar de tudo isso? Até parece que acompanhar teatro é pesquisa.

Fábio: [mantendo a calma] Ah, Céos, você gosta de provocar. A pesquisa qualitativa é adequada quando se quer compreender os *significados subjetivos* e experiências culturais específicas. Como diz Arilda Schmidt Godoy, ela permite aprofundar os sentidos atribuídos às práticas sociais e culturais (Godoy, 1995).

A imersão nesse ambiente foi essencial para entender como o teatro articula signos visuais como parte integrante do discurso para comunicar ciência.

Céos: E você ficou por lá somente olhando e anotando?

Fábio: Não somente. Realizei *observação participante* durante todo o processo criativo da peça. Participei em alguns momentos, acompanhei ensaios e a construção do espetáculo.

Como explica Rui Martinho Rodrigues, a observação participante não é somente um registro passivo, mas um envolvimento direto com a realidade pesquisada (Rodrigues, 2007).

Céos: [Cruzando os braços] Tudo bem, vai... Você observou. E o que tem de mais nessas anotações?

Fábio: As situações relevantes foram documentadas em *notas de campo*, com foco nas interações entre arte e ciência, na linguagem visual e textual.

Segundo Menga Lüdke e Marli André, a observação participante permite captar aspectos impossíveis de serem registrados por outros métodos (Lüdke; André, 1986).

Céos: [Provocativo] Hum... E fotografar também é pesquisa agora?

Fábio: [sorri] Sim, Céos, os *registros fotográficos* são fundamentais para capturar significados visuais que vão além das palavras. Segundo Uchoa e Godoi (2016), as fotografias enriquecem a pesquisa qualitativa ao documentar elementos visuais que estruturam narrativas culturais e ideológicas. As fotografias ajudaram a registrar elementos cênicos, figurinos e a composição visual do espetáculo, enriquecendo a pesquisa qualitativa ao fornecer uma representação visual do que foi observado, o que é essencial para a compreensão das narrativas culturais e ideológicas que o teatro científico busca comunicar. Dessa forma, os registros fotográficos desempenham um papel importante na documentação e análise dos fatores visuais que estruturam a interseção entre arte e ciência.

Céos: E o texto da peça? Você só leu e anotou umas coisinhas?

Fábio: O texto teatral foi analisado utilizando métodos diferentes, em artigos apresentados em eventos ou publicados em revistas. Um dos métodos foi a análise de conteúdo que é definida como uma técnica de investigação que objetiva a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações. Essa abordagem é

essencial para explorar as mensagens contidas no texto, identificando significados e padrões emergentes na interação entre ciência e arte, é um método descrito por Laurence Bardin que permite identificar contradições e relações entre elementos textuais, promovendo uma compreensão crítica da obra (Bardin, 1977).

A análise foi feita em dois artigos científicos, escritos por mim e minha orientadora Leila, um que foca no tema central da peça intitulado *A mulher e a ciência: uma análise dos temas de gênero na peça “A Que Faz”* e o outro focado no potencial de divulgação científica *“A Que Faz”: Análise do potencial de divulgação científica na peça teatral*.

A análise de conteúdo segue um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos que permitem inferir conhecimentos sobre as condições de produção e recepção das mensagens. De acordo com Laurence Bardin, essa metodologia é composta por três etapas principais (Bardin, 1977).

A metodologia utilizada para a análise da peça *“A Que Faz”* no artigo *“A Que Faz”: análise do potencial de divulgação científica na peça teatral*, foi qualitativa, seguindo uma abordagem de análise de conteúdo, conforme descrito por Bardin (1977). A pesquisa foi classificada como exploratória e descritiva.

A metodologia foi desenvolvida em três fases principais: **Pré-Análise** que envolveu a organização inicial do material e a seleção das cenas pertinentes ao estudo. As cenas escolhidas foram cinco: 0, 7, 8, 11 e 15, com base em sua relevância para os temas de ciência e gênero. Nesta fase, foram formuladas hipóteses e elaborados indicadores relevantes para a pesquisa. **Exploração do Material** onde o texto da peça foi examinado detalhadamente para identificar padrões, temas recorrentes e elementos significativos. Foi realizada uma leitura atenta de cada cena para captar diálogos, ações e contextos que se relacionam com os temas de interesse. **Tratamento dos Resultados** onde os dados coletados foram analisados e interpretados. Essa fase permitiu uma compreensão mais profunda dos temas abordados e da forma como a peça comunica conceitos relacionados à ciência, gênero e questões sociais. (Freire; Santos, 2025).

Céós: [Com falso interesse] E como foi a análise no outro artigo.

Fábio: O artigo intitulado *“A mulher e a ciência: uma análise dos temas de gênero na peça “A Que Faz”* seguiu outro caminho.

Para aprofundar essa análise, utilizamos a Análise do Discurso (AD) com base nos fundamentos de Eni P. Orlandi, que apresenta ferramentas para compreender a constituição dos sujeitos pelo discurso e a produção de sentidos a partir das condições de produção.

Segundo a autora, o discurso é influenciado por fatores históricos, sociais e ideológicos, configurando-se como um espaço de disputas ideológicas onde se manifestam relações de poder e dominação. Essa abordagem é particularmente útil para a análise das representações de gênero e da posição da mulher no campo científico na peça “A Que Faz” (Orlandi, 2003).

A metodologia utilizada no estudo foi organizada em três etapas principais. A primeira consiste na **leitura discursiva**, na qual foi realizada uma análise crítica das falas da peça “A Que Faz” para entender como os discursos sobre a posição das mulheres na ciência são construídos. Foram escolhidos diálogos que evidenciam preconceitos institucionais, silenciamento de vozes femininas e desafios enfrentados por mulheres cientistas. A segunda etapa envolveu a **identificação das formações discursivas**, analisando os enunciados que organizam os sentidos acerca das mulheres na ciência e as relações de gênero, buscando identificar as práticas sociais e ideológicas subjacentes que mobilizam sentidos sobre equidade e desigualdade de gênero. Por fim, a terceira etapa enfocou a **análise das condições de produção do discurso**, examinando detalhadamente as relações de poder presentes nas falas das personagens e as contradições e silenciamentos nos discursos femininos (Santos; Freire; Chagas, 2026).

Céós: [com falso interesse] Quanta coisa, ainda tem mais análise deste texto da peça.

Fábio: Sim, o artigo intitulado, “*Impactos da exposição a defensivos agrícolas: uma análise dialética de cena da peça teatral 'A Que Faz'*”.

A metodologia utilizada no estudo foi a abordagem dialética, que se baseia na análise de contradições e na compreensão das interações complexas entre diferentes elementos. Essa metodologia é composta por três etapas principais: tese, antítese e síntese (Salvador, 2012). No contexto da análise da cena 9 da peça “A Que Faz”, a tese refere-se aos problemas causados pelos defensivos agrícolas, enquanto a antítese representa as contradições entre os benefícios econômicos desses produtos e os seus impactos negativos à saúde pública. A síntese resulta da integração dessas perspectivas, proporcionando uma visão mais abrangente dos efeitos sociais e ambientais do uso de defensivos agrícolas (Santos; Freire, 2026).

Através da aplicação dessa metodologia, a análise concentrou-se em temas como a exposição de crianças e adultos a defensivos agrícolas, as implicações da urbanização e os respectivos riscos à saúde pública, destacando a necessidade de uma reflexão crítica sobre os impactos desses produtos (Santos; Freire, 2026).

Céós: [Irritado] Não vai me dizer que ainda tem mais!

Fábio: No artigo, *Análise das questões socioambientais na música “O rio invertido”* escrito por mim, Leila Inês Follmann Freire e Josemar de Quadros Chagas, foi realizada uma análise qualitativa da música. Essa análise se concentrou na interpretação das letras e na compreensão dos significados relacionados a questões socioambientais e desigualdade urbana. Utilizamos uma abordagem descritiva e interpretativa, conforme descrito por Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021), que visa entender a complexidade e as experiências humanas envolvidas na temática abordada. Assim, a metodologia qualitativa possibilitou explorar detalhadamente as nuances das interações entre sociedade e meio ambiente, refletindo sobre as desigualdades presentes nas dinâmicas urbanas atuais (Santos; Freire; Chagas, 2024).

Céos: [provocativo] Como assim, rio invertido? Agora os rios correm pelo céu?

Fábio: Não, seu bobinho! É uma referência ao Rio de Janeiro. Lá, as favelas ficam nas partes altas da cidade, enquanto aqui, em Ponta Grossa, acontece o contrário: a região mais rica está nas áreas elevadas, e as áreas mais pobres ficam nas partes baixas.

Céos: [Com semblante de Irritado]

Fábio: [Com um sorriso no rosto] Ainda tem mais um artigo.

O trabalho de uma pesquisadora em química apresentado em uma cena de teatro. Escrito em parceria com Renan Sota Guimarães e meu coorientador Jocemar de Quadros Chagas.

O estudo focou na relação entre arte e ciência, especificamente no teatro científico, visando evidenciar ações relacionadas ao trabalho de uma pesquisadora em química. A pesquisa foi baseada em uma análise qualitativa que considerou tanto o texto da cena quanto a gravação, explorando elementos da linguagem verbal e não verbal, como gestos e movimentos. Para isso, foram aplicadas metodologias de análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), que permitiram categorizar e interpretar as interações verbais e gestuais dos personagens, além da letra da música apresentada na cena. Os resultados demonstraram a complexidade do trabalho científico, a importância do financiamento para a pesquisa e a relação da ciência com a sociedade (Freire; Santos; Guimarães; Chagas, 2026).

Céos: [com expressão de deboche] Muitos trabalhos interessantes... E os registros? O acompanhamento? Você, de fato, respeitou os princípios éticos?

Fábio: Claro que sim! A pesquisa respeitou todos os princípios éticos, garantindo o anonimato e a privacidade dos participantes. O consentimento informado foi obtido antes dos registros fotográficos e da observação.

Céos: [cansado de resistir] Tudo bem, Fábio, você parece ter pensado em tudo. Não consigo mais te confundir.

Fábio: [confiante] Porque, Céos, a ciência não se baseia em achismos. Ela exige método, rigor e ética. E minha pesquisa segue todos esses princípios para compreender, com profundidade, a relação entre arte e ciência no teatro científico.

Céos: [recuando] Parece que hoje você venceu. Vou deixar você continuar com essa tal “metodologia”...

Fábio: [voltando ao trabalho] Eu não vou só continuar. Vou concluir minha pesquisa com clareza, porque a ciência e a arte merecem ser compreendidas e valorizadas.

[As luzes diminuem lentamente, encerrando a cena]

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS DADOS

Figura 5.1 – Rituais de Análise⁷



Autor: Fábio Vicente da Silva Santos (2026).

[Fábio sentado numa mesa coberta por xícaras de café vazias. Projeta-se atrás dele um mosaico de expressões do público: risos, lágrimas, bocejos.]

Fábio: [Cansado, mas com um sorriso, olhando diretamente para o público] Vocês já pararam para pensar que dados podem ser como fantasmas? Eles assombram nossas anotações, carregam perguntas sem resposta. Por exemplo: por que o público se espantou tanto com a cena do agrotóxico? [pausa] Ou por que as mulheres cientistas se emocionaram

⁷ Ilustração conceitual. Prompt chatgpt: Com base no rascunho manual, criar figura humana ajoelhada, representando o pesquisador em postura introspectiva. Em uma das mãos, segura um livro aberto, símbolo do método e da análise de conteúdo; na outra, uma máscara teatral trágica, representando a linguagem artística. Ao redor do corpo, forma-se um círculo incandescente composto por fotografias e fragmentos visuais, evocando os dados empíricos e os registros fotográficos utilizados na pesquisa. Acima da cabeça, uma câmera fotográfica flutua como símbolo do olhar analítico e da mediação técnica. A atmosfera é etérea e densa, quase espectral, sugerindo que os dados analisados possuem camadas simbólicas e ideológicas. A paleta cromática é dominada por azul profundo, associado à análise e à razão, contrastado por luz âmbar e laranja, relacionados à emoção, à arte e ao ritual. A composição adota o estilo de pintura conceitual contemporânea, com textura pictórica e iluminação dramática suave, buscando transmitir a ideia de interpretação, mediação semiótica e tradução simbólica da ciência por meio da arte.

quando ouvirem aquelas palavras? Hoje, neste capítulo, vamos investigar essas aparições... e talvez descubramos que até números, no palco, têm alma.

[Bebe o último gole de café. A xícara quebra no chão. Escuridão.]

[ilustração]

Fragmentos de vida, memórias em dança,
No palco da análise, a essência se lança.
Ecos de vozes, verdades a se entrelaçar,
Um alquimista transforma em arte o olhar.
Autor: Fábio Vicente (2025).

Cena 0: Um café.

[Fábio fala com a plateia]

Ah, vocês querem entender como a peça “A Que Faz” funciona, né? Não é só sobre mulheres na ciência. É teatro científico faz química com signos! Vou te explicar. Tem uma cena onde a atriz está vestida com tecidos fluidos, gesticula estar em um laboratório e mexendo em vidrarias? Aquilo não é só uma “reconstituição”. É um signo cultural, um golpe no patriarcado! Inclusive, no debate pós-estreia que registrei em dezembro de 2023, uma das próprias personagens explicou que essa vestimenta azul trazia uma inversão histórica intencional: remete àquele período antigo onde os homens usavam rosa e as mulheres usavam azul, algo que mudou com o tempo. Harari fala que a humanidade vive de realidades imaginadas, como o dinheiro, a justiça, o gênero, as religiões (Harari, 2015).

Pois bem: no palco, a personagem mulher vira um ícone da ausência. Acredito que o público não vê só a mulher, mas todas as mulheres excluídas dos laboratórios. É como um deus grego materializado, entende? Como dito por Harari, os seres humanos constroem narrativas coletivas que dão sentido à realidade. Nesse caso, a plateia toca naquela mentira concreta, a exclusão feminina no campo científico, e sente a injustiça profundamente (Harari, 2015).

[Fábio sobe em um banco, virando “professor performático”]

E o cenário? Aquelas caixas de papelão, que imitam paisagem, urbanas... No debate que acompanhei logo após a estreia da peça, no dia 10 de dezembro de 2023, uma das personagens verbalizou exatamente isso: explicou que as caixas e os prédios cinzas significavam as barreiras que as mulheres enfrentam na sociedade. Ela completou dizendo que a movimentação final dessas caixas e a chegada das cores do pôr do sol representam a mudança e as transformações que as mulheres buscam. Yi-Fu Tuan explica que espaços são

carregados de afeto e política (Tuan, 1983). Uma cidade no palco não é uma cidade real, é um mapa do imaginário. Quando a atriz diz, sou “A Que Faz”: Isso é o que a ciência deveria ser, um lugar onde mulheres ocupam laboratórios, escolas, em plena igualdade de gênero. [Ele desce do banco, baixa a voz]

Agora o pulo do gato! A peça pode ser vista como um ritual de inversão, como descreve Victor Turner. No contexto do palco, as mulheres não somente ocupam posições de destaque, mas comandam realmente a cena. Isso se assemelha ao Carnaval, onde os menos favorecidos podem se tornar 'reis' por um dia. Contudo, aqui a inversão vai além de uma simples celebração; trata-se de um verdadeiro choque cognitivo. O que isso significa? Significa que as normas sociais tradicionais são desafiadas e reconfiguradas, permitindo que as mulheres assumam papéis de liderança e poder, se distanciando das expectativas convencionais (Turner, 1974).

Harari diz que mitos não precisam de dados, só de verdades que colonizam a imaginação (Harari, 2015). Quando a cientista da peça diz “Eu sou a que faz”, o público sai achando possível, não, óbvio! — que a ciência tenha corpo de mulher.

[Fábio encara o horizonte, dramático:]

Resumindo: a peça não “conta histórias”. Ela fabrica geografias simbólicas, ressignifica signos e cria rituais que viram o mundo de cabeça para baixo. E no fim, você não lembra de fórmulas, lembra que no alto só mora gente rica. [Pausa.] Ou era gente pobre, ou isso é no rio? Bem, teatro também é mentira que revela. [Sorri, levantando o copo de café.] Saúde às mentiras necessárias!

Cena 1: Uma Conversa Sobre “A Que Faz”

[O palco está iluminado com uma luz suave, criando um clima de mistério e nostálgico. Fábio está sentado a uma mesa, folheando o roteiro da peça “A Que Faz”. Hermes entra no palco, com um sorriso irônico no rosto. Ele caminha lentamente, observando o cenário ao redor.]

Hermes: [aproximando-se] Sempre te encontro perdido em reflexões, Fábio. Hoje, parece que você está tentando decifrar o enigma do teatro.

Fábio: [sorri, sem tirar os olhos do roteiro] É verdade, Hermes. Estou pensando na peça “A Que Faz”. Um trabalho dos autores Leila Inês Follmann Freire e Jocemar de

Quadros Chagas, apresentado pelo Grupo de Teatro Científico da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. (*Texto da peça “A Que Faz” disponível no Apêndice A*).

Hermes: [sentando na cadeira ao lado] Ah, sim? E o que torna essa peça tão especial? É só mais uma história sobre mulheres e ciência?

Fábio: [colocando o roteiro sobre a mesa] Não, não é “só mais uma história”. É um roteiro de teatro musical que explora a saga de mulheres em diferentes ciclos da vida. Cada cena reflete suas experiências, desafios e conquistas. A peça é composta por 21 cenas, que variam desde diálogos introspectivos até interações mais dinâmicas entre os personagens e o público.

Hermes: [Com ar sarcástico] Vinte e uma cenas? Parece longo. Mas me diga, quem são essas mulheres? Heroínas de algum conto épico?

Fábio: [Pacientemente] Na verdade, elas são personagens muito humanas. A Que Faz apresenta três personagens femininas – a **Menina**, a **Mulher** e a **Senhora** – representando diferentes fases da vida de uma cientista. A Menina está cheia de dúvidas e descobertas, a Mulher enfrenta desafios na carreira e a Senhora compartilha sua experiência e reflexões. **Colega:** Um personagem que aparece nas cenas finais, representando a amizade e o apoio mútuo entre as jovens mulheres.

Hermes: [Interrompendo] Entendo... A velha sábia e a jovem curiosa. Original, não?

Fábio: [Irritado] Não se trata de ser original ou não, Hermes. É sobre como essas personagens representam questões universais.

Hermes: [gesticulando dramaticamente] Muito bonito. Mas qual é o ponto principal dessa obra-prima?

Fábio: [firme] O ponto principal é explorar temas como empoderamento feminino, ciência e pesquisa, desigualdade social e expressão artística. A peça mostra como a educação e a curiosidade são ferramentas de transformação. Ela destaca a importância do questionamento na ciência e como as perguntas bem elaboradas impulsionam o avanço do conhecimento.

Hermes: [rindo baixo] Ciência e arte juntas? Que combinação curiosa! Como podem coisas tão diferentes se entrelaçar sem criar confusão?

Fábio: [com entusiasmo] Exatamente isso, Hermes! A peça combina elementos de teatro e musical, usando diálogos e músicas para construir a narrativa. Inclusive, no debate que acompanhei logo após a estreia da peça, no dia 10 de dezembro de 2023, ficou nítido como o público se envolveu com essa proposta. Quando os espectadores questionaram o elenco sobre

o cenário, uma das personagens explicou que as caixas de papelão e os prédios cinzas significavam as barreiras que as mulheres enfrentam na sociedade. Ela completou dizendo que a movimentação final dessas estruturas e a chegada das cores do pôr do sol representam justamente a mudança e as transformações que elas buscam.

Hermes: [fingindo surpresa] Transformação e impacto social? Parece quase mágico. Mas, afinal, quem realmente se importa com todas essas reflexões? As pessoas vão ao teatro para se divertir, não para resolver problemas existenciais.

[levantando-se] Bem, se depender de mim, continuarei sendo somente um espectador cético. Mas admito que sua paixão por este projeto é... intrigante.

Fábio: [Voltando a folhear o roteiro] Talvez um dia você entenda, Hermes. Afinal, o teatro não é somente entretenimento; é uma ponte entre mundos, uma ferramenta de transformação.

Hermes: [Saindo pelo palco] Veremos, Fábio. Veremos...

[As luzes diminuem gradualmente, deixando somente o brilho suave sobre o roteiro da peça na mesa. O som de uma melodia leve ecoa no fundo, sugerindo esperança e continuidade.]

[Fim da Cena.]

Cena 2: “Memórias em Conflito”

[Cenário: No palco surgem caixas de papelão pintadas que simbolizam os bastidores da peça “A Que Faz” Ao fundo, há uma projeção alternando entre imagens documentadas e trechos confusos ou distorcidos, reforçando a ideia de manipulação de memórias.]

[Fábio está olhando um Quadro que exemplifica suas observações de campo, que está projetada em um telão para o público.]

Quadro 5.1 – Relatório de observação

Data	Atividade realizada	Observações	Evidência da Relação Arte e Ciência
15/08/2023	Observação inicial do projeto Exercício de teatro (Realizados em todos os encontros) Leitura de texto	Diversidade de participantes (idades, gêneros, origens) Criação de ambiente de envolvimento e relaxamento Engajamento positivo dos participantes	Inclusão de Temas: Discussões sobre mulheres cientistas trazem conceitos científicos para o contexto artístico. Música: Utilização de canções para envolver o público e comunicar ideias científicas.
22/08/2023	Discussão sobre o texto	Compreensão aprofundada do	

	Exercícios de alongamentos Leitura e interpretação de trechos da peça Desenvolvimento de música	enredo e tema da peça Preparação física e mental antes das atividades Foco nas perspectivas das mulheres cientistas Integração musical no espetáculo	Figurinos e Cenário: Elementos visuais que dão vida à narrativa e reforçam a mensagem científica. Comprometimento da Equipe: Engajamento em eventos externos demonstra dedicação à integração de arte e ciência. Uso Criativo de Materiais: Implementação de caixas de papelão destaca a relação com questões ambientais e a abordagem sustentável. Ensaaios Meticulosos: Trabalhos cuidadosos garantem que a expressão artística esteja alinhada ao conteúdo científico. Apresentação Final: Resultado que reflete a união entre arte e ciência, ampliando a conscientização sobre temas relevantes.
29/08/2023	Mudança de local para sala de aula Trabalho em músicas e Marcações de falas	Adaptação necessária, mas continuidades das atividades Foco no aprimoramento artístico da apresentação	
05/09/2023	Seleção e teste de figurinos Criação de desenhos para palco e cenário Trabalho na cena e integração com música	Avaliação da adequação dos figurinos Guia para construção do espaço cênico Exploração de falas, gestos e expressões	
12/09/2023	Reunião com poucos integrantes	Não houve registros, muitos estavam em evento externo	
03/10/2023	Teste de figurinos	Documentação do progresso por meio de fotos	
17/10/2023	Ensaio completo e ajustes finais do cenário	Preparação para pré-estreia Registros fotográficos	
20/10/2023	Ensaio aberto e exposição da peça anterior “Coração em chagas”	Organização e apresentação de itens da peça anterior. Apresentação da peça “A Que Faz” no período da noite em forma de ensaio aberto	

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

[Luzes focam no centro do palco. Fábio entra segurando um bloco de notas e um tablet. Mnemosyne está de pé ao lado de uma pilha de caixas, com uma expressão serena, quase maternal.]

Mnemosyne: Ah, Fábio, bem-vindo! Que honra reviver essas memórias preciosas com você. Vamos organizar suas observações, não é?

Fábio: [olhando para a projeção do Quadro no telão] Sim. Minha pesquisa precisa de clareza. São muitos dados, e não posso me perder entre lembranças distorcidas.

Mnemosyne: [caminha lentamente pelo palco] Claro, claro... Então vejamos. Agosto de 2023, você encontrou... quantos participantes mesmo? Acho serem centenas, não eram?

Fábio: [arqueia uma sobrelhaça, desconfiado] Não, Mnemosyne, não foram centenas. No dia **15 de agosto de 2023**, estavam presentes aproximadamente **10 participantes**. Havia uma diversidade notável: homens e mulheres de várias idades e

localidades. Começamos com **exercícios de aquecimento e leitura inicial do texto “A Que Faz”**.

Minhas observações ocorreram entre **15 de agosto e 21 de outubro de 2023**, totalizando cerca de **dois meses e meio** de acompanhamento, com **uma média de 10 a 20 participantes por encontro**.

[Ele aponta para o tablet, onde imagens mostram os momentos de alongamentos e produção. Elas são projetadas ao fundo do cenário.]

Figuras 5.2 – Registro dos ensaios da peça “A Que Faz”.



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2023).

As imagens projetadas, mostram momentos de leitura do texto, exercícios de aquecimento e ensaios, para a estreia.

[Sequência de fotos apresentadas ao fundo da peça, que mostram registros feitos enquanto Fábio acompanhava a peça “A Que Faz”]

Mnemosyne: [rindo suavemente] Ah, claro. Mas no dia 22 de agosto, não houve nada de importante, certo? Somente discussões irrelevantes...

Fábio: [levanta a voz, firme] Errado! Nesse dia, os participantes presentes debateram profundamente o texto, explorando temas *científicos* e *sociais*. Além disso, trabalhamos a interpretação das músicas que demonstram como a peça incorpora conceitos científicos à dramaturgia, e eu fiz registros fotográficos.

Mnemosyne: [finge surpresa, mas tenta mudar o foco] E... 29 de agosto? Não foi aí que tudo deu errado devido ao espaço?

Fábio: Houve, sim, um contratempo. Tivemos que usar uma sala menor, mas nos adaptamos, foi ensaiado as músicas e marcações das danças

Mnemosyne: E os figurinos?

Fábio: [sorrindo]

Foram selecionados tecidos, foi planejado e de certa forma, pensado nas cores e formas, reforçando a identidade dos personagens sem deixar a teatralidade de lado.

Mnemosyne: [com um olhar enigmático]

Então... a peça não é somente um espetáculo. É um diálogo entre arte e ciência, refletido em cada detalhe?

[No fundo, projeções mostram a peça em ação em imagens, que Fábio manipula em seu tablet.]

Figura 5.3 – Estreia da peça “A Que Faz”



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2023).

Nota: Cenas da peça em sua estreia.

[O ambiente está levemente escurecido, com uma iluminação suave sobre Fábio e Mnemosyne. A projeção ao fundo exibe imagens dos ensaios da peça, alternando entre cenas de debates e momentos da estreia.]

Mnemosyne: [com voz melancólica, observando as imagens projetadas]

Tantas memórias... Mas, Fábio, você não sente que elas se misturam? Talvez nada disso tenha realmente importado.

Fábio: [respira fundo, irritado, mas controlado]

Cada detalhe importa, Mnemosyne. Cada encontro, cada troca, cada pequena transformação. Você tenta confundir minhas lembranças.

No dia 22 de agosto de 2023, durante um dos encontros, foi possível observar discussões que pareciam envolver questões ambientais e sociais. Houve momentos em que ciência e arte pareciam se entrelaçar na construção das cenas e das músicas.

Alguns participantes, ao que tudo indica, já começavam a demonstrar certa sensibilidade para essa interseção entre os dois campos. Pelas falas, pelas sugestões, parecia que suas próprias experiências e reflexões começavam a se inscrever na criação da peça. Mas claro... tudo isso é o que pude perceber a partir do meu diário de campo, uma tentativa de capturar sentidos em meio ao processo.

Mnemosyne: [olhando para as imagens com um leve sorriso cético]

Mas palavras são somente palavras... e o que foi feito, além disso?

Fábio: No dia 19 de setembro, o cenário começou a tomar forma. As caixas de papelão, pintadas no estilo grafite, pareciam mais do que simples adereços — elas passaram a sugerir signos visuais carregados de possíveis interpretações científicas, culturais e sociais.

Além disso, durante os ensaios musicais, foi possível perceber uma aproximação entre linguagem artística e científica. Alguns participantes começaram a experimentar a transformação de elementos do texto científico em construções cênicas. Ainda que intuitivamente, surgiam tentativas de expressar conceitos por meio da música e da performance.

Mnemosyne: [cruzando os braços, reflexiva] Mas e na estreia? O público percebeu essa conexão?

Fábio: [sorri levemente, como quem tem certeza da resposta] Na estreia, em 21 de outubro de 2023, tive a impressão de que essa conexão chegou até o público. As músicas pareceram ajudar a comunicar ideias científicas, e a estética visual, por sua vez, reforçava determinadas mensagens.

Ao final, alguns espectadores questionaram os participantes sobre as escolhas visuais da peça, como: “O que as caixas representavam?” e “Por que as mulheres usavam azul?”. Esses questionamentos podem indicar que as camadas simbólicas foram percebidas, ainda que subjetivamente. A diversidade do elenco e do público pode ter contribuído para essa recepção plural e reflexiva, alinhada com o propósito do teatro científico.

Mnemosyne: [com voz melancólica, mas agora pensativa] Huum... Mas temos que lembrar que a memória prega peças.

Fábio: [retira um caderno de anotações e sorri de canto] Por isso mantive um diário de campo. Não posso afirmar com certeza os impactos ou compreensões do público — mas foi através dessas observações, registros e escutas que algumas dessas percepções começaram a se delinear.

Cena 3: Processo de pesquisa e organização dos dados

Fábio: [Cena inicia com Fábio sozinho no palco, olhando para plateia] Hoje vamos explorar juntos alguns estudos fascinantes que fizemos sobre a peça teatral “A Que Faz”. Para facilitar nossa conversa, preparei alguns Quadros que nos ajudarão a entender melhor os temas envolvidos na obra. A peça está disponível para vocês através deste QR code (Aponta para o QR code projetado.) Você pode escanear o código com seu celular para acompanhar detalhes importantes, depois, para comparar cada uma das análises.

Figura 5.4 – QR code da peça A Que Faz



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

[Aguarde alguns segundos para que as pessoas escaneiem o QR code e visualizem as Quadros.]

Pronto? Vamos começar!

[Projeta o Quadro do primeiro artigo no telão.]

Quadro 5.2 – 1ª Pesquisa: Potencial de Divulgação Científica na Peça “A Que Faz”

Título	“A Que Faz”: Análise do potencial de divulgação científica na peça teatral
Autores	Leila Inês Follmann Freire e Fábio Vicente da Silva Santos
Metodologia	Pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva com análise de conteúdo baseada nas três fases clássicas de Bardin (1977): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Foram selecionadas 5 cenas (0, 7, 8, 11 e 15) de um total de 22 cenas para análise detalhada.
O que foi analisado	O texto dramático da peça teatral “A Que Faz”, desenvolvido pelo Grupo de Teatro Científico da UEPG. A análise focou em como temas de ciência, gênero e questões sociais são apresentadas e articuladas na obra. As foram examinadas para identificar padrões, temas recorrentes e elementos importantes relacionados à divulgação científica, educação e conscientização social.
Resultados	A análise revelou quatro categorias temáticas fundamentais: 1. Gênero e Identidade Exploração do protagonismo feminino e desconstrução de estereótipos sobre mulheres cientistas. 2. Educação e Conscientização Abordagem de temas como agrotóxicos, desigualdade social e saúde pública, promovendo reflexão crítica. 3. Prática Científica Enfatiza a ciência como um processo contínuo de questionamento e investigação. 4. Conscientização Social Crítica às desigualdades e barreiras enfrentadas pelas mulheres na ciência, além de questões éticas e sociais. Uma peça demonstra ser uma ferramenta inovadora de divulgação científica, integrando arte e ciência de forma acessível e sensibilizando o público. Contudo, sua eficácia depende da receptividade individual do público e do contexto sociocultural.

Fonte: Fábio e Freire (2025).

Essa primeira análise foca no potencial da peça para divulgação científica de maneira acessível e envolvente. Selecionamos cinco cenas específicas – 0, 7, 8, 11 e 15 – que mostram como a ciência está integrada à vida cotidiana dos personagens. Por exemplo:

Na Cena 0, a música “A Que Faz” destaca o protagonismo feminino na ciência, repetindo frases como “Aí vem a menina, a menina que faz”. Isso já nos mostra como uma peça humaniza cientistas e aproxima a ciência do público.

Já na Cena 7, discutimos a prática científica e os desafios enfrentados pelas mulheres no meio acadêmico. A música fala sobre fazer do mundo um lugar mais justo, leve e alegre, promovendo equidade e inclusão.

Na Cena 15, usamos uma boneca de pano deixada na luz para simbolizar questões sociais e ambientais. Esses elementos ajudam a conscientizar o público sobre a importância da ciência em suas vidas.

Como vocês podem ver no quadro, identificamos quatro categorias principais: Gênero e Identidade, Educação e Conscientização, Prática Científica e Conscientização Social. Esses temas são apresentados criativamente, combinando arte e ciência para engajar o público.

[Projeta o quadro do segundo artigo no telão.]

Quadro 5.3 – 2ª Pesquisa: Questões de Gênero na Peça

Título	A mulher e a ciência: Uma análise dos temas de gênero da peça “A Que Faz”
Autores	Fábio Vicente da Silva Santos, Leila Inês Follmann Freire e Jocemar de Quadros Chagas
Metodologia	Pesquisa qualitativa com análise do discurso baseada nos fundamentos de Eni P. Orlandi (2003). A metodologia foi dividida em três etapas: 1. Análise crítica das falas para compreender discursos sobre a posição das mulheres na ciência, selecionando diálogos relevantes para temas de gênero e representação feminina. 2. Identificação das formações discursivas que organizam os sentidos sobre mulheres na ciência e relações de gênero. 3. Análise detalhada das condições de produção do discurso, incluindo relações de poder, contradições, silenciamentos e ressignificações nas falas.
O que foi analisado	A peça teatral “A Que Faz”, produzida pelo Grupo de Teatro Científico da UEPG em 2023. A análise focou em temas de gênero e representação feminina, explorando como as dificuldades enfrentadas por mulheres na ciência são retratadas na obra. Foram destacados diálogos e cenas que evidenciaram preconceitos institucionais, silenciamento de vozes femininas e desafios estruturais no campo científico. Os temas analisados incluem equidade de gênero, violência simbólica, barreiras na submissão de projetos e a importância da representatividade feminina.
Resultado	A análise revelou sete temas principais: 1. Equidade de Gênero Projetos liderados por mulheres são frequentemente rejeitados, enquanto os mesmos projetos, quando designados a homens, são aceitos. 2. Silenciamento da Voz Feminina Ideias de mulheres são ignoradas até serem

	reiteradas por homens. 3. Pré-conceito na Submissão de Projetos Projetos submetidos com o artigo “A pesquisadora” são recusados, enquanto os mesmos projetos com “O pesquisador” são aceitos. 4. Violência de Gênero Mulheres enfrentam violência simbólica e estrutural no ambiente acadêmico. 5. Mulheres Cientistas como Referências Uma peça que valoriza modelos femininos na ciência, inspirando novas gerações. 6. Opressão e Papéis Sociais Sobrecarga das mulheres que acumulam responsabilidades familiares e profissionais. 7. Dificuldade de Conciliar Carreira e Família Pressão sobre mulheres para equilibrar trabalho e vida familiar, com falta de apoio institucional. A peça destaca a necessidade de promover a representatividade feminina e combater preconceitos estruturais para criar um ambiente científico mais inclusivo e equitativo.
--	---

Fonte: Santos; Freire; Chagas (2026).

Agora vamos falar sobre como a peça aborda questões de gênero. Utilizei a metodologia de Análise do Discurso para examinar diálogos e cenas que revelam preconceitos institucionais e barreiras enfrentadas por mulheres na ciência. Eis alguns exemplos:

Em uma cena, um personagem diz: “Eu submeti vários projetos usando 'A pesquisadora', e todos foram recusados. Mas quando usei 'O pesquisador', os mesmos projetos foram aceitos.” Esse trecho evidencia o preconceito na submissão de projetos.

Outro diálogo traz: “Por que não escutaram ela?”, destacando como vozes femininas são frequentemente silenciadas em ambientes acadêmicos.

No quadro, são organizadas falas em categorias como Equidade de Gênero, Silenciamento da Voz Feminina, Violência de Gênero e Dificuldade de Conciliar Carreira e Família. A peça também valoriza modelos femininos na ciência, inspirando novas gerações a seguirem esse caminho.

[Projeta o quadro do terceiro artigo no telão.]

Quadro 5.4 – 3ª Pesquisa: Impactos da Exposição a Defensivos Agrícolas

Título	Impacto a exposição a defensivos agrícolas: Uma análise dialética de cena da peça teatral “A Que Faz”
---------------	--

Autores	Fábio Vicente da Silva Santos e Leila Inês Follmann Freire
Metodologia	Abordagem qualitativa com análise dialética, baseada em Salvador (2012) e Moreira e Marandino (2015), para examinar diferentes perspectivas e contradições presentes no conteúdo do teatro temático de ciência. A análise focou na cena 9 (“Vem pelo ar”) da peça “A Que Faz”, identificando os conceitos científicos e geográficos apresentados no texto e enquadrando-os como tese, antítese e síntese.
O que foi analisado	A cena 9 (“Vem pelo ar”) da peça teatral “A Que Faz”, que aborda os impactos da exposição a defensivos agrícolas nas populações próximas às áreas agrícolas. A análise incluiu: - O texto da cena, com falas e rubricas de encenação. - Os elementos visuais e coreográficos utilizados para transmitir as interações entre práticas agrícolas, saúde ambiental e os efeitos adversos dos agrotóxicos. - A urbanização e a exposição de crianças e adultos aos defensivos agrícolas, resultantes em problemas de saúde, como doenças respiratórias.
Resultados	A análise revelou os seguintes temas principais: 1. Urbanização e Exposição a Agrotóxicos O crescimento urbano desordenado leva à proximidade entre áreas agrícolas e residenciais, aumentando a exposição da população aos defensivos agrícolas. 2. Impactos na Saúde População da cidade fictícia “não é aqui” apresenta maior incidência de doenças respiratórias devido à exposição ao pó carregado pelo vento das mãos. 3. Conscientização e Educação Confusão entre agrotóxicos e defensivos agrícolas ressalta a necessidade de maior educação e conscientização sobre os riscos associados às práticas agrícolas intensivas. Teatro como Ferramenta de Divulgação Científica A peça demonstra ser uma forma eficaz de divulgar conteúdos científicos de maneira acessível, engajando o público em temas relevantes como o uso estendido de agrotóxicos. A combinação desses aspectos aponta para a necessidade de abordagens integradas para mitigar os impactos negativos da proximidade entre áreas urbanas e agrícolas.

Fonte: Santos e Freire (2026).

Esta pesquisa analisa a Cena 9 “Vem pelo ar”, que aborda os impactos da exposição aos defensivos agrícolas nas populações próximas às áreas agrícolas. Aqui, utilizamos uma abordagem dialética, dividindo a análise em tese, antítese e síntese.

A tese é uma urbanização desordenada, com escolas e residências sendo construídas perto de fazendas.

A antítese é a contaminação causada pelos agrotóxicos, representada pela música e pelos gestos dos atores simulando a intensidade e o uso de máscaras de oxigênio.

A síntese é a necessidade de políticas públicas para mitigar esses impactos.

No quadro, você pode ver como esses conceitos se conectam. A cidade fictícia “não é aqui” serve como pano de fundo para discutir problemas reais, como o aumento de doenças respiratórias nas áreas expostas aos agrotóxicos.

[Projeta o quadro do quarto artigo no telão.]

Quadro 5.5 – 4ª Pesquisa: Questões Socioambientais na Música “O Rio Invertido”.

Título	Análise das questões socioambientais na música: O rio invertido da Peça “A Que Faz”
Autores	Fábio Vicente da Silva Santos Leila Inês Follmann Freire Jocemar de Quadros Chagas
Metodologia	Abordagem qualitativa com análise de conteúdo, baseada nos fundamentos de Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021). A metodologia permitiu explorar as nuances e complexidades das questões socioambientais e da desigualdade urbana específicas na letra da música “O Rio Invertido”. A análise focou nas letras da música e sua relação com os temas de desigualdade social, urbanização e justiça ambiental.
O que foi analisado	A música “O Rio Invertido”, parte integrante da peça teatral “A Que Faz”, produzida pelo Grupo de Teatro Científico (GTC) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A análise incluiu: - A letra da música, que aborda questões como desigualdade socioeconômica, segregação urbana e impactos ambientais. - As contradições entre a visão idealizada da cidade (“postal bonito”) e a realidade vivida pelas populações marginalizadas (“vila que não se enxerga”). - A crítica à manipulação de estatísticas e narrativas que ocultam desigualdades. - A conexão entre violência ambiental e desigualdade social, destacando como as populações mais vulneráveis são afetadas pelos danos ao meio ambiente.
Resultado	A análise revelou os seguintes temas principais: 1. Desigualdade Urbana Contraste entre áreas ricas e pobres, evidenciado por perguntas como “Por que no alto só mora gente rica?” e “Por que para baixo não desce o asfalto?”. 2. Segregação Social Crítica à invisibilidade das comunidades marginalizadas, representada pela frase “Por que a vila não se enxerga lá do alto?”. 3. Manipulação de Narrativas Denúncia do uso de estatísticas para mascarar desigualdades, como em “Por que se faz essa mídia desse jeito?”.

	4. Impactos Ambientais Relação entre destruição ambiental e desigualdade, com referências ao rio que “valoriza condomínios”, mas traz destruição para as áreas pobres. 5. Conscientização e Reflexão A música atua como uma ferramenta de conscientização, incentivando o público a questionar as estruturas sociais e as injustiças ambientais. A música demonstra o potencial do teatro científico para engajar o público em reflexões sobre questões socioambientais e promover mudanças de comportamento (Santos; Freire; Chagas, 2024).
--	--

Fonte: Santos; Freire; Chagas (2024).

Fábio: Finalmente, vamos falar sobre a música “O Rio Invertido”, que aborda questões socioambientais e de desigualdade urbana. A letra traz perguntas provocativas, como:

“Por que no alto só mora gente rica?”

“Por que pra baixo não desce o asfalto?”

“Por que um rio o condomínio valoriza, mas para lá o rio traz destruição?”

Essas questões estão organizadas no quadro em categorias como Desigualdade Urbana, Manipulação de Narrativas, Impactos Ambientais e Segregação Social. A música crítica como estatísticas e narrativas oficiais podem mascarar desigualdades, além de enfatizar como as populações marginalizadas sofrem mais com os danos ambientais (Santos; Freire; Chagas, 2024).

Fábio: Esses Quadros nos ajudam a organizar as ideias e aprofundar nossa compreensão da peça “A Que Faz”. Ela vai muito além do entretenimento, de ser uma ferramenta de divulgação científica e conscientização social.

[Fábio segue mostrando e explicando suas análises]

Cena 4: O trabalho de uma pesquisadora em química

[Fábio está no centro do palco, projetando quadros no telão enquanto explica o conteúdo da análise sobre a CENA 11 da peça “A Que Faz”. De repente, Céos entra apressado pela direita, interrompendo o fluxo.]

Céos: Fábio! Fala logo, o que você descobriu nessa tal de CENA 11? Não tenho muito tempo!

Fábio: Calma, Céos! Eu ia explicar isso com justiça agora. Vou direto ao ponto, então. Aqui está um quadro com os principais elementos analisados na cena. [Aponta para o telão onde foi projetado um quadro organizado.]

Quadro 5.6 – Análise da Cena 11 “Laboratório”

Título	O trabalho de uma pesquisadora em química apresentado em uma cena de teatro científico
Autores	Leila Inês Follmann Freire, Fábio Vicente da Silva Santos e Renan Sota Guimarães e Jocemar de Quadro Chagas
Metodologia	Pesquisa qualitativa com análise de conteúdo (Bardin, 1977). A análise incluiu o texto verbal da cena, a letra da música e os gestos dos diretores registrados em vídeo, com foco nas linguagens verbal, gestual, visual e sensorial.
O que foi analisado	Cena 11 – “Laboratório” da peça teatral “A Que Faz”, produzido pelo Grupo de Teatro Científico (GTC) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A cena retrata a interação entre dois personagens: uma Mulher (pesquisadora em química) e a Aprendiz (estudante universitário). Foram analisados elementos como o comportamento em laboratório, o financiamento da pesquisa, o envolvimento de vidrarias e equipamentos, o preparo de soluções, o tema da pesquisa e a relação ciência-sociedade.
Resultados	A análise revelou categorias principais relacionadas ao fazer ciência e ao trabalho de uma pesquisadora em química: 1. Comportamento em Laboratório Uso de equipamentos de segurança (jaleco, óculos) e cuidados relacionados a materiais. 2. Financiamento da Pesquisa Discussão sobre a importância de recursos financeiros para melhorar a qualidade da pesquisa. 3. Local de Desenvolvimento da Pesquisa O laboratório como espaço central da pesquisa científica. 4. Manuseio de Vidrarias e Equipamentos Manipulação específica de equipamentos e preparo de soluções químicas. 5. Relação Ciência-Sociedade Reflexão sobre como a pesquisa pode impactar a vida das pessoas, como o desenvolvimento de medicamentos para tratar tumores. 6. Aspecto Humano da Ciência Valorização das relações interpessoais no ambiente de pesquisa e da motivação social por trás do trabalho científico.

Fonte: (Freire; Santos; Guimarães; Chagas, 2026).

Fábio: Esse Quadro resume tudo o que analisamos na cena. Usamos a metodologia de análise de conteúdo, baseada em Bardin (1977), para explorar tanto o texto falado quanto os gestos e a letra da música. Veja só:

Linguagem Verbal: Os diálogos e a música explicam aspectos técnicos da pesquisa, como o preparo de soluções e a relevância do financiamento. Além disso, destaca-se o impacto social da ciência.

Linguagem Não Verbal: Os gestos da Mulher, como manipular vidrarias e usar equipamentos, complementam a narrativa e mostram a dinâmica do trabalho em laboratório.

Música: Ela não somente entretém, mas também educa, incorporando conceitos científicos de forma acessível.

Céos: (Impaciente, mas curioso) Entendi... Mas qual foi o resultado da análise?

Fábio: Ah, o principal achado foi que essa cena transmite um entendimento humano da ciência. Não é só sobre números ou equipamentos; é sobre relações, motivações e impactos sociais. Por exemplo: A Aprendiz começa confusa, mas encontra inspiração ao perceber como sua pesquisa pode auxiliar as pessoas.

A Mulher mostra que ciência é colaboração e depende de financiamento para avançar.

No fim, a cena combina linguagens verbais, gestuais e musicais para educar e engajar o público, tornando a ciência mais acessível e relevante.

Céos: [Interrompendo novamente] Entendi, Fábio — ciência com rosto humano. Faz mais sentido do que eu esperava. Mas preciso ir agora! Esqueci minhas roupas no varal! [Sai correndo pela mesma direção de entrada.]

Fábio: [Surpreso, mas resignado] Eita, mal deu tempo de terminar... Bom, pessoal, acho que ficou claro o quanto essa cena é rica em significados. [Olha para o público com um sorriso.] Agora vou dar uma olhada nas fotos da encenação para aprofundar ainda mais a análise semiótica. Até a próxima!

[Fábio recolhe seus papéis e sai de cena, enquanto as luzes diminuem lentamente.]

[Fim da Cena.]

Cena 5: O Olhar que Revela: Decifrando a carga semiótica das fotografias

Fábio: [voltando-se para o público, com entusiasmo reflexivo] Vejam só, pessoal! Quando uma atriz sobe ao palco para interpretar uma cientista, não estamos somente

reproduzindo um fato histórico. Estamos fabricando um símbolo — algo que Harari explica tão bem. A plateia não vê só uma personagem ali: vê o vazio deixado por séculos de apagamento das mulheres na ciência. É como se o teatro dissesse: 'Olhem para esta figura que vocês não costumam ver nos livros!'. E sabe por que isso pode ecoar tão profundamente? Porque, assim como as religiões transformam deuses em ícones, o teatro tem o potencial de materializar uma abstração — a justiça epistêmica — em corpos, vozes e gestos, conforme discutido por Harari (2015). Essa interpretação sugere que o teatro científico pode funcionar como um espaço simbólico onde essas questões ganham forma tangível. (Pausa dramática, sorrindo.)

E onde isso acontece? [Abre os braços, indicando o espaço] Não é num laboratório de verdade, claro. É num laboratório teatral, um lugar que, segundo Yi-Fu Tuan, é carregado de significados políticos e afetivos. Quando a plateia entra aqui, não quer replicar a realidade: quer projetar seu imaginário sobre “o que é ciência”. Este palco vira um mapa simbólico, um território onde até as paredes gritam: “E se a ciência fosse um lugar de mulheres?”(Tuan, 1983).

Ah, mas tem mais! [Avança do palco, baixando a voz.] O teatro, meus amigos, é um rito de inversão, como diria Turner. Na realidade, quantas mulheres ganharam Nobel? Pouquíssimas. Aqui, porém, elas ocupam o centro, comandam experiências, desafiam a hierarquia. É igual aos rituais religiosos que viram o mundo de cabeça para baixo: por algumas horas, o poder muda de mãos. E não é ficção! É uma crítica em carne, osso e luz de palco (Turner, 1974).

[Empunha uma foto da cena com as cientistas sob luzes alaranjadas.] Olhem esta imagem: as atrizes com cachecóis que lembram o pôr do sol. Não é só estética. É mitologia em ação! Harari diz que os mitos não nos dão dados, nos dão verdades imaginadas. Quando saem daqui, vocês não levam estatísticas, mas a sensação de que a ciência pode ser feminina. E essa... [sorri, apontando para a plateia] é a magia do teatro: criar, num instante, um mundo que ainda não existe, mas que já lateja em nós (Harari, 2015).

[Retorna ao centro, concluindo.] Então, quando aplaudirmos essas cientistas no palco, lembremos: não é só uma homenagem. É um ritual para exorcizar séculos de silêncio. [Pisca, provocador.] Quem sabe o próximo Nobel não vem dessa inversão, hein? [Fábio volta para centro do palco]

[Fábio está organizando suas fotos no tablet enquanto Céos entra com um caderno na mão.]

Fábio: Antes de começarmos, quero explicar como vamos fazer analisar a semiótica das fotografias da peça “A Que Faz”. Vamos usar um modelo baseado na semiótica visual, que combina teorias de Susan Sontag, Roland Barthes e Márcio Sonego.

Céos: [cético] Semiótica? Isso é tipo decifrar símbolos escondidos nas fotos? Parece coisa de detetive...

Fábio: [Enquanto Fábio fala, as luzes piscam e Céos fica com olhar apreensivo] Exatamente! Segundo Sontag, a fotografia não é somente um registro neutro da realidade, mas um instrumento que molda as percepções e reforça ideologias. Ela fragmenta a complexidade do mundo em signos visuais que podem ser usados para construir narrativas, manipular discursos ou reafirmar significados culturais (Sontag, 1977). Essa fragmentação simbólica das cores, como reforça Lopes, não é neutra: ela está implicada na forma como o mundo é geograficamente percebido, experienciado e até colonizado por sentidos (Lopes, 2024).

A cor, nesse contexto, atua como um vetor semiótico que organiza a paisagem não somente visualmente, mas também cultural, afetiva e politicamente (Pereira, 2023). Como ele aponta, as cores das embalagens, dos mapas e dos espaços urbanos são articuladas com lógicas mercadológicas e valores sociais que operam seletivamente sobre os corpos, os lugares e as subjetividades. Em outras palavras, a cor pode tanto iluminar quanto obscurecer: revelar nuances ou apagar realidades. Ao assumir esse duplo papel, sensível e ideológico, ela participa ativamente da construção de narrativas de poder e das geografias simbólicas que habitamos. Assim, a cor, está profundamente entrelaçada com os processos de subjetivação, dominação e resistência (Lopes, 2024).

Céos: [zombeteiro] Então você está dizendo que até uma selfie pode ser uma arma secreta de persuasão?

Fábio: [sorrindo] De certa forma, sim. [As luzes piscam] Parece que ainda não pagaram a conta de luz... Mas vamos, além disso!

Roland Barthes, em *A Câmara Clara*, propõe que toda imagem opere em dois níveis de significado:

1. **Denotação** - que vemos literalmente.
2. **Conotação** - os significados simbólicos e culturais associados à imagem. Além disso, Barthes diferencia dois aspectos da fotografia:

Studium – o interesse cultural e político que a imagem desperta coletivamente.

Punctum – um detalhe subjetivo que provoca impacto emocional no observador. (Barthes, 1984).

Céos: [fingindo surpresa] Uau, então cada foto tem uma camada cultural e um elemento emocional inesperado? Isso é profundo!

[Luzes piscam, Céos faz cara de preocupado]

Fábio: É mais complexo do que parece. Por exemplo, Márcio Sonego enfatiza a importância do contexto histórico e social na interpretação das imagens. Ele sugere que as fotografias não somente registram a realidade, mas constroem narrativas baseadas em interesses ideológicos (Sonego, 2011).

Além disso, ao analisarmos as cores presentes nas imagens, podemos recorrer à Psicologia das Cores, que explora como cada tonalidade evoca respostas emocionais específicas no observador. Por exemplo, o azul frequentemente transmite calma e confiança, enquanto o vermelho pode simbolizar paixão ou perigo, dependendo do contexto. Essas associações não são universais, mas estão profundamente enraizadas nas experiências culturais e individuais (Heller, 2013).

Agora, quando combinamos essa análise com os arquétipos de Carl Jung, conseguimos ir além da superfície. Jung argumenta que existem símbolos universais no inconsciente coletivo da humanidade, como o Herói, o Sábio ou a Mãe, que são ativados por certas imagens e cores. Por exemplo, o uso predominante de tons dourados pode evocar o arquétipo do Sábio, associado à sabedoria e à busca pelo conhecimento, enquanto tons escuros e sombrios podem remeter ao arquétipo da Sombra, representando os aspectos ocultos ou reprimidos da psique humana (Jung, 2016).

Portanto, ao interpretar as fotografias da peça “A Que Faz” podemos considerar como as cores e os arquétipos se entrelaçam para construir significados mais profundos. Uma imagem com tons quentes e vibrantes, como vermelho ou laranja, pode ativar o arquétipo do Guerreiro, simbolizando força e determinação, enquanto uma cena dominada por azuis e roxos pode evocar o arquétipo do Explorador, sugerindo introspecção e descoberta. Essa combinação nos permite entender melhor como as imagens comunicam ideias e emoções de maneira subconsciente, influenciando tanto o olhar individual quanto a percepção coletiva.

Por isso, nossa análise será dividida em três etapas principais:

1. **Denotação** – Identificação objetiva dos elementos visíveis.
2. **Conotação**–Interpretação dos significados simbólicos.
3. **Impacto ideológico** – Reflexão sobre como a imagem reforça ou questiona discursos sociais.

Céos: [suspirando] Tudo bem, pesquisador. Vamos ao que interessa: o que essas fotos têm a dizer?

[A luz foca em Fábio, que agora se dirige ao público]

Fábio: [Dirigindo-se ao público com entusiasmo, em tom didático, mas acessível] Vamos conversar sobre algo fascinante: como o teatro, com sua magia, constrói imaginários sobre a ciência, e, mais especificamente, como ele repensa o papel das mulheres nesse universo.

Vamos começar com uma ideia de Yuval Harari: ele diz que nós, humanos, criamos realidades coletivas mediante histórias. A ciência, o gênero, até mesmo o que é “ser mulher”, tudo isso são narrativas que ganham força quando compartilhamos símbolos. E é aí que entra o teatro! Quando a peça mostra uma cientista num laboratório, de jaleco, segurando tubos de ensaio, não estamos só contando uma história. Estamos criando um repertório de imagens que diz: “Olhem, mulheres fazem ciência!” (Harari, 2015).

Ah, e como isso acontece? A semiótica, a ciência dos signos, nos ajuda a entender. Lúcia Santaella explica que signos visuais, como o cenário ou o figurino, materializam conceitos abstratos. O jaleco da protagonista não é só um traje: é um símbolo que torna visível a ideia de “cientista”, algo que, muitas vezes, associamos somente a homens (Santaella, 1983).

Mas atenção! Roland Barthes nos alerta: a fotografia, ou, no teatro, a cena encenada, parece “natural”, como se não tivesse códigos. Quando vocês veem uma atriz segurando um microscópio, imediatamente pensam: “Isso é ciência!”. Por quê? Porque todos temos um arquivo cultural de ícones: jalecos, laboratórios, gestos (Barthes, 1984).

E aqui vem a reviravolta: ao colocar corpos femininos em posições de liderança científica, a peça não só reproduz, mas subverte normas. Judith Butler fala que o gênero é uma performance, e para mudá-lo, precisamos repetir as regras... mas com uma reviravolta crítica. Quando nossa cientista mulher comanda um experimento, ela está quebrando o arquivo histórico que sempre mostrou homens nesse papel (Butler, 2003).

Então, quando as luzes se apagarem, espero que vocês levem essa pergunta: quem decide quais corpos ocupam quais lugares na ciência? O teatro não entrega respostas, mas acende holofotes sobre as narrativas que precisamos reescrever.

Obrigado e até o próximo ato!

[Fábio faz uma reverência, convidando o público a refletir enquanto a cortina se fecha.]

Cena 6: A Psicologia das Cores no Teatro Científico

[Fábio está sentado à mesa, cercado por papéis e fotografias da peça “A Que Faz” . Ele segura um tablet com um quadro de cores projetada na tela ao fundo. Céos observa à distância.]

Fábio: [Luzes piscam brevemente] Vamos começar analisando como as cores funcionam no teatro científico. Como nos ensina Eva Heller em seu livro *Psicologia das Cores*, as cores não são somente elementos visuais; elas têm significados profundos que influenciam diretamente como o público percebe as cenas. Para entender esse universo cromático, precisamos considerar três atributos essenciais: matiz, clareza e croma. Essas características formam relações de significado que variam conforme o contexto cultural e o design (Heller, 2013).

Céos: [irônico] Então, você está dizendo que cada cor tem uma “personalidade”?

Fábio: Exatamente! Por exemplo, no teatro científico da peça “A Que Faz”, as cores foram escolhidas aparentemente, para evocar emoções e transmitir mensagens específicas. Veja este quadro que organizei inspirada nas teorias de *Heller*:

[A tela ao fundo exibe o seguinte quadro:]

Quadro 5.7 – Psicologia das Cores e seus Significados

Cor	Interpretação psicológica	Possível significado no teatro científico
Branco	Pureza, neutralidade e clareza	Simbolismo de objetividades ou transparência
cinza	Neutralidade, indecisão, equilíbrio	Reflexão sobre ambiguidades ou dilemas morais
Preto	Mistério, seriedade e profundidade	Abordagem de temas complexos ou desconhecidos
Marrom	Estabilidade, simplicidade, conexão com a terra	Representação de práticas sustentáveis e respeito ao meio ambiente
Vermelho	Urgência, Paixão e poder	Destaque para conflitos ou tensões emocionais
Laranja	Energia, entusiasmo, transformação	Símbolo de mudança positiva e progresso científico
Amarelo	Criatividade, otimismo e atenção	Ideias inovadoras ou momentos de descoberta científica
Verde	Equilíbrio, natureza e crescimento	Conexão entre ciência e sustentabilidade
Azul	Confiança, calma, autoridade	Representação da ciência como algo confiável e sólido

Roxo	Espiritualidade, mistério e transformação	Representação de mudanças internas ou descobertas profundas
Rosa	Delicadeza, afeto, feminilidade	Exploração de questões de gênero e humanização da ciência

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2026).

Céos: [pensativo] Interessante... Mas como essas cores aparecem na prática?

Fábio: Vou dar um exemplo. Em cenas onde em filmes, teatro ou obras visuais diversas, temas como impactos dos defensivos agrícolas, pode se usar predominantemente tons de verde e preto. O verde simboliza a natureza e o equilíbrio, enquanto o preto destaca a seriedade e os riscos ambientais. Já em cenas sobre as mulheres, o rosa vai ser usado para explorar questões de gênero, feminilidade, pureza, enquanto o roxo pode destacar suas transformações pessoais e conquistas. Falo sobre isso, também com o olhar de fotógrafo.

Céos: [interrompendo] E o público percebe isso claramente?

Fábio: Não é garantido que todos percebam imediatamente, mas a combinação de cores, gestos e falas cria uma experiência sensorial que ressoa no inconsciente. Como Susan Sontag argumenta que a fotografia oficial opera menos como retrato individual e mais como construção ideológica do poder (Sontag,1977) . No teatro científico, as cores funcionam semelhantemente, possivelmente moldando como o público interpreta as narrativas apresentadas.

Céos: [sorrindo] Então, basicamente, as cores são como um código secreto que você usa para contar histórias mais profundas?

Fábio: Sim, exatamente! É como Kandinsky disse: As cores possuem uma linguagem interior que ressoa com o espectador de maneira subconsciente (Kandinsky, 1996). No teatro científico, essa linguagem é amplificada para criar conexões emocionais e intelectuais.

[As luzes piscam novamente, e a cena termina com Fábio olhando para a tela, refletindo sobre o poder das cores.]

Cena 7: Os Arquétipos em Conflito

[Fábio está sentado à mesa, cercado por papéis e fotografias das personagens da peça “A Que Faz”. Ele segura um quadro com os arquétipos identificados. Céos entra no palco, pela direita, com uma expressão desafiadora.]

Céos: [irônico] Então, Fábio, você decidiu transformar sua pesquisa em uma lista de “figuras míticas”? Não é tudo um pouco... forçado?

Fábio: [nervoso, mas firme] Forçado? Não. Esses arquétipos surgem naturalmente na narrativa da peça. Eles auxiliam o público a entender melhor as personagens e suas funções simbólicas, assim como discutido por *Jung* (Jung, 2016).

Céos: [cético] Simbólicas? Ou você está tentando complicar algo que já é óbvio? Explique isso para mim, então. Rápido.

Fábio: [respira fundo] Tudo bem. Vou direto ao ponto. Aqui estão os principais arquétipos da peça, com base nos conceitos de *Jung*.(Jung, 2016)

[Apontando para o telão onde está projetado um quadro]

Quadro 5.8 – Quadro de arquétipos da peça “A Que Faz” baseada nos conceitos de Jung (2016).

Personagem	Arquétipo(s)	Características	Função Narrativa
A Menina	A Inocente / A Exploradora	Busca pureza, esperança, liberdade e autodescoberta. Questiona o tempo e a memória.	Guia o público pela narrativa; representa a jornada de aprendizado e empoderamento.
A Mulher Cientista	A Guerreira / A Criadora	Luta contra barreiras e injustiças; usa a ciência como forma de criação e transformação social.	Representa resistência, inovação e justiça; inspira mudanças no campo científico.
A Senhora	A Sábia / A Nutriz	Transmite conhecimento e cuidado; promove libertação e consciência.	Atua como mentora; representa sabedoria e apoio intergeracional.
Corpo de Baile Vendado	A Sombra	Simboliza ignorância, repressão e desconhecimento.	Representa as massas inconscientes; sua libertação marca o despertar coletivo.
Homens (Cena 14)	O Tirano / O Herói Caído	Exercem opressão e dominação; refletem perda de moralidade e poder.	Representam as estruturas de poder que perpetuam desigualdades.

A Professora	A Mentora / A Governante	Incentiva o estudo; promove ordem e progresso através da educação.	Motiva jovens a seguirem seus sonhos; promove inclusão e mobilidade social.
A Pesquisadora	A Visionária / A Transformadora	Busca soluções para problemas globais; deseja liberdade e transformação profunda.	Inspira avanço científico e social; representa a ciência como ferramenta de mudança positiva.

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: [lendo o que está no quadro projetado]

A Inocente / A Exploradora (A Menina): Ela representa curiosidade e busca por conhecimento. É quem questiona o mundo e abre caminho para mudanças.

A Guerreira / A Criadora (A Mulher Cientista): Ela luta contra opressões e cria soluções inovadoras. É resistência e transformação em uma só figura (Jung, 2016).

A Sábia / A Nutriz (A Senhora): Ela guia e nutre, oferecendo sabedoria e cuidado. É a mentora que conecta gerações (Jung, 2016).

A Sombra (O Corpo de Baile, ou figuras masculinas): Representa ignorância e medo, mas também o potencial de libertação. São as massas que precisam acordar (Jung, 2016).

A Visionária / A Transformadora (A Pesquisadora): Ela enxerga além do presente e busca mudanças profundas. É a força motriz da inovação (Jung, 2016).

O Tirano / O Herói Caído (Os Homens na Cena 14): Eles representam poder opressivo ou moralidade perdida. São os antagonistas que perpetuam desigualdades (Jung, 2016).

A Mentora / A Governante (A Professora): Ela incentiva e organiza, promovendo ordem e progresso (Jung, 2016).

Céos: [interrompendo] Parece muita coisa para uma peça tão pequena. Você não acha que está exagerando?

Fábio: [nervoso, batendo na mesa] Não estou exagerando! Esses arquétipos são universais. Eles existem no inconsciente coletivo, como *Jung* explicou. A peça somente os revisita inconscientemente (Jung, 2016).

Céos: [com um sorriso provocativo] Claro e acessível? Então por que você precisa de um quadro para explicá-los?

Fábio: [furioso] Porque nem todo mundo entende de imediato! Mas, ao reconhecer esses padrões, o público pode se conectar mais profundamente com a mensagem da peça.

Céos: [com desdém] Mensagem? Ou você está tentando justificar sua pesquisa com conceitos pomposos?

Fábio: [levantando-se, com determinação] Não é pompa. É análise. Esses arquétipos mostram como a peça aborda questões reais, desigualdade, ciência, memória. Eles humanizam as ideias, tornando-as tangíveis.

Céos: [com um olhar penetrante] Então, me diga, Fábio: qual desses arquétipos você acha que representa você mesmo?

Fábio: [hesita por um momento, depois responde com firmeza] Sou o Explorador. Estou buscando entendimento, assim como a Menina na peça (Jung, 2016).

Céos: [com um sorriso irônico] Interessante escolha. Mas cuidado, Fábio. Nem todo explorador encontra o que procura.

Fábio: [olhando diretamente para Céos] Talvez. Mas ao menos estou tentando. E isso faz toda a diferença.

[Céos dá um passo atrás, observando Fábio com uma expressão indecifrável. As luzes piscam brevemente enquanto Fábio volta a analisar o quadro, determinado.]

Cena 8: Tecido, cores e formas.

[A cena se inicia com Fábio exibindo algumas fotos em seu tablet. Enquanto ele desliza pelas imagens, Quadros e gráficos são específicos para o público, ilustrando sua análise. Ele manuseia o tablet com concentração. Céos entra em cena, observa por um instante e, curioso, se aproxima.]

Céos: O que você está olhando nessas fotos?

Fábio: O figurino das personagens femininas. Para Juliana Emerenciano, as roupas conseguem transmitir mensagens sem palavras, utilizando formas, cores e estilos que carregam significados, dependendo do contexto cultural. Essa comunicação não-verbal é rica, pois, ao serem analisadas, elas revelam não só a identidade do indivíduo, mas também aspectos sociais e culturais da época em que são usadas (Emerenciano, 2005).

[Céos revira os olhos, cruzando os braços.]

Céos: Lá vem você com essas ideias...

[Na projeção, é mostrada uma foto da personagem Senhora]

Figura 5.5 – Personagem senhora e seu figurino.



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2024).

Fábio: Veja só esta foto... Quando a gente analisa o figurino e conecta com a temática e o texto da peça, a interpretação semiótica acaba ficando desse jeito...[aponta para a projeção].

Quadro 5.9 – Análise semiótica do figurino da senhora.

Elementos do Figurino	Denotação	Conotação	Impacto ideológico
Manto Azul - Escuro	Um manto longo, fluido e de cor azul-escuro, envolvendo completamente o corpo do personagem.	O azul-escuro remete à autoridade, seriedade, profundidade e espiritualidade (Heller, 2013). A fluidez do tecido sugere leveza e transcendência, enquanto o comprimento total pode indicar proteção ou posição elevado.	O uso do manto desafia os estereótipos de que roupas associadas ao poder e à liderança são exclusivas de figuras masculinas. Ao vestir essa peça, um personagem reivindica um lugar de destaque, questionando as normas de gênero na representação de autoridade.
Cabelo brancos	Cabelos curtos e brancos, bem visíveis em contraste com o tom escuro do manto.	Os cabelos brancos são símbolos de idade avançada, sabedoria acumulada e experiência. Podem também evocar pureza, neutralidade e uma conexão com o divino ou o universal (Heller, 2013; Jung, 2016).	A imagem valoriza a figura da mulher idosa, desafiando a invisibilidade social frequentemente atribuída às mulheres mais velhas. Ao destacar os cabelos

			brancos como parte do figurino, há uma celebração da sabedoria e da vivência, promovendo uma narrativa que ressignifica o envelhecimento feminino.
Simplicidade do corte	O figurino é composto por peças simples, sem exageros ou ornamentos excessivos. O manto tem um corte reto e minimalista.	A simplicidade do corte transmite simplicidade, humildade e foco na essência da personagem. Ela não precisa de adornos extravagantes para transmitir poder ou autoridade.	Essa escolha ideológica rejeita a ideia de que o poder deve ser demonstrado por meio de excesso. Em vez disso, a simplicidade do figurino enfatiza valores como integridade e profundidade, questionando padrões materialistas frequentemente associados à posição social.
Cor escura dominante	A silhueta é predominantemente escura, com poucas variações de tom.	As cores escuras estão associadas à seriedade, mistério e força. A ausência de cores vibrantes pode sugerir introspecção, gravidade ou até mesmo luto/rebelião (Heller, 2013).	O predomínio do tom escuro pode ser interpretado como uma crítica aos sistemas tradicionais de poder, que excluem, muitas vezes, vozes marginalizadas. Um personagem, vestido de forma sóbria, emerge como uma figura que carrega consigo histórias de resistência e transformação, reforçando sua posição como alguém que desafia o <i>status quo</i> .

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: O figurino da personagem é carregado de significados que vão além da aparência física. A denotação revela um conjunto de elementos simples, mas intencionais, como o manto azul-escuro e os cabelos brancos. Na conotação, esses elementos ganham dimensões simbólicas relacionadas à sabedoria, autoridade e espiritualidade. Ao olhar para o impacto ideológico, a figura questiona narrativas sociais que subestimam ou invisibilizam

mulheres idosas, enquanto, ao mesmo tempo, celebra a força e a profundidade dessa figura como um símbolo de resistência e liderança.

Essa análise demonstra como o figurino é uma ferramenta para comunicar ideias e desafiar discursos sociais, reforçando a importância da representação visual nas artes cênicas. [Luzes piscando]

Céos [com uma expressão apreensiva]. Bom, acho que é algo interessante, mas confesso que não consegui compreender completamente esses significados. Ainda assim, vou tentar entender melhor, continue. [Na projeção aparece outra fotografia].

Figura 5.6 – Personagem Mulher.



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2024).

Fábio: Vamos ver como fica a análise desta figura. [Enquanto mexe no tablet, a projeção da quadro aparece ao fundo.]

Quadro 5.10 – Análise semiótica figurino da personagem Mulher.

Elementos do figurino	Denotação	Conotação	Impacto Ideológico
Manto Azul Transparente	Um manto azul translúcido, e um com textura de renda, envolvendo o corpo da personagem. Ele é fluido e parece flutuar ao redor dela.	O azul translúcido evoca sensações de leveza, fragilidade e vulnerabilidade, mas também pode ser associado à espiritualidade e ao desconhecido (Heller, 2013). A transparência sugere uma dualidade entre o visível e o oculto, diminuindo camadas de significado ou identidade.	O manto azul transparente desafia a ideia de que as mulheres devem ser vistas como figuras estáticas ou completamente reveladas. Ao usar um tecido translúcido, a personagem cria uma tensão entre exposição e proteção, questionando os padrões de visibilidade feminina na sociedade. Isso pode refletir uma narrativa de resistência contra a objetificação e a pressão de se adequar a estereótipos de beleza.
Calças Cinzas	Calças largas e confortáveis, em tons de cinza bege-castanho, visíveis abaixo do vestido azul-claro.	As calças largas são símbolos de praticidade, autonomia e independência. O tom bege/castanho remete à calma, serenidade, responsabilidade, estabelecendo uma conexão profunda com o mundo físico e material.	A presença das calças largas desafia estereótipos de que as mulheres devem usar roupas apertadas. Eles representam uma forma de afirmar a funcionalidade e a autonomia do personagem, destacando sua capacidade de movimentação livremente e enfrentar desafios práticos. Esse elemento pode ser visto como uma afirmação de força e resiliência.
Meias Simples	Meias azuis simples, combinando com o tom geral do figurino.	Os acessórios são discretos e funcionais, reforçando a ideia de simplicidade e foco não essencial. Eles não chamam atenção, mas são benéficos para a harmonia visual do conjunto.	A escolha de meias e sapatos simples reforça a ideia de que um personagem valoriza o essencial acima do superficial. Essa decisão pode ser interpretada como uma crítica ao consumo excessivo e à busca constante por aparências perfeitas, promovendo uma mensagem de facilidades e conveniências.
Camada Interna (Vestido Azul Claro)	Um vestido azul-claro, visível sob o manto azul translúcido. O tecido parece leve e fluido, contrastando com a densidade do manto externo	O azul-claro é frequentemente associado à calma, serenidade e pureza. Ele sugere uma conexão com o emocional, o espiritual e o íntimo (Heller, 2013).	O vestido azul-claro representa uma camada mais vulnerável e pessoal do personagem, desafiando a ideia de que as mulheres devem sempre se apresentar como fortes ou impenetráveis. Ao expor essa camada interna, a personagem promove uma

			narrativa de emoções e fragilidades. Isso questiona os estereótipos que pressionam as mulheres a esconder suas vulnerabilidades em favor de uma aparência de força constante.
Camadas Visíveis	A presença de várias camadas visíveis: o manto azul translúcido, o vestido azul-claro e as calças bege/castanhas. Cada peça é claramente distinta, criando uma sobreposição de texturas e núcleos.	As camadas sugerem complexidade, múltiplas identidades ou diferentes facetas da personalidade do personagem. Elas podem representar camadas de história, emoções ou experiências acumuladas ao longo do tempo.	O uso de camadas na personagem questiona a ideia de que as pessoas, especialmente as mulheres, devem ser vistas como Entidades unidimensionais. Ao exibir vários níveis de vestimenta, o personagem reflete a complexidade humana e desafia narrativas simplistas construídas individualmente a somente uma perspectiva. Isso pode ser interpretado como uma defesa da diversidade de vozes e experiências femininas.

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2024).

Fábio: A análise semiótica da figura dessa personagem destaca a importância das camadas tanto literal quanto simbolicamente. A denotação revela um conjunto de peças que, juntas, criam uma imagem multifacetada. Na conotação, cada camada carrega significados profundos relacionados à espiritualidade, autonomia, vulnerabilidade e resistência. O impacto ideológico, fica na perspectiva das narrativas sociais que limita a visibilidade feminina, promovendo uma reflexão sobre a necessidade de considerar a complexidade e a multiplicidade das experiências humanas [Luzes piscando].

Céós: [Apreensivo com as luzes piscando] Acho que você é fotógrafo; por isso, entende essas coisas.

Fábio: Sim, sim, estudo os elementos da fotografia, mas também conceitos teóricos, como *Sontag* da fotografia, *Heller* da Psicologia das cores e também *Jung* sobre arquétipos e também as cores e estas relações (Sontag, 1977; Heller, 2013; Jung, 2016). Mas vamos continuar, ainda há muitas vestimentas para analisar. [A projeção de outra foto aparece ao fundo.]

Figura 5.7 – Personagem Aprendiz



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2024).

Fábio: [observando a fotografia da aprendiz] Certo, agora vamos olhar para a análise no quadro.

Quadro 5.11 – Análise semiótica Aprendiz

Elementos do Figurino	Denotação	Conotação	Impacto Ideológico
Manto Azul	Um manto azul, fluido, cobrindo parcialmente o corpo do personagem. Ele tem corte assimétrico, criando movimento visual.	O azul evoca sensações de calma, serenidade e pureza, mas também pode representar o desconhecido ou o potencial ainda não explorado (Heller, 2013). O tecido fluido sugere leveza, flexibilidade e adaptabilidade. A assimetria do manto reflete uma ideia de imperfeição e individualidade, destacando que o aprendizado é um processo único para cada pessoa.	O manto azul simboliza uma jornada de aprendizagem, onde há espaço para experimentação e erro. Ao usar um manto que parece “em construção”, o personagem questiona a ideia de perfeição imediata, promovendo uma reflexão sobre o valor do processo de crescimento contínuo. Isso desafia narrativas que pressionam indivíduos, especialmente jovens, para alcançar resultados rápidos ou perfeitos.
Macacão cinza	Finalizando na altura dos tornozelos, em tom	O macacão sugere liberdade de movimento e autonomia. O fato de ir até o tornozelo pode	A escolha do macacão desafia expectativas de roupas apertadas,

	cinza, combinando com o vestido.	simbolizar adaptação e ajuste às situações, demonstrando que um personagem está preparado para enfrentar diferentes situações durante seu processo de aprendizado.	promovendo uma mensagem de funcionalidade e praticidade. Isso pode ser interpretado como uma crítica às pressões sociais que impõem moldes rígidos para as mulheres, especialmente no contexto de aprendizado e trabalho. Ao usar calças confortáveis, o personagem afirma sua capacidade de se mover livremente e enfrentar desafios sem limitações.
Meios Simples	Meias azuis, combinando discretamente com o restante	As meias simples são acessórios funcionais e discretos, reforçando uma ideia de foco não essencial. Elas não chamam atenção, mas são benéficos para a harmonia visual do conjunto.	A escolha de meias simples reflete uma postura prática e pragmática, desafiando a ideia de que aparências aparentemente elaboradas são necessárias para serem levadas a sério. Esse elemento reforça a ideia de que um personagem prioriza a eficiência e melhora em vez de superficialidade.
Faixa Azul Escuro na Cintura	Um tecido azul-escuro amarrado na cintura do personagem, formando uma faixa que marca sua silhueta.	O azul-escuro é associado à autoridade, seriedade e profundidade (Heller, 2013). Ao amarrar o tecido na cintura, ele cria um contraste com o manto azul-claro mais fluido, proporcionando uma combinação de leveza e estrutura. A faixa pode representar disciplina, controle ou uma conexão com algo maior, como uma missão ou propósito.	A faixa azul escura desafia narrativas que veem o aprendizado somente como algo livre e desestruturado. Ela sugere que, mesmo em um processo de crescimento contínuo, há necessidade de base, organização e direcionamento. Isso reflete uma crítica aos sistemas educacionais que podem progredir na importância da estrutura e da disciplina no desenvolvimento pessoal.
Mangas Translúcidas	Mangas largas e translúcidas, feitas de um tecido fino e transparente, cobrindo parcialmente os braços do personagem.	As mangas translúcidas evocam sensações de vulnerabilidade, transparência e fragilidade. Eles permitem que você veja parte do corpo do personagem, criando uma tensão entre exposição e proteção. Esse elemento pode simbolizar a ideia de que o aprendizado envolve revelar partes de si mesma, enquanto ainda se mantém protegido por camadas externas.	As mangas translúcidas questionam expectativas sociais que pressionam as mulheres a esconder suas emoções ou vulnerabilidades. Eles promovem uma mensagem de instruções e facilidades das próprias imperfeições, ao mesmo tempo que reforçam a ideia de que o aprendizado exige coragem para exportar e aprender com os erros.

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: A análise semiótica do figurino da personagem “Aprendiz” revela uma composição cuidadosa que comunica múltiplos significados. O manto azul simboliza potencial e flexibilidade, enquanto o macacão cinza representa serenidade, responsabilidade, conhecimento e profissionalismo (Heller, 2013). As meias simples reforçam funcionalidade e desvantagens, a faixa azul escura adiciona uma dimensão de estrutura e disciplina ao processo de aprendizagem, enquanto as mangas translúcidas destacam a vulnerabilidade e a necessidade de exposição emocional. Juntos, esses elementos criam uma imagem de um personagem em constante transformação, aberta ao aprendizado e resistente a padrões rígidos. O figurino desafia narrativas sociais que marginalizam jovens ou pressionam pela perfeição imediata, promovendo uma visão de crescimento contínua e autêntica.[As luzes piscam]

Céos: [apreensivo, observando as luzes piscando] Não me diga que havia mais personagens femininas...

Fábio: Sim, havia. E tem mais um detalhe...

[No telão, surgem imagens de duas outras personagens, seguidas por um quadro.]

Figura 5.8 – Fotografia da personagem “Menina”



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: Ao olharmos para esta fotografia, onde podemos ver o figurino, posso organizar a análise no quadro da seguinte forma.

Quadro 5.12 – Análise semiótica do figurino da personagem “Menina”

Elementos do figurino	Denotação	Conotação	Impacto ideológico
Mantos Azuis	Ambos os personagens usam mantos azuis e tecidos translúcidos ou transparentes. Nas mangas. A menina à esquerda tem um manto azul-claro, enquanto a mulher à direita usa um manto azul mais escuro.	O azul é frequentemente associado à serenidade, espiritualidade e transcendência. O uso de mantos translúcidos sugere vulnerabilidade, transparência e conexão emocional. A diferença de tons (azul-claro vs. azul-escuro) pode indicar diferentes estágios de crescimento ou sabedoria (Heller, 2013).	Os mantos azuis desafiam narrativas que veem o aprendizado ou o desenvolvimento como algo opaco ou invisível. Ao usar tecidos translúcidos, os personagens promovem uma ideia de conforto e abertura, questionando expectativas sociais que pressionam os indivíduos a esconder suas emoções ou fragilidades.
Camada de vestidos	Ambas as personagens vestem camadas de roupas sob os mantos. A menina à esquerda usa calças, enquanto a menina à direita usa um top azul com uma saia longa bege e um tecido próximo ao verde.	As camadas sugerem múltiplas facetas de identidade e experiência. O top azul e a saia cinza da mulher indicam liberdade e expansão. O tecido azul-claro na cintura da menina pode simbolizar controle, disciplina ou uma conexão com algo maior.	Essa composição de camadas reflete a complexidade humana e desafia narrativas que protegem indivíduos a somente uma perspectiva. Aos vários níveis de vestimenta, os personagens afirmam que o processo de aprendizagem envolve diferentes camadas de conhecimento e experiência. Isso promove uma reflexão sobre a necessidade de considerar a diversidade de vozes e experiências femininas.
Calças largas	Ambas as personagens usam calças largas amarradas na altura dos tornozelos, em tons de cinza.	As calças largas representam liberdade de movimento e autonomia. O fato de estarem na altura do tornozelo sugere adaptação, afirmando que os personagens estão prontos para enfrentar diferentes situações durante seu processo de aprendizado.	A escolha das calças largas desafia expectativas de roupas apertadas, promovendo uma mensagem de funcionalidade e praticidade. Esse elemento reforça a ideia de que as personagens priorizam a eficiência, questionando padrões sociais que impõem moldes rígidos para as mulheres.
Meias simples	Ambos os personagens usam meias simples, em tons azuis, combinando discretamente com o restante	As meias simples são acessórios funcionais e discretos, reforçando uma ideia de foco não essencial. Elas não chamam atenção,	A escolha de meias simples reflete uma postura prática e pragmática

		mas são benéficas para a harmonia visual do conjunto.	
Cores Contrastantes	Utiliza cores contrastantes, como o azul-claro da menina e o azul-escuro da outra menina, além de detalhes em verde e bege.	As cores contrastantes podem simbolizar diferentes avanços de crescimento ou sabedoria. O azul-claro da menina sugere pureza e potencial, enquanto o azul-escuro da outra menina indica experiência e autoridade. O azul-claro do tecido de uma delas adiciona uma dimensão de renovação e vitalidade.	O uso de núcleos contrastantes reflete a ideia de que o aprendizado é um processo contínuo e mutável, onde diferentes gerações ou melhorias de vida se conectam e se complementam. Isso desafia narrativas que veem o conhecimento como algo fixo ou hierárquico, promovendo uma mensagem de continuidade e troca intergeracional.

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: O figurino das duas personagens revela uma composição cuidadosa que comunica múltiplos significados. O uso de mantos azuis translúcidos, camadas de vestidos, calças amarradas e meias simples cria uma imagem de conforto, flexibilidade e conexão emocional. A interação entre os personagens, reforçada pelas cores contrastantes, destaca a importância do aprendizado como um processo colaborativo e multifacetado (Heller, 2013). O figurino desafia narrativas sociais que marginalizam jovens ou mulheres, promovendo uma visão inclusiva e transformadora do crescimento pessoal e coletivo. [Luzes piscando]

Céos: Ainda não faz sentido para mim... Então, qual era o detalhe que você ia me contar, Fábio?

Fábio: Ah, sim! Uma cena final em específico. [No telão, uma foto é projetada ao lado de um quadro.]

Figura 5.9 – Cena final, cachecol.



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: O detalhe a mais no figurino nos revela algo. Veja neste quadro.

Quadro 5.13 – Semiótica dos Cachecóis

Elemento	Denotação	Conotação	Impacto ideológico
Cachecóis Coloridos	Cada personagem usa um cachecol em uma cor diferente: rosa, laranja, amarelo e roxo próximo ao rosa. Os cachecóis são largos e envolvem o pescoço, criando um contraste vibrante com o restante do figurino.	As cores quentes (rosa, laranja, amarelo, roxo) evocam sensações de energia, vitalidade, calor e expressividade. Cada cor pode ter significados específicos: Rosa: Associado à ternura, amor e feminilidade. Laranja: Simboliza entusiasmo, alegria e criatividade. Amarelo: Representa otimismo, luz e sabedoria. Roxo/Pink: Sugerem maturidade, espiritualidade e individualidade (Heller, 2013).	Juntos, os cachecóis coloridos podem representar diversidade, unicidade e conexão emocional entre os personagens. Os cachecóis coloridos desafiam narrativas que veem as mulheres como figuras passivas. Ao usar cores vibrantes e contrastantes, as personagens afirmam sua individualidade, promovendo uma mensagem de multiplicidade de vozes femininas. Isso questiona estereótipos que pressionam as mulheres a se adequarem

			a padrões únicos ou uniformes, reforçando a ideia de que cada pessoa tem seu próprio caminho e expressão única.
--	--	--	---

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: Os cachecóis coloridos (rosa, laranja, amarelo e roxo próximo ao rosa) são elementos-chave na figura dos personagens, funcionando como símbolos de individualidade, expressividade e conexão emocional (Heller, 2013). Eles desafiam narrativas sociais que marginalizam ou invisibilizam a diversidade feminina, promovendo uma mensagem de fácil acesso, empoderamento e proteção. Ao combinar cores quentes e vibrantes com um figurino mais neutro, o acessório cria um equilíbrio entre a singularidade de cada personagem e a unidade do grupo, refletindo valores como inclusão, respeito às diferenças e valorização da voz feminina. [Luzes, piscando muito]

[Céos, apreensivo]

Fábio: Mas vejamos [Céos interrompe]

Céos: Caramba, véi! Esqueci minhas roupas no varal!

[Ele sai correndo, gesticulando exageradamente. Fábio fica parado, com cara de tacho, olhando para a plateia. As luzes se apagam. Fim de cena.]

Cena 9: As Roupas no Varal

[O palco está úmido, uma corda atravessa a cena com algumas peças penduradas. Céos entra pela direita, ofegante, trazendo mais roupas, ainda gotejando. Uma nuvem pesada paira no som e na luz.]

Céos: [Desconfortável, secando o rosto com a manga] Ufa... quase não consegui salvar essas roupas do temporal. O céu está tão pesado quanto os pensamentos que tenho carregado...

Fábio: [Com leve ironia, surgindo da penumbra] Eu vi. Saiu correndo como se fosse o fim dos tempos. Quase tropeçou na própria sabedoria, Céos.

Céos: [Recolhendo-se em si, mas atento] E talvez tenha sido. O conhecimento também escorrega quando vestimos as sombras... Mas me diga, onde páramos? Ah... as roupas. As tais roupas.

Fábio: [Aproxima-se do varal, tocando uma peça escura] Sim, as roupas... vamos olhar para elas agora com mais atenção. [Sinaliza para o público] Observem comigo. [Foto do figurino masculino é projetada no telão.]

[Imagem projetada. As luzes mudam para uma tonalidade fria.]

Figura 5.10 – Figurino Masculino



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2023).

Fábio: [Aproxima-se do telão] À primeira vista, pode parecer somente um figurino sombrio. Mas não há neutralidade na estética. Quando a sombra se veste, é preciso perguntar: o que ela deseja ocultar?

Céos: [Sem ironia desta vez] Gosto do visual. Mas... tem algo ameaçador ali. Algo velado.

Fábio: Justamente. [Um quadro é projetado. Fábio lê e comenta.] Vamos analisar:

Quadro 5.14 – Análise semiótica do figurino masculino

Elementos do figurino	Denotação	Conotação	impacto ideológico
Tons cinza e preto Camisa	Cores frias Tons de preto e cinza, ausência de cor viva, domínio da sombra	Apatia emocional, distanciamento, ameaça silenciosa (Heller, 2013).	Neutralidade como poder opressor; estética da dominação racional e fria; ausência de empatia como força
Roupas retas e pesadas	Tecido grosso, cortes rígidos e anguloso	Controle, rigidez, ausência de vulnerabilidade	Masculinidade autoritária; poder que se impõe pela forma, não pelo afeto

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: Como nos ensinou Jung, os arquétipos não escolhem lado — eles revelam aquilo que está latente. Esse figurino carrega o arquétipo da **Sombra**. Aquela parte da psique que, ao ser reprimida, torna-se o berço do autoritarismo (Jung, 2016).

Aqui, a sombra veste o saber... mas um saber frio, hierárquico, sem alma.

Céos: [A luz pisca ao redor dele. Céos fica inquieto] Você está dizendo que... esses trajes revelam não o conhecimento, mas o controle?

Fábio: Exato. Em vez de sabedoria, eles personificam a tecnocracia. *Eva Heller* aponta que o **preto**, quando dominante, comunica poder — mas também medo. E o **cinza**, quando absoluto, não é equilíbrio... é conformismo (Heller, 2013). É o tom da indiferença elevada à estética.

Céos: [Olha novamente para a imagem no telão. Agora com expressão séria.] São somente roupas... mas que gritam silenciosamente. A uniformidade me incomoda. É como se cada personagem fosse só uma engrenagem de algo maior...

Fábio: [Com firmeza, se volta ao público] Porque são. O figurino denuncia. Ele mostra o perigo de uma ciência sem afeto, de uma razão sem ética, de um saber que não reconhece o outro. Esses trajes — escuros, rígidos, impessoais — são mais do que estética. São a personificação da distorção do conhecimento.

[Pausa. Fábio ergue uma das peças do varal, com cuidado.]

Fábio: Aqui... nesta peça... está o que tentamos esquecer: Que até a ciência pode se tornar vilã... quando esquece que o humano é sua medida mais sagrada.

[Silêncio. As luzes vão se apagando, uma a uma, até restar somente o figurino projetado no fundo.]

Cena 10: O Rosto das Ideias

[O palco escurece por um instante. Fábio entra pela esquerda, silencioso, observando algo que segura nas mãos. “Mnemosyne” está à direita do palco, mas há algo em sua presença que perturba. As luzes piscam levemente quando ela fala.]

Fábio: [Para o público, pensativo] Já falamos das roupas... daquilo que cobre. Mas e aquilo que revela?

[A figura de “Mnemosyne” se move suavemente em direção a Fábio. A cada frase, as luzes oscilam sutilmente.]

Mnemosyne: Vim porque... chegou a hora de falar de maquiagem, Fábio. [Inclina o rosto com um sorriso enigmático] Você estava conversando com Céos sobre vestimentas, figurino, roupas... Mas o que você tem a dizer sobre o que cobre os olhos?

Fábio [Desconfiado, mas concentrado] Muito. Porque os olhos, Mnemosyne... são as janelas da alma. E a maquiagem, nesse teatro de ideias, é mais do que cor: é linguagem.

Mnemosyne:[Com voz cortante. Luzes piscam] Então diga. Olhe para esta imagem. [Imagem da foto é projetada: os três personagens, com maquiagens marcantes.]

Figura 5.11 – Maquiagem dos atores



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: [Olha com atenção. A luz muda para um azul suave.] Observem, por favor. No centro da imagem, o personagem masculino com sombra azul-escuro ao redor dos olhos. À sua volta, duas personagens femininas cientistas, com sombras em tons de amarelo e laranja, como um pôr do sol cintilando resistência.

Fábio: Vamos à análise.[Quadro projetado]

Quadro 5.15 – Análise semiótica das maquiagens

Personagem	Denotação	Conotação	Impacto ideológico
Masculino (Vilão)	Sombra, azul-escuro ao redor dos olhos	Frieza emocional, mistério, domínio da razão sobre o afeto (Heller, 2013).	Saber sem empatia, controle disfarçado de lucidez.
Feminino (Heroína)	Sombra amarela e laranja intensa, vibrando como fogo suave	Calor, coragem, ação luminosa (Heller, 2013). Evocam o entardecer — o tempo da colheita, da sabedoria sensível.	Intuição ativa, ciência afetiva, razão com compaixão.

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: A maquiagem masculina utiliza o azul-escuro, que segundo Heller, está ligado à autoridade, à confiança, mas também à frieza, à distância emocional. Esse azul... é quase uma armadura psíquica (Heller, 2013).

Na psicologia analítica de Jung, esse personagem incorpora o arquétipo da Sombra. Aquela parte reprimida da psique que, quando projetada nos outros, se torna tirania, dogma, fanatismo. Sua maquiagem cerca os olhos como um cárcere, um saber que vê, mas não enxerga o outro (Jung, 2016).

Já as personagens femininas brilham com sombras de amarelo e laranja. Essas cores, segundo Heller, são as mais associadas à criatividade, à coragem e à vitalidade emocional (Heller, 2013).

Não por acaso, evocam o pôr do sol — um instante em que o mundo se tinga de beleza antes da noite. Essas mulheres são as heroínas. São cientistas. E na leitura de Jung, representam a Anima iluminada, aquela que integra intuição e razão — não como opostos, mas como aliadas. O amarelo é a luz da inteligência que se abre ao outro. O laranja é a chama do agir afetivo, do fazer com sentido (Jung, 2016).

Mnemosyne: [Com um sorriso gélido. As luzes piscam fortemente] Bela análise... Mas nem toda luz revela. Às vezes, também cega.

Fábio: [Aproximando-se, firme, como quem já percebe o disfarce] E às vezes... a sombra que tenta se esconder na memória... se revela pela cor que veste os olhos.

[A imagem no telão se apaga. A figura de “Mnemosyne” recua um passo.]

Fábio: E é por isso que até no teatro da ciência, o rosto importa. Porque quem escolhe a cor... também escolhe a narrativa.

[Luzes se apagam devagar. Fim da cena.]

Cena 11: A Análise Semiótica da Cenografia, Iluminação e Ações dos Personagens

[Sentado à mesa com um tablet em mãos, projetando imagens no telão.]

Hermes: Entra pela direita, com uma expressão cética e irônica, cruzando os braços.

[Telão: Exibe as sequências de fotos.]

Figura 5.12 – Narrativa Visual Encenada



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: [Consultando o tablet] Vamos começar nossa análise dessa sequência de fotos. Como vocês podem ver, a cena está repleta de elementos simbólicos que precisam ser decifrados. Primeiro, observem a iluminação e as cores.

Hermes: [Entrando pela direita, com ar de desdém] Ah, Fábio, mais essa? Você realmente acha que essas luzes e cores têm algum significado profundo? Parece mais algo para distrair do que para refletir.

Fábio: [Ignorando a ironia] Sim, Hermes, elas têm. Vamos começar pela primeira imagem. Aqui temos uma cena com iluminação verde, que cria um ambiente sombrio e misterioso. As figuras estão alinhadas, e andando em círculos ao redor da mulher, os seus gestos sugerem uma ideia.

Hermes: [Rindo baixo] Manifestação? Ou talvez somente atores tentando parecer importantes.

Fábio: [Sem se abalar] Não é só isso. O verde, segundo a *psicologia das cores*, representa crescimento, mas também pode indicar perigo ou instabilidade (Heller, 2013).

No contexto desta peça, ele sugere tensão social e conflito.

Hermes: [Com tom sarcástico] E por que não dizer que é simplesmente porque o técnico de luz estava sem ideias?

Fábio: [Continuando sério] Além disso, observe os gestos. Uma personagem levanta os dedos, como se estivesse exigindo atenção.

Hermes: [Sarcástico] Ou talvez eles estejam somente imitando filmes de super-heróis.

Fábio: [Desconsiderando a crítica] Agora, vejamos a segunda imagem. Aqui, a mulher vestida de azul surge como figura central. O azul, associado à introspecção e sabedoria, contrasta com o cinza dos outros personagens, que parece ou sugere representar indiferença, ou conformismo (Heller, 2013).

Hermes: [Interrompendo] Mas será que ela realmente merece destaque? Pelo que vi, ninguém parece estar prestando muita atenção nela.

Fábio: [Pausa para pensar] É exatamente isso que quero analisar. Na terceira imagem, vemos a mesma mulher sendo ignorada enquanto um homem fala. A cena sugere que suas ideias são menos valorizadas simplesmente porque ela é mulher.

Hermes: [Com um sorriso malicioso] Talvez seja porque ela não sabe se comunicar tão bem quanto o homem.

Fábio: [Com firmeza] Não, Hermes. Isso sugere padrões sociais arraigados. A mulher apresenta uma solução, mas só é ouvida quando um homem repete suas palavras. Isso revela uma dinâmica de poder opressiva.

Hermes: [Com ironia] Então, vamos chamar isso de “opressão” só porque ela foi interrompida? Será que não é só falta de habilidade dela?

Fábio: [Respirando fundo] Hermes, estamos falando de arquétipos e semiótica aqui. A mulher vestida de azul representa a busca pela sabedoria e transformação, enquanto os homens em cinza simbolizam a resistência ao novo. O azul, associado à intuição e espiritualidade, é marginalizado pelo cinza, que representa rigidez e conformismo (Heller, 2013).

Hermes: [Com um suspiro fingido] Tudo bem, Fábio. Mas e a última imagem? Parece que todos estão brigando. Que tipo de mensagem isso transmite?

Fábio: [Analisando a foto final] Na última imagem, há uma clara tensão física. Os gestos agressivos sugerem confronto, mas também resistência. A mulher continua lutando por seu lugar, mesmo diante da violência simbólica.

Quadro 5.16 – Análise Semiótica

Elementos analisados	denotação	Conotação	Impacto ideológico
Iluminação verde	Luzes verdes, criando um ambiente escuro e dramático.	Representa tensão, conflito e instabilidade social.	Reforça a ideia de uma sociedade em crise, onde o equilíbrio está ameaçado.
Figura central azul	Mulher vestida de azul, destacada visualmente.	Simboliza sabedoria, intuição e liderança feminina.	Destaca a importância da voz feminina na construção de soluções, mas também sua marginalização.
Gestos dos personagens	Mãos levantadas, posturas rígidas.	Indicam protesto, resistência e busca por justiça.	Revela uma luta contra opressão e desigualdades.
Contraste entre azul e cinza	Contraste entre a mulher de azul e os homens de cinza.	Representa o choque entre novas ideias e resistência conservadora.	Destaca a dificuldade enfrentada pelas mulheres ao buscar reconhecimento e igualdade.
Agressividade na última imagem	Posturas agressivas, gestos de confronto.	Simboliza a violência simbólica e real contra quem busca mudanças.	Revela a necessidade de enfrentar sistemas opressivos para promover transformações sociais.

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: [Apontando para o quadro] Veja, Hermes. Essa análise nos evidencia como a linguagem visual e corporal reforça narrativas de opressão e resistência. A mulher de azul é o símbolo da busca por mudança, enquanto os homens em cinza e preto representam a resistência ao novo.

Hermes: [Com um sorriso irônico] Interessante. Mas e se eu te disser que tudo isso é somente um jogo de luz e sombra? Talvez seja só um roteiro mal escrito.

Fábio: [Com calma] Hermes, você sempre questiona, mas nunca consegue negar a força desses símbolos. A peça “A Que Faz” usa a arte para explorar temas complexos de gênero e poder. E nós, como pesquisadores, temos a responsabilidade de decifrar essas mensagens.

Hermes: [Recuando lentamente] Bem, Fábio, parece que você realmente encontrou algo interessante aqui. Mas lembre-se: a verdade é frágil, e os símbolos podem ser interpretados de várias maneiras.

Fábio: [Sorrindo] Sim, Hermes. E é por isso que continuamos buscando. A ciência e a arte juntas nos permitem enxergar caminhos que, sozinhos, seriam invisíveis.

Fábio: [Consultando o tablet com as imagens projetadas no telão] Vamos analisar esta sequência de fotos também. Aqui temos uma cena que explora a expressividade corporal e a simbologia das cores, especialmente o azul.

Figura 5.13 – Narrativa visual encenada



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Hermes: [A direita, com um ar cético] Mais uma vez? Não sei por que estamos perdendo tempo com isso. As pessoas estão simplesmente agindo, não há nada de profundo aqui.[Quadro projetado no telão]

Quadro 5.17 – Análise semiótica cenas de violência

Elementos analisados	Denotação	Conotação	Impacto ideológico
Figurino (Azul)	mulher Vestida com manto azul sobre túnica cinza	O azul evoca sensações de calma, sabedoria e intuição. Representa a busca pela verdade e transformação (Heller, 2013).	Simboliza a figura feminina como guardiã do conhecimento e mudança, contrastando com os tons mais opressivos ao fundo.
Ações corporais	Movimentos fluidos, mãos levantadas, gestos expressivos	Indicam resistência, luta interna e externa contra opressões. Reforçam a ideia de empoderamento e busca por liberdade.	Revelam a dinâmica de confronto entre o velho e o novo, onde a mulher é a força motriz da transformação.
Cenografia (caixas de papelão com grafite)	Caixas de papelão com grafites desconexas	Representam desordem, confusão e repressão social. Sugerem um	Destacam a sociedade fragmentada e a necessidade de voz para

		ambiente de protesto ou revolta.	os marginalizados.
Iluminação (Amarelo e vermelho)	Luzes amareladas e vermelho em contraste com azul e cinza do figurino	Amarelo simboliza energia e conflito; vermelho representa paixão e violência. Juntos, criam tensão e dramatismo (Heller, 2013).	Reforçam a ideia de luta e transformação, destacando a importância da ação coletiva.
Cor Azul (Sapatos e Manto)	Sapatos e manto azuis são elementos dominantes.	O azul é associado à introspecção, espiritualidade e harmonia. No contexto, sugere uma busca por equilíbrio e paz (Heller, 2013).	Transmite a mensagem de que a transformação vem de dentro, representada pela figura feminina.
Contraste entre Figuras	A mulher em azul clara se destaca diante de figuras neutras ou sombrias.	Representa o contraste entre luz e escuridão, sabedoria e ignorância.	Destaca a marginalização da voz feminina e sua luta para ser ouvida.

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: [Apontando para o quadro] Observe, Hermes, como o azul claro do manto da mulher contrasta com o cinza do fundo. Segundo a *psicologia das cores de Helen*, o azul simboliza sabedoria e intuição, enquanto o cinza representa indiferença ou conformismo (Heller, 2013).

Hermes: [Com sarcasmo] E por que ela não usa um rosa, então? Seria mais “feminino”, não?

Fábio: [Ignorando a provocação] O azul, nesse caso, é uma escolha consciente. Ele reflete a busca pela sabedoria e transformação, algo que vai além do estereótipo de gênero. Além disso, observe os sapatos azuis. Eles reforçam essa ideia de continuidade e determinação.

Hermes: [Rindo baixo] Continuidade? Ou talvez ela simplesmente tenha esquecido de trocar de sapato.

Fábio: [Sem se abalar] Agora, veja as ações corporais. A mulher está usando gestos fluidos, mas também expressivos. Ela parece estar lutando contra algo, como se tentasse libertar-se de alguma opressão.

Hermes: [Interrompendo] Mas será que ela precisa realmente de tanto drama? Pelo que vi, parece somente uma atriz fazendo poses.

Fábio: [Com firmeza] Esses gestos não são somente poses, Hermes. Eles transmitem uma narrativa de resistência e transformação. A mulher está simbolizando a luta interna e externa, mostrando que a mudança começa de dentro para fora.

Hermes: [Com ironia] Tudo bem, Fábio. Mas e as caixas com grafites? Parece somente lixo jogado no palco.

Fábio: [Pausa para explicar] As caixas com grafites são essenciais. Elas representam a desordem e a confusão da sociedade atual. Os grafites, embora desorganizados, sugerem vozes que precisam ser ouvidas, mesmo que pareçam ininteligíveis.

Hermes: [Com um sorriso malicioso] Então, você está dizendo que essas placas são como mensagens de WhatsApp de alguém bêbado?

Fábio: [Respirando fundo] Hermes, estamos falando de arquétipos e representações simbólicas. As caixas simbolizam a voz dos marginalizados, enquanto a mulher em azul representa a busca pela ordem e transformação. É uma metáfora da sociedade contemporânea, onde muitas vezes as vozes mais importantes são ignoradas.

Hermes: [Recuando lentamente] Interessante... mas e a iluminação? Por que usar amarelo e vermelho?

Fábio: [Gesticulando enquanto explica] O amarelo e o vermelho criam tensão visual. O amarelo simboliza energia e conflito, enquanto o vermelho representa paixão e violência. Juntos, eles reforçam a ideia de luta e transformação, mostrando que a mudança exige esforço e sacrifício (Heller, 2013).

Hermes: [Com um suspiro fingido] Tudo bem, Fábio. Você realmente encontrou algo aqui. Mas e se eu te disser que tudo isso é só um jogo de luz e sombra? Talvez seja só um roteiro mal escrito.

Fábio: [Sorrindo] Hermes, você sempre questiona, mas nunca consegue negar a força desses símbolos.

Hermes: [Com um sorriso irônico] Belo discurso, Fábio. Mas lembre-se: a verdade é frágil, e os símbolos podem ser interpretados de várias maneiras.

Fábio: [Com calma] Sim, Hermes. E é por isso que continuamos buscando. A ciência e a arte juntas nos permitem enxergar caminhos que, sozinhos, seriam invisíveis.

Fábio: [Consultando o tablet com as imagens projetadas no telão] Vamos continuar a analisar esta sequência de fotos. Aqui temos uma cena que explora a expressividade corporal e a simbologia das cores, especialmente o vermelho e o azul.

Hermes: [Andando pela direita, com um ar cético] Mais uma vez? Não sei por que estamos perdendo tempo com isso. As pessoas estão simplesmente agindo, não há nada de profundo aqui.[Outras imagens aparecem no telão]

Figuras 5.14 – Narrativa visual encenada



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

[Continuação da Análise, o quadro é projetada no telão]

Quadro 5.18 – Análise semiótica

Elementos analisados	Denotação	Conotação	Impacto ideológico
Iluminação Vermelha	Luzes vermelhas e intensas	Representa violência, dor emocional e tensão extrema. O vermelho evoca sangue, ferimento e agressão (Heller, 2013).	Simboliza o impacto devastador da violência física e sexual, destacando sua natureza brutal e destrutiva.

Figura central (mulher com tecido azul)	Mulher segurando um tecido azul, que parece ser parte de seu próprio vestuário ou algo retirado do agressor.	O azul simboliza fragilidade, vulnerabilidade e pureza, mas também pode representar resistência e luta interna (Heller, 2013). Ao segurar o tecido, ela parece estar tentando proteger-se ou lidar com o trauma.	Destaca a complexidade da experiência feminina diante da violência: enquanto é vitimizada, ela busca formas de sobrevivência e resistência.
Gestos corporais	Movimentos expressivos, mãos levantadas, posturas defensivas ou introspectivas.	Indicam luta interna, dor emocional e busca por libertação. Os gestos sugerem confronto consigo mesma e com o mundo exterior, refletindo a dificuldade de processar a violência sofrida.	Revelam a dinâmica de auto confronto e superação, mostrando a complexidade da experiência feminina após a violência.
Cenografia (caixas com grafite)	Caixas de papelão com grafites e palavras desconexas.	Representam desordem, confusão e repressão social. Sugerem um ambiente de protesto ou revolta, mas também podem simbolizar a fragmentação da memória e dos sentimentos da vítima.	Destacam a sociedade fragmentada e a necessidade de voz para os marginalizados, especialmente as vítimas de violência.
Contraste entre figuras	A mulher em azul clara se destaca diante de figuras neutras ou sombrias.	Representa o contraste entre luz e escuridão, sabedoria e ignorância. A mulher emerge como símbolo de resistência, mesmo em meio ao caos.	Transmite a mensagem de que a transformação vem de dentro, liderada pela figura feminina, mesmo em situações extremas.
Cor azul tecido	Tecido azul sendo segurado pela mulher.	O azul, associado à introspecção e espiritualidade, aqui ganha conotações de vulnerabilidade e resiliência (Heller, 2013). Ao segurar o tecido, a mulher parece estar buscando algo para se proteger ou para lembrar-se de si mesma.	Simboliza a luta interna da mulher contra a opressão e a violência, destacando sua força psicológica e emocional.
Violência física e sexual	A cena sugere violência física e sexual, embora não seja explicitamente mostrada.	Representa a brutalidade e a invasão da intimidade, temas recorrentes em narrativas sobre violência contra mulheres.	Reforça a ideia de que a violência não é somente física, mas também psicológica e simbólica, impactando profundamente a vida das vítimas.

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: Observe, Hermes, como o vermelho se destaca nessa cena. A iluminação vermelha é claramente intencional. Segundo a *psicologia das cores de Heller*, o vermelho simboliza paixão, energia e violência. Nesse contexto, ele representa a brutalidade da violência física e sexual (Heller, 2013).

Hermes: [Com sarcasmo] Mas será que ela precisa realmente de tanto drama? Pelo que vi, parece somente uma atriz fazendo poses.

Fábio: [Ignorando a provocação] O vermelho, nesse caso, é uma escolha importante. Ele transmite a ideia de sangue, dor e agressão (Heller, 2013). Além disso, observe os gestos corporais. A mulher está usando movimentos expressivos, como se estivesse lutando contra algo.

Hermes: [Interrompendo] Mas será que ela realmente precisa de tanto drama? Pelo que vi, parece somente uma atriz tentando chamar atenção.

Fábio: [Com firmeza] Esses gestos não são somente poses, Hermes. Eles transmitem uma narrativa de resistência e transformação. A mulher está simbolizando a luta interna e externa, mostrando que a mudança começa de dentro para fora.

Hermes: [Recuando lentamente] Interessante... mas e a última imagem? Parece que todos estão brigando fugindo não sei bem. Que tipo de mensagem isso transmite?

Fábio : [Gesticulando enquanto explica] Na última imagem, há uma clara tensão física. Os gestos agressivos sugerem confronto, mas também resistência. A mulher continua lutando por seu lugar, mesmo diante da violência simbólica.

[continuando...]

Fábio: [Consultando o tablet com as imagens projetadas no telão] Vamos analisar esta sequência de fotos. Aqui temos uma cena que explora a expressividade corporal e a simbologia das cores, especialmente o amarelo e cinza.

Figura 5.15 – Narrativa visual encenada



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Hermes: [Andando pela direita, com um ar cético] Mais uma vez?

[Quadro projetado no telão]

Quadro 5.19 – Cenas de Dança

Elementos analisados	Denotação	Conotação	Impacto ideológico
Iluminação Amarela	Luzes amarelas intensas, criando um ambiente dramático.	Representa energia, paixão e tensão extrema. O amarelo evoca atenção e alerta, mas também pode simbolizar perigo e opressão (Heller, 2013).	Destaca a luta interna e externa da mulher, bem como a fragilidade de sua liberdade diante da opressão.
Figura Central (Mulher dançando)	Mulher vestida de cinza dançando livremente	Simboliza liberdade, resistência e busca pela verdade. A dança representa a expressão artística e emocional da mulher, mostrando sua força interior.	Transmite a ideia de que a arte e a expressão corporal podem ser ferramentas poderosas para enfrentar a opressão.
Gestos corporais	Movimentos fluidos	Indicam luta interna, dor emocional e busca por libertação. Os gestos sugerem confronto consigo mesma e com o mundo exterior, refletindo a dificuldade de processar a violência sofrida.	Revelam a dinâmica de auto confronto e superação, mostrando a complexidade da experiência feminina após a violência.
Cenografia	caixas de papelão com grafites desconexos	Representam desordem, confusão e repressão social. Sugerem um ambiente de protesto ou revolta, mas também	Destacam a sociedade fragmentada e a necessidade de voz para os marginalizados, especialmente as vítimas

		podem simbolizar a fragmentação da memória e dos sentimentos da vítima.	de violência.
Contraste entre figuras	A mulher se destaca diante das figuras neutras e sombrias.	Representa o contraste entre luz e escuridão, sabedoria e ignorância. A mulher emerge como símbolo de resistência, mesmo em meio ao caos.	Transmite a mensagem de que a transformação vem de dentro, liderada pela figura feminina, mesmo em situações extremas.
Sufocamento da mulher	Outros personagens cercam a mulher e a sufocam	Simboliza o silenciamento, a opressão e a violência contra mulheres que tentam expressar suas verdades.	Reforça a ideia de que a liberdade de expressão é constantemente ameaçada, especialmente quando pertence a vozes marginalizadas.

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

[Continuação da Análise]

Fábio: Observe, Hermes, como o amarelo se destaca nessa cena. A iluminação amarela é claramente intencional. Segundo a psicologia das cores, o amarelo simboliza energia, paixão e atenção. Nesse contexto, ele representa a força vital da mulher enquanto ela dança, mas também alerta (Heller, 2013).

Hermes: [Com sarcasmo] Pelo que vi, parece somente uma atriz tentando chamar atenção.

Fábio: [Ignorando a provocação] O amarelo, nesse caso, é uma escolha importante. Ele transmite a ideia de liberdade e resistência. Além disso, observe os gestos corporais. A mulher está usando movimentos expressivos, como se estivesse lutando contra algo invisível, e também liberdade e energia.

Hermes: [Interrompendo] Mas... [Fábio interrompendo]

Fábio: [Com firmeza] Esses gestos não são somente poses, Hermes. Eles transmitem uma narrativa de resistência e transformação. A mulher está simbolizando a luta interna e externa, mostrando que a mudança começa de dentro para fora.

Hermes: [Recuando lentamente] Interessante... mas e a última imagem? Que tipo de mensagem isso transmite?

Fábio: [Gesticulando enquanto explica] Na última imagem, há uma clara tensão física. Os gestos agressivos sugerem sufocamento, reforça a ideia de que a liberdade de expressão é constantemente ameaçada, especialmente quando pertence a vozes marginalizadas.

Vejamos agora as imagens da transformação do cenário .[Figuras projetadas no telão.]

Figura 5.16 – Narrativa visual



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Fábio: [Consultando o tablet com as imagens projetadas no telão] Vamos analisar esta sequência de fotos. Aqui temos uma transformação no cenário. Observe como as mulheres estão mudando o espaço.

Hermes: [Com sarcasmo] Mais uma vez? Não sei por que estamos perdendo tempo com isso. Não há nada de profundo aqui.

[Quadro projetado no telão]

Quadro 5.20 – Análise semiótica do cenário

Elementos analisados	Denotação	Conotação	Impacto ideológico
Caixa de papelão com grafites	Caixas empilhadas com escritas desordenadas e grafites.	Representam desordem, confusão e repressão social. Sugerem um ambiente urbano fragmentado e marginalizado.	Destacam a sociedade fragmentada e a necessidade de voz para os marginalizados, especialmente as vítimas de violência e opressão.
Mulheres Montando Colagens	As mulheres substituem os grafites por colagens coloridas com imagens de cientistas femininas.	Simbolizam resistência, transformação e reconstrução. As colagens representam a reescrita da história, revisitando vozes silenciadas e visibilizando contribuições femininas na ciência.	Reforçam a ideia de que a verdadeira mudança vem quando as marginais se tornam protagonistas.
Imagens das Cientistas Femininas	Fotos de cientistas femininas em colagens vibrantes e coloridas.	Representam força, inspiração e liderança. Cada imagem é um tributo às conquistas e lutas das mulheres na ciência, destacando sua importância histórica e contemporânea.	Promovem a valorização das contribuições femininas na ciência e incentivam novas gerações a buscar igualdade e justiça.
Iluminação Azul e Violeta	Luzes azuis e violetas criam um ambiente calmo, mas intenso	O azul simboliza sabedoria e introspecção, enquanto o violeta representa transformação e poder feminino. Juntos, essas cores transmitem serenidade e força.	Destacam a capacidade das mulheres de transformar espaços opressivos em lugares de aprendizado e inspiração.

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

[Continuação da Análise]

Fábio: Observe, Hermes, como o cenário inicial era composto de caixas de papelão com grafites. Essas caixas representam desordem ou barreiras, confusão e repressão social, ou ambiente urbano. Mas veja agora: as mulheres estão substituindo esses símbolos de opressão por colagens vibrantes que retratam cientistas femininas.

Hermes: [Interrompendo] Mas será que isso realmente muda algo? Pelo que vi, parece somente uma troca de decoração.

Fábio: [Com firmeza] Não é somente uma troca de decoração, Hermes. É uma reescrita da história. As colagens revisitam vozes que foram silenciadas por muito tempo.

Cada imagem é um tributo às contribuições das mulheres na ciência, mostrando que elas sempre estiveram lá, mesmo que invisíveis.

[Encerramento da Cena]

Fábio: [Olhando para o público] A arte e a ciência, juntas, nos permitem enxergar o mundo de maneiras profundas.

[Luzes se apagam lentamente, deixando somente o silêncio do público ecoando no teatro.]

Cena 12: A Verdade Revelada/ Início da discussão

[O palco está escuro. Uma única luz ilumina Fábio, que está sozinho no centro, segurando um quadro em mãos, no seu tablet. Ele parece satisfeito e confiante, como se tivesse encontrado algo importante.]

Fábio: [Sorrindo para o público] Finalmente, tudo faz sentido. Cada gesto, cada cor, cada palavra dita na peça “A Que Faz” revela camadas profundas sobre arte, ciência e a luta pela verdade. Vejam isto! [Mostra o quadro ao público] É uma análise semiótica completa das imagens que tirei durante a estreia baseadas em conceitos de *Heller*, *Jung*, *Sontag* e *Barthers* (Heller, 2013; Jung, 2016; Sontag, 1977; Barthes, 1984).

Quadro 5. 21 – Análise completa da peça “A Que Faz”

Personagem	Expressão visual/textual	Sentido simbólico	Relação com os objetivos da pesquisa
A Mulher Cientista	Roupa neutra e gestos firmes; linguagem racional e afetiva ao mesmo tempo	Representa a mulher na ciência e sua resistência histórica às opressões	Reforça a articulação entre ciência e subjetividade; expressa visualmente o lugar da mulher como produtora de saber
A Menina	Traje simples, linguagem poética e curiosa	Encarnando o arquétipo da esperança, representa o futuro da ciência e a vocação infantil	Ilustra como a linguagem artística desperta o interesse pela ciência, contribuindo à divulgação científica
O Homem Tradicional	Figurino escuro e postura rígida	Representa o modelo clássico e masculinizado do cientista	Provoca reflexão crítica sobre os estereótipos da ciência, desconstruindo imagens hegemônicas
A Professora	Visual híbrido entre jaleco e roupa casual; fala didática e acolhedora	Ponte entre saber científico e experiência de ensino; representa o conhecimento acessível	Integra texto e imagem para comunicar o papel da ciência na educação e na formação crítica

A Senhora/Avó	Roupa tradicional, fala afetuosa e metafórica	Representa os saberes populares e a ancestralidade como formas de conhecimento	Revaloriza os saberes invisibilizados pela ciência tradicional.
A Jovem Cientista	Avental estilizado fala com entusiasmo	Quebra o estereótipo da cientista fria; simboliza a pluralidade e diversidade no campo científico	Mostra como visualidade e representação interferem na identificação e acessibilidade à ciência
Narrador/Músicos	Imagens, sons e textos intercalados entre as cenas	Conduz o público à metalinguagem da ciência, misturando ficção, dados e emoção	Reforça o papel do teatro como espaço de divulgação científica, sensível, crítica e interdisciplinar

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

[Fábio caminha até o centro do palco. Uma luz focal o acompanha. Ele segura uma fotografia nas mãos, como quem carrega um símbolo. Com um tom firme, porém sensível, ele se dirige ao público e a Céos.]

Fábio: Céos, depois de tudo que vimos, posso afirmar com convicção: a linguagem visual no teatro científico é mais do que estética — ela fala, ensina, emociona e traduz ciência em sensações.

Os dados que coletei, analisei e organizei me mostraram que os elementos visuais — como cenografia, figurinos, maquiagem e paleta de cores — desempenham um papel essencial na construção de sentido e na articulação entre arte e ciência. Cada cor, cada tecido, cada objeto de cena não está ali por acaso, mas funciona como um signo carregado de significados simbólicos, sociais e científicos.

A peça “A Que Faz” revelou que essa composição visual não só reflete conteúdos científicos, mas também os ressignifica artisticamente, tornando-os mais acessíveis, humanos e emocionais. Além disso, os elementos textuais — como os diálogos, músicas e narrativas — dialogam diretamente com conceitos científicos, ao mesmo tempo, em que provocam o público por meio da poesia, do conflito e da memória coletiva.

Portanto, a pergunta que moveu esta pesquisa foi respondida com profundidade: a linguagem visual no teatro científico revela, sim, a interação entre arte e ciência — e o faz de maneira sensível, simbólica e eficaz, contribuindo diretamente para a divulgação científica.

E mais: os objetivos específicos foram todos contemplados.

Compreendi como os elementos visuais expressam essa relação interdisciplinar;

Analisei como os elementos textuais reforçam e ampliam essa construção estética e científica;

E identifiquei mensagens emergentes que apontam para questões sociais urgentes — como gênero, desigualdade, justiça ambiental e direito ao conhecimento.

Por tudo isso, posso dizer: a linguagem visual é uma ponte entre dois mundos que nunca deveriam ter sido separados. E esta pesquisa é mais uma travessia nesse caminho.

[De repente, as luzes começam a piscar intensamente. Céos entra pelo lado direito do palco, mas algo em sua postura é diferente. Seu olhar é duro, quase ameaçador.]

Céos: [Com sarcasmo, à direita do palco] Ah, Fábio... Tão feliz com seus quadros e gráficos. Mas será que você encontrou realmente a verdade? Ou será que está somente vendo o que quer ver?

[Fábio franze a testa, desconfiado. Ele pega um dispositivo estranho – um detector de mentiras inspirado nos ensinamentos de *Carl Sagan* em *O Mundo Assombrado pelos Demônios* (Sagan, 2006).]

Fábio: [Erguendo o detector] Mentiras têm pernas curtas, Céos. Vamos testar essa sua “verdade”. [Liga o detector e aponta para Céos.]

Céos: [com um sorriso irônico] Muito bem, Fábio. Faça suas perguntas. Mas lembre-se, a verdade é relativa.

Fábio: Não, Céos. Como *Sagan* ensinou, a verdade deve ser fundamentada em evidências verificáveis. E este detector vai expor qualquer falha lógica ou contradição. Vamos começar (Sagan, 2006).

[O detector emite um leve zumbido, abaixo que está ativo. Fábio começa a fazer as perguntas.]

Fábio: Primeira questão: Qual é a fonte primária de sua informação? *Sagan* diz que devemos sempre questionar a origem do conhecimento (Sagan, 2006). Quem ou o quê te ensinou o que você afirma saber?

Céos: [hesitante] Minha sabedoria vem... das eras. Sou o guardião do conhecimento acumulado ao longo dos séculos.

[O detector pisca em vermelho, emitindo um som agudo.]

Fábio: Contradição bloqueada. A sabedoria acumulada ao longo dos séculos não pode ser atribuída a uma única entidade sem provas. Próxima pergunta: Que evidências você tem para sustentar suas afirmações? *Sagan* enfatiza que “afirmações extraordinárias exigem evidências extraordinárias”. Mostre-nos essas evidências (Sagan, 2006).

Céos: [visivelmente desconfortável] As evidências estão... nas estrelas. Nos ciclos da natureza. Nos padrões que se repetem.

[O detector pisca novamente, desta vez mais intensamente.]

Fábio: Mais uma falha lógica. Referências vagas como “estrelas” e “ciclos da natureza” não são evidências fidedignas verificáveis. Próxima questão: Você já submeteu suas ideias ao teste de falsificabilidade? Sagan afirma que uma hipótese científica deve ser passível de ser testada e, se necessário, refutada (Sagan, 2006).

Céos: [agora claramente nervoso] Eu... sou a encarnação do conhecimento. Não preciso de testes.

[O detector emite um alarme alto e contínuo, enquanto uma luz vermelha envolve Céos]

Fábio: Isso prova que suas afirmações são infundadas. Agora, a última pergunta, direta e incontestável. Você é quem realmente diz ser? Ou você está escondendo algo sob essa máscara de sabedoria?

[Céos hesita, tentando resistir, mas o detector começa a projetar imagens holográficas de seus pensamentos mais profundos. Entre elas, surge a figura de Dolos, o deus das mentiras.]

Céos: [com a voz trêmula, as luzes se apagam] Eu... eu...

[A ilusão se dissolve completamente, as luzes se acendem, revelando Dolos em seu lugar. A arqueja pública, Dolos, espírito do engano e da astúcia, representa a ambiguidade e a duplicidade presentes nos processos comunicativos” (Brandão, 2005)]

Figura 5.17 – Imagem de Dolos



Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Nota: Processo manual usando tinta acrílica finalizado digitalmente

Dolos: [Com um sorriso cruel] Parabéns, Fábio. Você finalmente me viu pelo que sou. Mas não pense que isso vai te salvar. No fim, somos dois lados da mesma moeda. [Puxa um espelho de seu manto de penas negras e o segura na frente de Fábio.] Olhe bem. Quem você realmente é?

[Fábio hesita ao ver seu reflexo no espelho. Por um momento, ele parece confuso, por parecer ver Dolos no reflexo, como se estivesse perdendo o controle de si.]

Fábio e Dolos: [Falando juntos] Sou você. Você é, eu. [Fábio confuso]

Dolos: [Usando palavras manipuladoras] Você citou Harari, Sagan, Jung... Mas todos eles falharam em responder à pergunta mais importante: o que é real? Talvez você seja somente mais uma ilusão, assim como eu.

Fábio: [Respirando fundo, tentando manter a calma] Não... Sei quem sou. E sei que a verdade existe, mesmo que seja difícil de alcançar. [Desvia o olhar do espelho e encara Dolos.] Você pode tentar me confundir, mas minhas pesquisas, minhas análises... Elas são reais.

Você acha que o mundo se alimenta só de poder, Dolos? Que basta gritar uma mentira mil vezes para que ela se torne verdade? Mas Harari nos alerta: não é a ignorância que destrói civilizações, e sim o excesso de informação mal usada. Temos dados, temos tecnologia, temos acesso a tudo — mas continuamos sem sabedoria. Somos como Faetonte, que pediu a carruagem do sol e queimou o mundo por não saber controlá-la. O teatro, a arte, a ciência que humaniza... tudo isso são tentativas de devolver sentido ao excesso. Porque se a informação não encontra afeto, vira ruído. E é nisso que você se alimenta: do ruído (Harari, 2024).

Dolos: [Com um tom provocativo] Real? Você chama isso de realidade? Sagan dizia que “a ciência é mais do que um corpo de conhecimento: é uma maneira de pensar.” Mas você pensa, Fábio? Ou somente segue fórmulas prontas? (Sagan, 2006)

Fábio: [Com firmeza] Seguir fórmulas prontas seria ignorar o que aprendi com Sagan. Ele ensinava que o ceticismo é essencial. E é exatamente isso que estou fazendo aqui: questionando suas mentiras, Dolos. A ciência não aceita verdades absolutas; ela busca constantemente evidências. E meu detector de mentiras está provando que você mente (Sagan, 2006).

Dolos: [Rindo baixo] Evidências? O que são evidências senão construções humanas? Pilati já disse que a ciência é falível, sujeita a erros. E se eu for somente um erro, uma falha no sistema? Como você pode ter certeza de que não sou parte dessa realidade que você chama de verdade?

Fábio: [Com intensidade] A falibilidade da ciência é a sua maior força. Ela reconhece que pode errar, testa hipóteses, corrige e avança. Já você, Dolos, se apoia em ilusões e argumentos sem base — sem evidências, sem falseabilidade, sem método. A ciência, ao contrário, oferece as ferramentas para separar o que é real do que é só aparência (Pilati, 2018).

Dolos: [Com um sorriso enigmático] Ferramentas? Ou prisões? Os sapiens criam mitos para dar sentido ao mundo. E se sua pesquisa, seus dados, suas análises... forem somente mais um desses mitos?

Fábio: [Refletindo por um momento, mas mantendo a convicção] Harari também disse que os mitos podem ser poderosos quando usados para o bem. Minha pesquisa não é um mito vazio, Dolos. Ela busca democratizar o conhecimento, tornar a ciência acessível. Isso é transformação, não ilusão (Harari, 2018).

Dolos: [Com ironia] Democratização? Você realmente acredita nisso? O inconsciente humano é cheio de conflitos e contradições. Como pode esperar que pessoas tão divididas entendam a complexidade da ciência?

Fábio: [Com determinação] Exatamente, por isso precisamos de linguagens acessíveis, como o teatro científico. Ele traduz a complexidade em emoções, histórias e metáforas. Não é sobre simplificar, Dolos. É sobre conectar. E você, com suas mentiras, só quer desconectar as pessoas da verdade (Moreira; Marandino, 2015).

Dolos: [Com um tom sombrio] E o que é essa “verdade” que tanto defende, Fábio? Nietzsche dizia não haver fatos, somente interpretações. Talvez você esteja interpretando errado.

Fábio: [Com paixão] Nietzsche também dizia que devemos abraçar nossa condição humana e buscar superar nossas limitações. Minha busca pela verdade não é sobre encontrar respostas definitivas, Dolos. É sobre continuar perguntando, continuar lutando contra as trevas. E isso é algo que você nunca entenderá. (Nietzsche, 2007).

[Chegada dos Outros Personagens]

[Enquanto Dolos tenta argumentar, outros personagens começam a surgir no palco: Hermes, Mnemosyne e Céos até mesmo as personagens da peça “A Que Faz”. Eles formam um círculo ao redor de Fábio e Dolos.]

Hermes: [Ironizando] Parece que Dolos está sem saída, e está aqui confundindo a gente, porque Fábio, também somos você. O que faremos com ele? [Fábio, achando tudo muito confuso, murmura]

Fábio: [Murmurando baixo] Eu, eu sou todos eles. Sabia que eu ia ficar louco nessa dissertação.

Mnemosyne: [Com um tom enigmático, olha para Fábio achando graça] A memória nunca esquece, Dolos. Suas mentiras já foram registradas.

Fábio: [Olhando diretamente para Dolos] Você tentou distorcer a verdade, ou eu mesmo tentei [pausa com olhar confuso] confundir minha mente e sabotar minha pesquisa. Mas agora, com a ajuda de todos aqui, posso enfrentar meu maior medo: a dúvida. E é exatamente isso que me fortalece. Eu aceito a dúvida, eu aceito você, eu aceito meus medos, eu aceito que às vezes tenho dúvidas sobre muitas coisas, e que falar de ciência é difícil, pois cada um já tem suas crenças e isso é difícil de mudar, eu também sou imperfeito.

[Os personagens começam a entoar uma frase em uníssono, ecoando pelo teatro: “A verdade é frágil, mas resistente.”]

Fábio: [Segurando firme o detector de mentiras] Dolos, sua punição será lembrar-se de cada mentira que contou, e ser sempre questionado mesmo que você insista nelas. Você estará preso no labirinto de suas próprias palavras, e dentro da minha memória, mais preso e

enclausurado pelo meu ceticismo. [Aponta o detector para Dolos, que começa a tremer enquanto as luzes piscam freneticamente.]

[Um clarão intenso preenche o palco. Quando a luz diminui, Dolos desapareceu, deixando somente o espelho caído no chão e quebrado. Os personagens formam um círculo ao redor de Fábio, que respira, aliviado.]

[A voz de Dolos aos fundos, eu volto, eu sempre volto]

Céos: [Quebrando seu silêncio, direcionando a Fábio e ao público] O conhecimento é uma força que esclarece, democratiza e preserva a verdade, capacitando indivíduos e sociedades a resistirem à ignorância e à manipulação, ao mesmo tempo que promovem a justiça, a liberdade e o progresso (Caldas, 2010; Tilly, 2006; Rodrigues; Costa; Barros, 2021; Sagan, 2006; Harari, 2018).

Fábio: [Para o público, com determinação] A verdade não é fácil, mas é necessária. E o pensamento crítico é nossa maior defesa contra as ilusões. Que este seja nosso lema. (Sagan, 2006)

[As luzes diminuem lentamente. Fábio pega o espelho e o guarda, simbolizando sua reconciliação consigo mesmo. Os personagens saem do palco em silêncio, deixando somente Fábio sob uma luz suave.]

Fábio: [Sorrindo] A jornada continua... E eu estou pronto. [A luz se apaga completamente.]

[Não é o fim somente um novo começo]

NOTAS DO AUTOR – DISCUSSÃO 1: VISUALIDADE, FOTOGRAFIA E CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA NO TEATRO CIENTÍFICO

A escolha da fotografia como dispositivo central nesta dissertação não é acidental, ela emerge da própria natureza do teatro científico como prática visual e simbólica. Ao registrar a peça “A Que Faz”, percebo que a câmera não apenas documenta: ela interpreta, seleciona e reconstrói sentidos. Como argumenta Sontag (1977), toda fotografia é uma forma de intervir na realidade; no contexto do teatro científico, essa intervenção está comprometida com a comunicação de temas científicos ao público amplo. Kossoy (2001) compreende a fotografia como uma construção de sentido, marcada pelas escolhas do fotógrafo, como enquadramento, luz e instante, o que a afasta da ideia de um simples espelho da realidade.

Essa construção de sentido se articula diretamente com o que compreendo como visualidade do teatro científico. Visualidade não é apenas o que se vê, é um sistema de representação que organiza o olhar e produz significados culturalmente situados. Pavis (2005) compreende a encenação como um sistema complexo de signos, no qual elementos como luz, espaço, corpo, figurino, sonoridade e ritmo se organizam em uma dinâmica relacional que estrutura o espetáculo. Esses sistemas significantes interagem continuamente, formando uma linguagem cênica própria, cuja produção de sentido não depende exclusivamente do texto dramático, mas da articulação global da cena. Assim, a encenação opera como um dispositivo de significação que mobiliza diferentes níveis perceptivos, visuais, auditivos e sinestésicos, sendo no encontro entre esses elementos e a recepção do espectador que o sentido se constrói. Fischer-Lichte (2011), ao discutir a estética do performativo, aprofunda essa ideia ao afirmar que a visualidade teatral é co-construída entre cena e espectador, ativando camadas simbólicas que transcendem o verbal. É precisamente nessa gramática visual, cor, gesto, iluminação, figurino, que a peça “A Que Faz” inscreve sua discussão sobre ciência, gênero e sociedade. E é nessa mesma gramática que a fotografia intervém: ao fixar o instante cênico, ela captura esse sistema e o transpõe para outros circuitos de circulação e recepção.

A análise semiótica inspirada em Barthes (1984) mostrou-se um instrumento adequado para compreender como a linguagem visual da cena teatral produz sentidos. A partir das relações entre denotação, conotação e construção ideológica da imagem, torna-se possível perceber que elementos como a luz vermelha, os figurinos em azul e a gestualidade dos atores deixam de ser meramente estéticos para atuar como signos carregados de significação social e política, comunicando violência, opressão e resistência. Quando registrados fotograficamente, esses signos ultrapassam a efemeridade do palco: passam a circular, ser reinterpretados e

alcançar públicos que jamais assistiram presencialmente à peça. Nesse processo, a fotografia não apenas documenta a cena, mas prolonga sua potência simbólica e discursiva para além do espetáculo teatral.

Essa capacidade de circulação é, para mim, o núcleo da contribuição da fotografia para a divulgação científica. Bueno (2010) nos lembra que divulgar ciência é tornar o conhecimento acessível a públicos não especializados, utilizando linguagens capazes de mediar essa distância. A fotografia do teatro científico cumpre exatamente esse papel: traduz a cena em imagem, e a imagem em convite, ao espanto, à identificação, à pergunta se tornando também objeto a ser analisado. É por isso que, ao fotografar “A Que Faz”, entendo esse gesto não como registro técnico posterior à criação, mas como parte constitutiva do próprio ato de fazer ciência com arte.

Ao falar da construção estética do roteiro da peça *Além das Fronteiras: A Jornada de um Pesquisador em Arte e Ciência* evidencia que a linguagem visual e textual utilizada no teatro científico não é acidental, mas fruto de escolhas conscientes, simbólicas e estratégicas, aqui baseada em conceitos psicológicos como os de Jung (2016) e Heller (2013), e autores que sustentam a falas dos personagens. Ao mobilizar elementos como cenário, figurino, maquiagem e diálogos, construo uma narrativa que articula sensibilidade estética com conceitos científicos.

Cada personagem carrega, visual e simbolicamente, uma função epistemológica e afetiva. Hermes representa o conhecimento geográfico e a transição entre mundos; Mnemosyne simboliza a memória e o inconsciente; Céos corporifica o saber sistematizado e o pensamento científico; Dolos encarna a desinformação e o engano; enquanto Fábio expressa o pesquisador em travessia, mediador entre razão e emoção.

Essa estrutura se materializa visualmente por meio da maquiagem, cores, gestos e composição de cena. Para organizar a análise desses elementos, foi elaborada o seguinte quadro:

Quadro 6.1 – Linguagem visual e textual como mediação entre arte e ciência no teatro científico.

Elemento	Significado Simbólico	Contribuição à Divulgação científica
Hermes (figurino e maquiagem)	Caduceu, asas e cores remetem à geografia e à mobilidade do conhecimento	Representa a circulação entre saberes científicos e cotidianos
Mnemosyne (cores e traços)	Roxos, lilases e dourados evocam ancestralidade, memória e espiritualidade	Liga ciência à tradição, afetividade e subjetividade

Céos (detalhes e símbolos)	Rosa-dos-ventos, azul branco e dourado remetem à sabedoria e orientação racional	Simboliza a razão científica e o papel da ciência como farol
Fábio (blazer laranja e roxo)	Transição, metamorfose e pesquisa em movimento	Representa o sujeito epistêmico da ciência em diálogo com a arte
Dolos (ausência visual, disfarces) (Tons sombrios, preto cinza)	Representação do engano e da desinformação	Questiona a produção e circulação de fake news, esteriótipo da pseudociência
Cenário (casa e fotografias)	Representação do “lugar” e da construção do conhecimento em camadas	Cria um espaço híbrido de saberes e memórias
Diálogos	Articulação entre dados científicos e linguagem poética	Traduzem conteúdos complexos em narrativas afetivas

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

O teatro científico, como demonstrado, transforma elementos simbólicos em linguagem. O uso intencional da estética (cores, formas, símbolos) e da poética (falas, silêncios) permite a construção de sentidos que transcendem o verbal. Isso é evidência de que a linguagem visual e textual não é somente suporte da ciência, mas veículo e forma de mediação entre conhecimento e sensibilidade.

Essa construção consciente reforça o teatro como dispositivo de divulgação científica, ao ativar tanto a cognição quanto a emoção, tornando o conhecimento mais acessível.

NOTAS DO AUTOR – DISCUSSÃO 2

A integração entre arte e ciência na peça “A Que Faz” materializa-se por meio de estratégias semióticas articuladas no roteiro e na encenação. Os figurinos, maquiagem cenografia, transcendem a função estética: as cores (como o azul da personagem Mulher, associado à serenidade e profundidade científica) e formas (cachecóis que simbolizam saberes entrelaçados) ativam arquétipos junguianos, convertendo conceitos abstratos, como resiliência feminina na ciência, em linguagem sensível (Jung, 2016; Heller, 2013).

A cenografia, utiliza caixas de papelão e grafite para construir um “mapa afetivo” (Tuan, 1983). Essa escolha visual, explicitada nas rubricas, traduz questões socioambientais: a disposição espacial reflete a segregação urbana discutida na música “O Rio Invertido”, onde o palco vira microcosmo de injustiças territoriais, de uma cidade, representando visualmente os ambientes de grupos sociais marginalizados.

Os elementos textuais (diálogos e músicas) operam em sinergia com a visualidade. Na Cena 9 (“Vem pelo ar”), a letra “O vento traz o pó que não se vê / E a gente respira o que não quer” conjuga poesia e denúncia científica sobre agrotóxicos, enquanto gestos performáticos (máscaras) amplificam a mensagem. Essa simbiose confirma o teatro como “ritual de inversão” (Turner, 1974), onde vozes marginalizadas (como a cientista que declara “Eu sou a que faz!”) ressignificam hierarquias do conhecimento.

A peça “A Que Faz” expressa a interação entre arte e ciência sofisticadamente, ao transpor dados reais sobre trajetórias de mulheres cientistas para uma encenação sensível e crítica. Essa transposição, embora parcialmente intuitiva, revela uma intencionalidade artística na representação simbólica de arquétipos femininos, como a heroína, a sábia, a ancestral, mesmo sem referência explícita por parte dos criadores aos fundamentos de Jung ou Heller.

Para enriquecer a narrativa de “A Que Faz”, a inserção de uma figura feminina que atue como “sombra”, expondo as contradições daquelas que, ao negarem o machismo estrutural e a misoginia, tornam-se espelhos de um comportamento a não ser seguido. Essa personagem serviria como um contraponto necessário para gerar identificação e reflexão crítica sobre a reprodução de opressões, ao mesmo tempo em que a obra poderia apresentar uma figura masculina que rompa com os clichês da “machoesfera”, representando um aliado ético e correto diante das tensões de gênero encenadas.

Surge aqui, algumas lacunas, como entrevistar os participantes para afirmar a intencionalidade dos participantes na produção estética, além de outras, organizadas no quadro 6.2 a seguir.

Quadro 6.2 – Lacunas da pesquisa e propostas para estudos futuros

Lacuna identificada	Proposta de pesquisa futura
Ausência de entrevistas com os criadores da peça “A Que Faz”	Realizar entrevistas semiestruturadas com roteiristas, diretoras/es e atrizes/atores envolvidos na criação
Falta de dados sobre a intencionalidade estética e simbólica na concepção do figurino e cenografia	Desenvolver oficinas de escuta e análise simbólica colaborativa com o grupo criativo da peça
Interpretação intuitiva dos arquétipos junguianos sem confirmação dos autores	Investigar, por meio de rodas de conversa, se e como os criadores reconhecem ou incorporam essas referências
Limitação da análise ao olhar do pesquisador-observador	Incluir, em pesquisas posteriores, o ponto de vista dos participantes (atores, técnicos, público) sobre a encenação, apesar de eu mesmo ser autor do roteiro da peça que analisa a outra peça, a uma necessidade de se pôr em prática.
Foco na linguagem visual e textual sem explorar o impacto da peça no público espectador	Aplicar questionários ou entrevistas com o público para avaliar a recepção e os efeitos da peça como divulgação científica
Ausência de comparação com outras produções de teatro científico	Estudo comparativo entre “A Que Faz” e outras peças do mesmo gênero em contextos distintos

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

A presente pesquisa buscou compreender como a linguagem visual no teatro científico pode expressar a relação entre arte e ciência, contribuindo para a divulgação científica de forma sensível, estética e acessível. Ao longo da investigação, foi possível identificar lacunas importantes na literatura, como a escassez de análises focadas na visualidade da cena em peças sobre ciência e a ausência de estudos que valorizem o processo de criação teatral sob a perspectiva dos participantes.

Com base nos dados analisados, esta dissertação apresenta não somente reflexões teóricas e interpretações simbólicas, mas também propostas metodológicas, estéticas e políticas que visam fortalecer o teatro científico como uma prática potente de educação e popularização da ciência. As contribuições deste trabalho podem ser úteis a diferentes públicos, da academia às salas de aula, dos palcos aos projetos sociais, e produções visuais como, séries fotográficas, quadrinhos e outras produções visuais que se propõem a divulgar ciência.

O Quadro a seguir sintetiza essas contribuições, relacionando-as com as lacunas preenchidas e os públicos que podem se beneficiar da pesquisa:

Quadro 6.3 – Contribuições da pesquisa

Contribuição da Pesquisa	Lacuna que Preenche	Para quem esta pesquisa serve
Compreensão da linguagem visual como instrumento de divulgação científica	Ausência de estudos que analisem cenografia, maquiagem, figurino e cores no teatro científico	Pesquisadores em divulgação científica, artistas e professores interessados em novas metodologias
Articulação entre arte e ciência para ampliar o acesso ao conhecimento	Escassez de estudos que abordem essa integração de forma aplicada, estética e crítica	Professores de ciências, arte-educadores, divulgadores científicos
Valorização do processo criativo no teatro científico	Falta de investigações do ponto de vista dos participantes na criação das peças	Grupos teatrais, diretores, roteiristas e coordenadores de projetos interdisciplinares
Proposição de uma dissertação em formato híbrido, com estrutura narrativa dramatúrgica	Pouca produção acadêmica que utilize linguagem artística como forma de construção teórica e metodológica	Pós-graduandos, pesquisadores da área de educação e linguagem
Inclusão de temáticas de gênero, memória e subjetividade como parte da construção do saber	Invisibilização das experiências femininas e queer na ciência e na arte	Movimentos sociais, educadores críticos, militantes da inclusão e diversidade
Reflexão crítica sobre o ensino de ciências em tempos de negacionismo e desinformação	Carência de práticas educativas que confrontam o negacionismo com linguagem sensível e acessível	Educadores da educação básica e superior, formadores de professores
Fortalecimento do teatro científico como prática de educação científica	Pouca valorização do teatro como ferramenta pedagógica em contextos formais e não formais	Instituições de ensino, grupos de pesquisa e políticas públicas de educação e cultura

Fonte: Fábio Vicente da Silva Santos (2025).

Em síntese, as contribuições apresentadas na Quadro 6.3 demonstram que esta pesquisa amplia o campo do teatro científico ao integrar linguagem visual, processos criativos e reflexão crítica sobre ciência, educação e cultura. Ao preencher lacunas teóricas e metodológicas, o estudo fortalece o teatro como prática legítima de divulgação e educação científica, dialogando com pesquisadores, educadores e artistas. Dessa forma, reafirma-se o potencial do teatro científico como espaço de produção de conhecimento sensível, crítico e socialmente comprometido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender como a linguagem visual no teatro científico expressa a relação entre arte e ciência e contribui para a divulgação científica, tendo como foco a peça “A Que Faz”, do Grupo de Teatro Científico da UEPG. Por meio de uma análise semiótica dos elementos visuais, como cenografia, figurino, maquiagem e iluminação, em diálogo com os elementos textuais, identificou-se que o teatro científico potencializa a popularização da ciência ao integrar emoção, estética e conhecimento.

Os resultados apontam que a linguagem visual no teatro científico transcende o papel estético: ela comunica conceitos científicos de forma sensível e acessível, ao mesmo tempo, em que provoca reflexão crítica sobre temas como gênero, justiça ambiental e direito ao conhecimento. As metáforas visuais e a narrativa poética evidenciaram o potencial do teatro como prática educativa e de resistência em tempos de desinformação e negacionismo.

As hipóteses formuladas nesta pesquisa previam que a análise dos elementos visuais e textuais do teatro científico revelaria a combinação de signos artísticos e científicos, criando uma ponte simbólica entre arte e ciência, e que essa integração seria realizada por meio de estratégias como metáforas visuais, narrativas emocionais e dinâmicas performáticas.

Os resultados confirmaram essas hipóteses: os elementos visuais da peça “A Que Faz”, cenografia, figurino, maquiagem, iluminação, articularam-se com textos, músicas e narrativas de modo a expressar conceitos científicos em linguagem sensível, crítica e humanizada. As estratégias identificadas reforçam o papel do teatro científico como ferramenta de divulgação científica acessível e como prática educativa que amplia a reflexão social e cultural sobre ciência.

Reconhece-se como limitação a ausência de entrevistas com os criadores da peça e a análise da recepção do público, abrindo possibilidades para estudos futuros que aprofundem o impacto do teatro científico em diferentes audiências. A dissertação reafirma a necessidade de democratizar o conhecimento e de fortalecer práticas interdisciplinares que unam arte, ciência e educação na construção de uma ciência mais crítica, inclusiva e humanizada.

REFERÊNCIAS

- AFFINE, C. L.; VERONEZZI, F. O negacionismo científico contra a vacinação em tempos de pandemia: uma perspectiva geográfica. **Geografia**, v. 48, n. 1, p. 1–27, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1745>. Acesso em: 5 maio 2026.
- ALMEIDA, C.; HAMILTON, W. O teatro no contexto da divulgação científica: muito praticado, pouco compreendido. **Revista Poiésis**, v. 24, n. 41, p. 117–118, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/poiesis.v24i41.59030>. Acesso em: 5 maio 2026.
- ARGON, A.; GONÇALVES, P. Ideologia e polarização política no Brasil: origens, causas e consequências. **Humanidades em Perspectivas**, v. 4, n. 8, p. 107–120, 2022. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revista-humanidades/index.php/revista-humanidades/article/view/157>. Acesso em: 5 de maio. 2026.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 1977.
- BARTHES, R. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERNARDES, A. Milton Santos: Os conceitos geográficos e suas concepções. **Revista Formação**, v. 27, n. 50, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/6564>. Acesso em: 5 de maio 2026.
- BEZERRA, R. S.; NUNES, A. O.; ALVES, L. A. O teatro científico: uma ferramenta interdisciplinar. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, v. 4, n. 10, p. 140–151, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21920/recei72018410140151>. Acesso em: 5 maio 2026.
- BOHM, D. **Sobre a criatividade**. Tradução de Rita de Cássia Gomes. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- BOLEN, J. S. **As deusas em cada mulher: uma nova psicologia do feminino**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BRECHT, B. **Estudos sobre teatro**. Tradução de Fiamma Pais Brandão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 1 esp., p. 1–12, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1espp1>. Acesso em: 20 maio 2026.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDAS, G. Divulgação científica e relações de poder. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1 esp., p. 31–42, 2010. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5583>. Acesso em: 25 abr. 2024.

CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S.; GHELLI, K. G. M. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 26 maio 2024.

COMPARATO, F. Capitalismo: civilização e poder. **Estudos Avançados**, v. 25, n. 72, p. 251–276, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/6rdn6gfNjWGcwjBVcFszSWh/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

CONQUERGOOD, D. Rethinking ethnography: towards a critical cultural politics. **Communication Monographs**, v. 58, n. 2, p. 179–194, 1991.

DENZIN, Norman K. Performing [auto] ethnography politically. **The Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies**, v. 25, n. 3, p. 257–278, 2003.

DIAS, L. C. O teatro e a cidade: notas sobre uma origem comum. **Revista Artefilosofia**, v. 7, n. 12, p. 48–61, jul. 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/578>. Acesso em: 5 dez. 2024.

EMERENCIANO, J. A comunicação através das roupas: uma compreensão do design de moda além da superficialidade. **Revista Design em Foco**, v. 2, n. 1, p. 9–25, 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=66120102>. Acesso em: 5 mar. 2025.

FERNANDES, H. M. M. As novas guerras: o desafio da guerra híbrida. **Revista de Ciências Militares**, v. 4, 2016. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/36182>. Acesso em: 10 maio 2024.

FISCHER-LICHTE, E. **La estética de lo performativo**. Madrid: Abada Editores, 2011.

FREIRE, L. I. F.; SANTOS, F. V. S. "A que faz": análise do potencial de divulgação científica na peça teatral. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 15., 2025, Belém. **Anais [...]**. Belém: ABRAPEC/UFPA, 2025. Disponível em: <https://enpec.abrapec.com/anais/enpec2025/trabalhos>. Acesso em: 12 maio 2026.

FREIRE, L. I. F.; SANTOS, F. V. S.; GUIMARÃES, R. S.; CHAGAS, J. Q. O trabalho de uma pesquisadora em química apresentado em uma cena de teatro científico. **Educação Pública: Divulgação Científica e Ensino de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 1-19, maio 2026. Fundação Cecierj. Disponível em: <https://doi.org/10.18264/repdcec.v5i2.476>. Acesso em: 2 jun. 2026.

GENOVEZ, P. F.; SOUZA, G. M. de. Aproximações entre Gaia e Dionísio: os estudos territoriais numa abordagem interdisciplinar. **Revista Geografia em Atos**, v. 4, n. 11, p. 100–124, 2019. DOI: 10.35416/geoatos.v04i11.6332. Disponível em: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v04i11.6332>. Acesso em: 20 fev. 2025.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20 - 29, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>. Acesso em 20 jan. 2025.

GRAVES, R. **A deusa branca**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARARI, Y. N. **Nexus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 19. ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HELLER, E. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

IANNI, O. Variações sobre arte e ciência. **Tempo Social**, v. 16, n. 1, p. 7–23, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702004000100001>. Acesso em: 21 mar. 2024.

IRWIN, R. L.; SPRINGGAY, S. A/r/tography as practice-based research. In: SPRINGGAY, S.; IRWIN, R. L.; LEGGO, C.; GOUZOUASIS, P. (org.). **Being with a/r/tography**. Rotterdam: Sense Publishers, 2008. p. xix–xxxiii.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2016.

KANDINSKY, W. **Do espiritual na arte: e na pintura em particular**. Tradução de Álvaro Cabral e Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LOPES, J. N. D. Geografia das cores: entre o sol e a percepção. **Geografia em Questão**, v. 17, n. 2, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.48075/geoq.v17i02.29574>. Acesso em: 26 jun. 2025.

LOPES, T. Luz, arte, ciência... ação!. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, p. 401–418, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/JMkkYbkXgdDQWPd8zfLbTZg/>. Acesso em: 20 maio 2024.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATE, A. **Evolução do teatro medieval**. São Paulo: Laboratório-Portal Teatro Sem Cortinas, 2023. Disponível em: <https://www.ia.unesp.br/Home/teatrosemcortinas/glossarioteatral/medieval-1.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2024.

MIGUEL, J. C. H. A “meada” do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 37, p. 293–315, 2022.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wCDHY4RdNWSBZC5m6Q7fpBx/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2024.

MOREIRA, L. M.; MARANDINO, M. Teatro de temática científica: conceituação, conflitos, papel pedagógico e contexto brasileiro. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 21, n. 2, p. 511–523, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/YyB6W5VrMT4qMfG9YGryXrB/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

MOREIRA, L. M.; MARANDINO, M. O teatro em museus e centros de ciências no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, supl., p. 1735–1748, dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000500011>. Acesso em: 28 abr. 2026.

MOSLEY, M.; LYNCH, J. **Uma história da ciência: experiência, poder e paixão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MUELLER, S. P. M.; CARIBÉ, R. C. V. Comunicação científica para o público leigo: breve histórico. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. esp., p. 13–30, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15nesp.p13>. Acesso em: 5 dez. 2024.

NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral**. Tradução de Fernando de Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

OLIVEIRA, R. C. de; LIMA, J. de C. P.; GOMES, R. F. Machismo e discurso de ódio nas redes sociais: uma análise das "opiniões" sobre a violência sexual contra as mulheres. **Revista Feminismos**, v. 6, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revbaianaenferm.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30363>. Acesso em: 17 jun. 2026.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAVIS, P. **A análise dos espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PELIAS, R. J. Performative writing as scholarship: an apology, an argument, an anecdote. In: ANNUAL MEETING OF THE NATIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION, 1998, New York. **Anais [...]**. New York: National Communication Association, 1998. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED427314.pdf>. Acesso em: 11 maio 2026.

PEREIRA, C. A cor como signo: fundamentos para uma abordagem semiótica. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 6–20, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.35522/eed.v31i1.1574>. Acesso em: 26 mar. 2025.

PILATI, R. **Ciência e pseudociência: por que acreditamos naquilo em que queremos acreditar**. São Paulo: Contexto, 2018.

REGNER, A. C. K. P. Feyerabend e o pluralismo metodológico. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, v. 13, n. 3, p. 231–247, dez. 1996. Disponível em: <https://11nq.com/0SksZ>. Acesso em: 22 nov. 2023.

RODRIGUES, A. S.; COSTA, F. L. P.; BARROS, M. D. M. Uso da divulgação científica para enfrentamento das fake news relacionado à COVID-19. **e-Mosaicos**, v. 10, n. 25, p. 102–115, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/52816>. Acesso em: 10 abr. 2024.

RODRIGUES, R. M. **Pesquisa acadêmica**: como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2007.

ROHR, E.; TELES, D. R. S. Arte e ciência: algumas aproximações. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 24, p. e12761, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/rbept.2024.12761>. Acesso em: 23 set. 2024.

ROSA, W. **Artes cênicas**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2019.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SALVADOR, D. S. A geografia e o método dialético. **Sociedade e Território**, Natal, v. 24, n. 1, p. 97–114, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/3466/2779>. Acesso em: 20 maio 2024.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. 103. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SANTOS, F. V. S.; FREIRE, L. I. F.; CHAGAS, J. Q. Análise das questões socioambientais na música “O Rio Invertido” da peça “A que faz”. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 19, n. 7, p. 246–254, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/revbea.2024.v19.19103>. Acesso em: 27 maio 2024.

SANTOS, F. V. S.; FREIRE, L. I. F. A mulher e a ciência: uma análise dos temas de gênero da peça “A que faz”. **Revista Educação Pública: Divulgação Científica e Ensino de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 5, n1, 2025. Fundação Cecierj. Disponível em: <https://doi.org/10.18264/repdcec.v5i1.423>. Acesso em: 12 maio 2026.

SANTOS, F. V. S.; FREIRE, L. I. F. Impactos da exposição a defensivos agrícolas: uma análise dialética de cena da peça teatral “A que faz”. **Educação Pública: Divulgação Científica e Ensino de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, maio 2026. Fundação Cecierj. Disponível em: <https://doi.org/10.18264/repdcec.v5i3.439>. Acesso em: 2 jun. 2026.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SILVA, C. D. D.; MOREIRA, D. B. D. S.; SANTOS, D. B. O uso do teatro no ensino de ciências: uma análise a partir dos anais do Congresso Nacional de Educação (CONEDU). In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2022, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/94783>. Acesso em: 9 dez. 2024

SONEGO, M. J. F. A fotografia como fonte histórica. **Históriae**, v. 1, n. 2, p. 113–120, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2366>. Acesso em: 1 abr. 2025.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

SOUSA, P. M. G. **O teatro do mundo e o teatro de Deus: uma perspectiva histórica e teológica da arte teatral**. 2017. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2017.

SOUZA, G. M.; SITKO, C. M. Elaboração de um passo a passo para a criação de peças de teatro científico. In: SIMPÓSIO SUL-AMERICANO DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS, 1., 2020, Cerro Largo. **Anais [...]**. Cerro Largo: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2020. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/SSAPEC/article/view/14525>. Acesso em: 9 dez. 2024.

TABOSA, A. S. **A perda do conceito original de arte**. [S. l.]: Oficina Cinema-História, 2005. 7 p.

TILLY, C. O acesso desigual ao conhecimento científico. **Tempo Social**, v. 18, p. 47–63, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/dnYSh34RjpLPc9CQ77BSyLr/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2015.

TURNER, V. W. **O processo ritual**. Tradução de Nancy Campi de Castro. 7. ed. São Paulo: Vozes, 1974.

UCHOA, A. G. F.; GODOI, C. K. Metodologias Qualitativas de Análise de Imagens: origem, historicidade, diferentes abordagens e técnicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 4., 2016, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: ANPAD, 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/233>. Acesso em: 2 jun. 2026.

VOGT, C.; MORALES, A. P. Espiral, cultura e cultura científica. **ComCiência**, Campinas, 5 set. 2017. Disponível em: <https://www.comciencia.br/espisal-cultura-e-cultura-cientifica/>. Acesso em: 12 maio 2026.

APÊNDICE A – TEXTO DA PEÇA “A QUE FAZ”

A QUE FAZ

Roteiro para teatro musical, escrito em agosto e setembro de 2023

Grupo de Teatro Científico da UEPG (GTC-UEPG)

Autores:

Leila Inês Follmann Freire

Jocemar de Quadros Chagas

Sinopse

A que faz nos propõe uma sensível imersão na saga de mulheres, protagonistas de ciclos que, em vez de se repetir, se modificam. Alguns ciclos se modificam na memória, resignificando uma existência; outros se modificam pela ação intencional e aquilo que dela resulta, redesenhando trajetórias. O produto final é uma conexão com os caminhos abertos, fechados, trilhados e retrilhados. Afinal, o que faz uma mulher, cientista?

**“A vida não é a que a gente viveu e
sim a que a gente recorda, e como
recorda para contá-la”.**

Gabriel Garcia Marques

CENA ZERO – APRESENTAÇÃO

Uma cadeira no meio do palco, iluminada.

A MENINA entra e se senta.

As pessoas da orquestra minimalista entram. Sentam-se. Aguardam. Tocam.

Música: A que faz

Aí vem a menina, a menina que faz

Aí vem a mulher, a mulher que faz, ÊÊÊ

Aí vem a mãe, a filha e a avó,

Aí vem a irmã, a prima e a tia,

Aí vem a vizinha e a desconhecida,

Aí vem, aí vem a que faz, ÊÊÊ

Aí vem a que faz do mundo mais mundo

Dos dias mais dias, da vida mais vida, do amor mais amor

Aí vem a que faz o mundo mais justo
 Os dias alegres, a vida mais leve, o amor mais real, ÊÊÊ
 Aí vem a menina, a menina que faz
 Aí vem a mulher, a mulher que faz, ÊÊÊ
 Aí vem a que traz pro mundo mais dias
 Pros dias mais vida, pra vida o amor, o amor para o mundo
 Por um mundo melhor, aí vem a que faz
 Aí vem a menina, a menina que faz
 Aí vem a mulher, a mulher que faz
 Aí vem a menina, a menina que faz
 Aí vem a mulher, a mulher que faz
 Por um mundo melhor, aí vem a que faz
 Por um mundo melhor, aí vem a que faz, ÊÊÊ
 Dança. Ao final da música, fica no palco a SENHORA, ao lado da MENINA.

CENA 1 – NO QUE ESTÁ PENSANDO?

SENHORA – Posso saber no que está pensando?

MENINA – É tão grande o meu não saber o que fazer...

SENHORA – Quer me falar sobre isso? Eu tenho tempo, e paciência para ouvir.

MENINA – Pode ser. Por onde começo?

SENHORA – Começar pelo início é uma boa alternativa.

CENA 2 – NÓS SOMOS O GTC

NARRADOR 1 – Bom dia! Nós somos o Grupo de Teatro Científico da UEPG.

NARRADOR 2 – Como um grupo de teatro, hoje apresentaremos a vocês uma peça de teatro. Uma característica do teatro é a sua efemeridade. O teatro acontece no tempo presente, e necessita da interação instantânea entre atores (TODOS) Nós; e público (TODOS) Vocês.

NARRADOR 3 – Com um grupo de teatro científico, é de se esperar que contássemos uma história sobre ciência. Mas hoje vamos tomar a liberdade de tentar adentrar o campo da poesia e da abstração.

NARRADOR 1 – Mas vamos precisar de sua contribuição. Por alguns instantes esqueça os problemas, o trabalho, o trânsito, o chefe, esqueça... e venha conosco para uma viagem pela memória e pelas expectativas de uma mulher.

NARRADOR 2 – Mas não perca tempo tentando identificar quem é essa mulher, adiantamos que ela é totalmente inventada.

NARRADOR 3 – E atenção: esta é uma obra artística. Qualquer semelhança com a vida real NÃO será mera coincidência.

NARRADOR 1 – Vamos contar uma história inventada, totalmente hipotética, que se passa em uma cidade fictícia de nome NÃO É AQUI.

Pedaço da Música: A que faz

Aí vem a menina, a menina que faz

Aí vem a mulher, a mulher que faz

Aí vem a menina, a menina que faz

Aí vem a mulher, a mulher que faz

3

Por um mundo melhor, aí vem a que faz

Por um mundo melhor, aí vem a que faz

Dança.

CENA 3 – MEU TEMPO É OUTRO

MENINA – Ontem uma mulher foi na minha escola. E eu fiquei pensando no que ela falou. Não quero só passar pela vida, fazendo o que os outros esperam que eu faça. Eu quero viver. Eu quero fazer o que eu quiser.

SENHORA – E você pode, minha jovem.

MENINA – Foi assim com você? Você conseguiu fazer o que queria?

SENHORA – Mais ou menos. Eu posso contar como foi comigo. Mas já aviso que meu tempo é outro...

CENA 4 – O TEMPO

NARRADOR 1 – O tempo. Está aí o primeiro conceito científico do qual vamos falar.

Música: O tempo

MENINA – O tempo?

Eu sou aquele que anda pra frente (que anda pra frente)

MENINA – O tempo?

Aquele que não retrocede (que não retrocede)

MENINA – O tempo?

O tempo marcado no relógio (no relógio)

O tempo marcado no calendário (no calendário)

Marcado no rosto no corpo, o tempo!

MENINA – O tempo?

A seta irreversível do tempo

MENINA – O tempo?

A quarta das dimensões

MENINA – O tempo?

A quantidade física fundamental

Pra medir e sequenciar eventos

Pra quantificar taxas de mudança? Ééé, O tempo!

MENINA – O tempo?

O tempo da religião, filosofia e ciência-a

MENINA – O tempo?

O tempo da coleta no experimento.

O tempo na métrica da poesia.

ALGUÉM – Em seis minutos se cozinha um ovo.

O tempo!

MENINA – Um segundo!

Aaa frequência de transição eletrônica dos átomos do cézio

O tempo!

“Time is Money!”

MENINA – Mas por que o tempo?

NARRADOR 1 – Porque avanços nas investigações teóricas e experimentais do espaço-tempo demonstram que o tempo pode ser distorcido e dilatado, particularmente

nas bordas dos buracos negros.

NARRADOR 2 – Além disso, a relatividade geral é a estrutura primária para entender como o espaço-tempo funciona.

NARRADOR 3 – Sim. A relatividade geral explica por que o tempo observado de um evento pode ser diferente para diferentes observadores.

NARRADOR 1 – Mas nós conhecemos outro lugar, muito mais acessível que a borda de um buraco negro, que também pode distorcer e dilatar o tempo.

MENINA – E onde é esse lugar?

NARRADOR 2 – A nossa própria memória!

NARRADOR 3 – Tens agora uma escolha a fazer, criança.

NARRADOR 1 – Qual você quer seguir? Que escolha você faz?

NARRADOR 2 – O tempo que nunca volta pra trás?

NARRADOR 3 – Ou a memória, que nos permite ressignificar experiências?

MENINA – Eu preciso escolher?

NARRADORES 1, 2 E 3 – Precisa, criança.

MENINA – Eu preciso de tempo, Mas eu quero a memória!

NARRADOR 1 – Que seja então, como você quer, criança.

NARRADOR 2 – Sente-se, vai começar.

NARRADOR 3 – Seja bem-vinda, abra os ouvidos, e aproveite a vista.

CENA 5 – EU ANDO NESTE LUGAR

Cena com voz central (atriz principal) e vozes de eco (corpo de baile vendado) que não fazem a mesma movimentação da atriz, indicando que as pessoas andam e veem o lugar de outros pontos de vista. Ênfase nas palavras sublinhadas. Enquanto todos se movimentam num plano/direção, atriz se movimenta noutro.

SENHORA – Eu ando neste lugar

TODOS – Eu ando neste lugar

SENHORA – É assim que eu ando neste lugar

TODOS – É assim que eu ando neste lugar

SENHORA – É assim que se anda neste lugar

TODOS – É assim que se anda neste lugar
 Congela cena de movimentação e somente a senhora vai descongelando as pessoas da movimentação e tirando suas vendas. Após serem ‘libertas’ elas dançam com seus lenços (vendas).

Música: É

É, assim foi que se deu
 Num passado já distante
 Em que eu soube aonde ir
 Assim, assim foi que eu fiz
 Na certeza o tempo todo
 Que aquilo era pra mim
 Éé-é-é-éé, e agora estou aqui
 Eu corri todo esse mundo
 Só tentando compreender
 E agora, e agora pra você-ê
 Tenho algo a lhe dizer
 Das lições que eu aprendi
 Éé-é-é-éé, um conselho vou lhe dar
 Se você quer estudar
 Aprenda a perguntar

Ao final da dança todos se posicionam de joelhos, interrogando a menina, numa linha diagonal, paralela à banda.

CENA 6 – PREMISSAS

MENINA – Perguntar? Como assim?

SENHORA – As pessoas pensam que são as respostas que importam.

MENINA – E não são?

SENHORA – As respostas são importantes... porque nos dão segurança. Mas as respostas podem estar erradas.

MENINA – Não. Se são respostas, como vão estar erradas?

SENHORA – É simples. As respostas sempre dependem das premissas.

MENINA – Como assim?

SENHORA – Pequena aula de revisão de matemática: Por dois pontos dados podem passar quantas retas?

MENINA – Pergunta fácil. Uma só.

SENHORA – A sua resposta está certa. Mas também pode estar errada.

MENINA – Como pode uma resposta estar certa e errada, ao mesmo tempo?

Pessoas da movimentação, sentados, se voltam para a banda e dançam com a cabeça durante a próxima música. Respondem as partes da música que estão sublinhadas.

Música: Mude um axioma
 Na matemática, dois mais dois são quatro
 Isso não se discute E ponto final
 Na matemática, tudo se deduz
 E mudando as bases, terá outro final
 Na geometria Euclidiana plana
 Por dois pontos, passa só uma reta
 Terá outra geometria mudando um axioma
 Por dois pontos passam infinitas retas
 ... distintas!

MENINA – Desculpe, mas a matemática é difícil... eu ainda não entendi. Dá pra repetir?

TODOS (pessoas sentadas, como alunos perguntando, com sobreposição de vozes) -

Dá para repetir? Não entendi. Como assim?

SENHORA – Pequena aula de revisão de geografia. Pense no pólo sul e no pólo norte do planeta Terra, que tem o formato quase esférico. Quantos meridianos passam por esses dois pontos?

MENINA – Infinitos?

SENHORA – Sim. E na geometria esférica, todos os meridianos são retas.

MENINA – Mas se as respostas podem não ser confiáveis, o que devemos procurar?

SENHORA – As perguntas.

MENINA – As perguntas?

SENHORA – Sim. O que faz a ciência avançar são as perguntas bem elaboradas.

MENINA – Poderia me dar algum exemplo?

SENHORA – Claro. Sei que você costuma passear por nossa cidade de NÃO É AQUI.

MENINA – Sim. Nossa cidade de NÃO É AQUI é muito bonita.

SENHORA – Você conseguiria fazer perguntas sobre o que vê na cidade?

MENINA – Acho que sim.

SENHORA - E sobre o que não vê, você conseguiria fazer perguntas?

MENINA – Acho que não. Que perguntas eu poderia fazer sobre o que eu não vejo?

Música: O Rio invertido

Por que no alto só mora gente rica?

Por que pra baixo não desce o asfalto?

Por que o postal só mostra a parte linda?

Por que a vila não se enxerga lá do alto?

Por quê?

Por que se faz essa média desse jeito?

Por que contar o riqueza com povão?

Por que um rio o condomínio valoriza?

Por que pra lá o rio traz destruição?

Por quê?

(muda melodia) Por que essa letra que eu estou cantando?

É, é, é, é, pra inventar uma verdade

Que nesta cidade não tem desigualdade

Que nesta cidade não tem desigualdade

Que nesta cidade não tem desigualdade

Que nesta cidade não tem desigualdade!

Pedaço da música: É

É, um conselho vou lhe dar

Se você quer estudar

Aprenda a perguntar

CENA 7 E CENA 8 – DOIS DIÁLOGOS

Nesta cena, ocorrem dois diálogos simultâneos, com um complementando o outro.

MENINA – Entendi. E você pesquisou muito sobre isso?

SENHORA – Pesquisei sobre muitas coisas.

MENINA – E como sabia que valia a pena pesquisar cada uma dessas coisas?

SENHORA – Essa é uma pergunta bem difícil.

MULHER – Você está aprendendo, estou orgulhosa. Eu tenho uma resposta que me serve para esta sua pergunta, talvez você também fique contente com ela.

APRENDIZ – E qual é essa resposta?

MULHER – Se algo te incomoda, te deixa inquieta, vale a pena pesquisar sobre.

APRENDIZ – Muitas coisas me deixam inquieta.

MULHER – Você pode começar prestando atenção nisso que sua intuição diz.

MENINA – Poderia falar sobre uma das coisas que a senhora pesquisou?

SENHORA – Claro. Você gosta de plantas?

MENINA – Sim. Eu acho as flores lindas.

SENHORA – Eu pesquisei algumas plantas que dão grãos que a gente come. Arroz, feijão, trigo...

MENINA – Pesquisou mesmo?

SENHORA – Sim. Eu estava preocupada com a quantidade cada vez maior de veneno que estava sendo usado.

MENINA – Botam veneno na nossa comida? Não vou mais querer comer nada.

SENHORA – Desculpe, eu falei no popular, esta palavra não é apropriada. São agrotóxicos. Ou melhor, defensivos agrícolas.

MENINA – Mas isso não faz mal para as pessoas?

MULHER – Apenas no longo prazo se consegue verificar os malefícios do consumo de alimentos com agrotóxicos, bem como os benefícios de uma alimentação baseada em alimentos orgânicos.

APRENDIZ – Eu já acho difícil porque o alimento orgânico é mais caro...

MULHER – Isto também é verdade. No mercado, produtos orgânicos são mais caros.

Mas ao longo prazo, e em uma visão global, o investimento compensa. Falando em bom

popularês, o barato sai caro. Sabe por quê?

SENHORA – Há alguns anos eu participei de uma pesquisa sobre intoxicação por exposição a defensivos agrícolas.

MENINA – Na comida?

SENHORA – Não. Gostaria de ter pesquisado isso, mas não tive essa oportunidade. Não ganhei financiamento.

APRENDIZ – Por quê?

CENA 9 – VEM PELO AR

MULHER – Essa é uma longa história. Eu pesquisei o adoecimento de crianças pela exposição ao defensivo agrícola que era levado pelo vento até a escola em que elas estudavam.

Música: Vem pelo ar

A cidade de NÃO É AQUI

Cresceu muito nos últimos tempos (braço direito esticado e mão pulsando)

As pessoas foram morar mais longe do centro

A cidade de NÃO É AQUI

Constrói escolas e ambulatorios (braço esquerdo esticado e mão pulsando)

Pra atender as pessoas que vão morar longe

Quando as fazendas pulverizam as plantações (avião rodando)

O vento traz uma parte daquele pó (trazer pó ao nariz com a mão)

Sobre as casas e as escolas (perna direita pulsando na lateral)

Que ficam perto das plantações (perna esquerda pulsando na lateral)

E as pessoas respiram o ar contaminado

E o povo de NÃO É AQUI (dois braços abertos com mão alta a frente)

Que foi morar nessas regiões

Tem mais casos de doenças respiratórias (virar para frente usando oxigênio)

Tem mais casos de doenças respiratórias (virar para frente usando

oxigênio)

Tem mais casos de doenças respiratórias (virar para frente usando
oxigênio)

MENINA – Que horror. Soltam agrotóxicos nas escolas?

SENHORA – Claro que não. Pulverizam defensivos agrícolas nas lavouras.

MENINA – Ah, bom. Ninguém seria tão ruim a ponto de jogar nas escolas. Ou seria?

CENA 10 – NAS PEQUENAS COISAS

MULHER – A resposta a esta pergunta é delicada.

APRENDIZ – Sim. É meio constrangedor.

MULHER – Me sinto aliviada ao perceber que situações injustas despertam sua inquietação.

APRENDIZ – Eu gostaria que você me ajudasse a decidir o que eu posso pesquisar na minha iniciação científica. O que eu poderia pesquisar com plantas?

MULHER – Uma questão interessante é tentar identificar micro-organismos naturais que possam fazer plantas mais resistentes. Pra suportar períodos maiores de seca, por exemplo.

APRENDIZ – E como se faz isso?

Música: Nas pequenas coisas

No pó da terra existem

Coisas que os olhos não veem

Sequer enxergam sozinhos

Segredos que o micro contém

Em uma pequena escala

A vida também se apresenta

No orvalho sobre uma planta

Na água e na brisa do ar

Para quem quiser perceber

É só com cuidado olhar

MULHER – Sob as lentes de um microscópio

Coloque uma gota d'água
 Segredos bem escondidos
 APRENDIZ – Começam então se mostrar
 Ciência bela revela
 O mundo oculto que há
 E pra fazer descobertas
 É necessário pensar
 Pra quem quiser perceber
 É só com cuidado olhar

MULHER – Micróbios e bactérias
 Que agem pro bem e pro mal
 APRENDIZ – Podemos usar tais belezas
 Que a natureza nos dá?
 Talvez servirão a contento
 Pras plantas multiplicar
 Ajudar no seu crescimento
 Talvez uma peste enfrentar
 Crescer com pouca água
 E ainda assim prosperar
 Trazendo bons nutrientes
 Que não vão nos envenenar
 Para quem quiser perceber
 É só com cuidado olhar

MULHER – Quem sabe até consigamos descobrir uma nova bactéria. Já pensou como seria descobrir bem perto de NÃO É AQUI uma bactéria que não foi vista em lugar nenhum?

CENA 11 - LABORATÓRIO

APRENDIZ – Seria muito bom..., Mas eu acho que gosto mais de ficar em laboratório, sem ir muito a campo. Adoro o som das vidrarias. Teria alguma outra sugestão? Algo

que eu possa pesquisar no mestrado?

MULHER – Acho que tenho algumas sugestões, sim...

Música: No laboratório

Lá no meu laboratório

Preparo com cuidado vidrarias e reagentes

Sintetizo as moléculas necessárias

E as disponho em suspensões e biofilmes

Nanotecnológicos

Pra fazer o delivery exato ou criar sensores

Funcionais

A pesquisa a gente leva nas condições

Possíveis

(cantor e mulher ao mesmo tempo) Mas se tem dinheiro o produto sai
melhor

APRENDIZ – Eu gostei. Mas além de eu fazer o que gosto, queria também uma boa
motivação... você pode me ajudar com isso também?

MULHER – Claro que sim. Você pode até escolher como se motivar. Que tal pensar em
uma boa aplicação, que possa ajudar as pessoas?

Música: No laboratório (2ª parte)

O problema é real e afeta muitas vidas

A pesquisa é difícil e tem várias etapas

Um medicamento é o desejo final

Que controle tumores de forma efetiva

O princípio ativo se nanoencapsulado

Atacará as células de forma seletiva

CENA 12 – DESTAQUE ACADÊMICO

MENINA – São tantas as possibilidades. Eu queria conseguir dar uma olhadinha lá na
frente pra ver no que eu serei boa... quero ser feliz, mas também quero ter sucesso.

SENHORA – Não temos como saber o dia de amanhã. Mas podemos planejar. O que

você entende como sucesso?

MENINA – Ganhar muito dinheiro. E prêmios. E reconhecimento.

SENHORA – Ganhar muito dinheiro? Desculpe... eu pensei que você gostaria de ser pesquisadora...

MENINA – E eu quero. Pesquisadora! Ou professora! Isto eu já decidi.

SENHORA – Sinto muito, mas nessas profissões você não vai ficar rica.

MENINA – Ahhh... Mas vai dar pra viver?

SENHORA – Sim, vai dar.

MENINA – E as outras coisas? Prêmios, reconhecimento?

SENHORA – É possível. Mas vai depender do teu desempenho.

MENINA – Vou me esforçar, a minha carreira inteira!

Música: destaque acadêmico

Prêmio de destaque

Em mais um congresso

Trabalho do ano

Na pós-graduação

O artigo publicado

Na revista de sucesso

Tem fator de impacto

E tá ganhando citação

Convite toda hora

Para dar palestra

É nome em destaque

No cartaz da reunião

O reconhecimento

Pelo conjunto da obra

É sinal do sucesso

Que tem na profissão

CENA 13 – NÃO TE OUÇO

MULHER – Mas tudo isso vai depender do teu desempenho.

APRENDIZ – Vou me esforçar, a minha carreira inteira!

MULHER – É bom ouvir isso. Eu acredito em você. Você conseguiu revisar o projeto que te enviei ontem?

APRENDIZ – Consegui. Acho que já dá pra submeter. Mas tem uma coisa que eu não entendi.

MULHER – O que?

APRENDIZ – Você é a pesquisadora responsável pelo projeto. Você vai fazer tudo.

MULHER – Sim.

APRENDIZ – Então, porque escrever “O” pesquisador no projeto? O artigo correto é “A”. A pesquisadora, você. A que faz. Não “O” que faz.

MULHER – É que a análise de mérito é duplo cego. Quem analisa não sabe quem submeteu. E até hoje, todos os projetos que eu submeti usando o artigo “A” foram recusados no mérito. E os mesmos projetos, quando usei o artigo “O”, foram aceitos. É como se o fato de ser mulher retirasse o mérito, automaticamente.

Música: Não te ouço

Oh, que problema!

Mas oh, que problema!

Não encontramos nenhuma solução!

APRENDIZ – (falado) Eu tenho uma ideia

Não encontramos nenhuma solução!

APRENDIZ – (falado) Eu

Oh, que problema!

Mas oh, que problema!

APRENDIZ – (falado) Eu tenho uma ideia que pode nos tirar desta situação

Ninguém tem uma ideia que nos tire desta situação!

APRENDIZ – (falado) Eu. Eu tenho uma ideia.

Ninguém tem uma ideia que nos tire desta situação!

APRENDIZ – (falado) Eu tenho

Oh, que problema!

Mas oh, que problema!

Não há ninguém que nos traga salvação!

APRENDIZ– (falado) A solução é simples. Basta fazer isto!

Não há um homem que nos traga salvação!

UM HOMEM – (falado) Já sei. A solução é simples. Basta fazer isto!

TODOS OS HOMENS – (falado) Bravo! - Bravo! - Bravo!

MENINA – Ele disse a mesma coisa que ela havia dito. Por que não escutaram ela?

SENHORA – Infelizmente, não nos escutar é uma das menores violências.

MULHER – Não nos escutar é uma das menores violências.

CENA 14 – OPRESSÃO

A próxima cena não tem música. A cena é centrada na personagem MULHER, que fica no centro da cena. A cada interação masculina, a mulher tenta se recompor, e recomeçar.

MULHER – É sempre necessário vestir uma outra roupa e uma outra camada, como as diversas funções que as mulheres desempenham. O que cada camada, cada cor representa no sentido de força e representatividade da mulher?

INTERAÇÃO MASCULINA 1 (Deleon)

MULHER – É sempre necessário vestir uma outra roupa e uma outra camada, como as diversas funções que as mulheres desempenham. O que cada camada, cada cor representa no sentido de força e representatividade da mulher?

INTERAÇÃO MASCULINA 2 (Raylan)

MULHER – É sempre necessário vestir uma outra roupa e uma outra camada, como as diversas funções q as mulheres desempenham.

INTERAÇÃO MASCULINA 3 (Diego)

MULHER – É sempre necessário vestir uma outra roupa e uma outra camada...

INTERAÇÃO MASCULINA 4 (Luiz)

MULHER – É sempre necessário vestir uma outra roupa...

INTERAÇÃO MASCULINA 5 (Lucas)

MULHER – É sempre necessário!

INTERAÇÃO MASCULINA 6 (Deleon)

MULHER – Você não devia me propor isso!

CENA 15 – CENAS HORROROSAS

Nesta cena, durante a música, uma boneca é deixada na luz, deitada. O restante do palco fica no escuro.

MENINA – Que cenas horrorosas. Como podem ser tão estúpidos?

SENHORA – Eles esquecem que são filhos, que tiveram uma mãe que os educou.

MENINA – E ninguém faz nada? Pra quem eu denuncio?

SENHORA – Muitas tem medo de denunciar. E o que você viu ainda não é o pior...

Música: Ela só estava
 Mas ela só estava trabalhando
 Mas ela só estava caminhando
 Mas ela só estava descansando
 Mas ela só estava
 Mas ela só
 Ela, só
 Ela... ela... ela

MENINA – As coisas só pioram... A sociedade está muito doente.

CENA 16 – LITERATURA

SENHORA – E não é de agora, isso vem de muito tempo. Não é nada fácil ser mulher nesta sociedade. (silêncio) Alguns casos específicos até vão parar nos jornais, mas infelizmente muitas não denunciam. Mas tem outras formas de registro das atrocidades que se comete. Na literatura, por exemplo.

MENINA – Em livros? Como assim?

Música: Lendo a literatura
 Nos livros de contos e poemas
 Talvez em Machado de Assis
 Podemos perceber os resquícios
 De tal comportamento cruel
 Refletindo a respeito do tema

Em histórias, casos e perfis
 De modo velado ou explícito
 Escritores lavraram o papel
 Cenas que nem imaginamos
 Possíveis além da ficção
 Despertam em nós a revolta
 Ainda que pareçam ilusão
 Mal sabemos que ali se apresenta
 De uma forma assim disfarçada
 O registro real, verdadeiro
 De uma voz feminina abafada
 O registro real, verdadeiro
 De uma voz feminina abafada.

SENHORA – Não só nos livros, mas na arte em geral.

APRENDIZ – Bons artistas conseguem, em sua obra, retratar o seu tempo. A arte é um verdadeiro canal de denúncia, porque espelha a sociedade que o artista vê. E ver seu próprio reflexo não agrada a muitos.

MENINA – Eu preciso ler mais. Preciso de mais arte. Quero entender onde estou, onde vivo. Até pra saber me proteger. Não quero estar tão vulnerável, só por ser mulher.

APRENDIZ - É necessário saber se defender. Mas é necessário também saber defender as demais.

SENHORA – Você sabia que estudos já fundamentaram novas leis de proteção às mulheres?

MENINA – Verdade?

SENHORA – Várias leis já foram baseadas em teses e dissertações. A pesquisa não precisa ficar só dentro da academia. Mas vamos mudar de assunto, porque este é muito delicado, e as pessoas não gostam de enfrentar.

CENA 17 – UMA VISITA

Música instrumental

SENHORA – Eu queria que você também me contasse algo... Quando você começou a pensar na profissão que gostaria de seguir?

MENINA – Foi ontem, na aula.

SENHORA – Pequena aula de revisão de cidadania. Hoje uma professora da universidade vem aqui falar com vocês.

PROFESSORA – Bom dia! Obrigado, professora, por abrir as portas da escola.

SENHORA – Fique à vontade, e dê seu recado.

Música: Propaganda descarada

Esta música é executada de uma só vez, com os alunos/as respondendo – com fala – às informações que vão sendo dadas pela pesquisadora durante a música.

PROFESSORA – Sou professora na universidade

Pesquiso. Interajo na comunidade

De convidar vocês hoje eu vim na intenção

Quem quer fazer um curso de graduação?

ALUNO/A 1 – Nós não, é muito caro.

ALUNO/A 2 – Meus pais não iriam conseguir pagar a mensalidade.

PROFESSORA – Não precisa pagar mensalidade

Quando é pública a universidade

De cursos gratuitos é que eu venho falar

É a oportunidade de você estudar

ALUNO/A 3 – Como assim?

PROFESSORA – É que a universidade pública

Te oferece uma chance única

O estado é que mantém os recursos

E financia todos esses cursos

ALUNO/A 4 – Mesmo sem mensalidade, eu vou ter custos pra ir até lá e me manter estudando.

ALUNO/A 5 – Meu pai já falou que vou precisar trabalhar ano que vem, porque vou precisar ganhar dinheiro.

PROFESSORA – Pra ganhar dinheiro você pode trabalhar

Mas estudando também é possível faturar

Uma bolsa de estudos pode ser uma opção

Pra você estudar fazer pesquisa ou extensão

ALUNO/A 6 – Como assim? Eu posso ganhar dinheiro pra estudar?

PROFESSORA – Sim.

ALUNO/A 7 – Por quanto tempo?

PROFESSORA – Em média quatro anos durante a graduação

Dois anos de mestrado tem mais remuneração

Depois mais quatro anos fazendo doutorado

Recebendo uma bolsa com valor mais elevado

ALUNO/A 8 – E isso enquanto eu estiver aprendendo uma profissão?

PROFESSORA – Qualquer profissão que quiser escolher

Na universidade poderá aprender

E quando os estudos você terminar

Estará qualificado para trabalhar

ALUNO/A 9 – O que eu preciso pra fazer isso?

PROFESSORA – No vestibular deve ser aprovado

Depois nos editais tem que ficar ligado

Pra concorrer à bolsa e ganhar din-din

No mestrado e doutorado também é assim

ALUNO/A 10 – Eu vi que estava bom demais. Isso não é para todo mundo.

PROFESSORA – Infelizmente nem todos conseguem

Mas quanto antes vocês souberem

Terão mais tempo pra se preparar

E na universidade poderão entrar

ALUNO/A 11 – Ainda tem tempo para nós nos prepararmos?

PROFESSORA – Vim aqui só pra incentivar

Minha dica é quase uma súplica

Vão fazer o vestibular

Na universidade pública.

CENA 18 – QUERO TENTAR

SENHORA – É por isso que tua cabecinha está passando por tantos lugares.

Matemática, química, letras, direito, engenharias, saúde... nossa, você está realmente confusa.

MENINA – Sim, estou. Mas eu quero tentar, quero ser uma pesquisadora. Será que eu vou conseguir fazer coisas tão legais quanto a senhora?

SENHORA - O processo é difícil, porém, apaixonante. A chave para o sucesso é o questionamento.

MENINA – Espere um pouco. De onde veio tudo o que me contou? Como é possível uma só pessoa pesquisar tantas coisas interessantes em tantas áreas diferentes?

SENHORA – Isso não é possível. A vida é muito curta.

MENINA – Mas e tudo o que você falou que fez na sua vida?

SENHORA – Você pensou que eu estava falando de coisas que eu fiz na minha vida?

Não, criança. Estamos falando da sua vida, essas são as coisas que você pode fazer.

Cabe a você decidir.

MENINA – Sério? Por favor, me deixe sozinha um pouco...

CENA 19 – EU ME REALIZO

Nesta cena, a personagem menina fica sentada na cadeira, em posição idêntica à da cena inicial, enquanto é executada uma narração eletrônica.

NARRAÇÃO ELETRÔNICA –

– Eu me realizo na vida.

– Eu me realizo na vida acadêmica. Mas nem sempre foi assim.

– Essa é apenas uma das minhas camadas, um dos papéis que interpreto.

– Eu até já disse: não faça ciência. A vida acadêmica é muito ingrata e exige uma dedicação insana.

– Consegue imaginar como foi ser pesquisadora há 40 anos? Quando a mulher era a única responsável por cuidar da casa e dos filhos?

- Eu estudei, e criei meus filhos, e trabalhei. E parei por algum tempo. Depois voltei.
- Nesse tempo eu dancei, eu cozinhei, costurei, me diverti.
- Essas minhas características me fizeram ter interesse por muitas coisas, não só pelo que eu vivo, mas pela possibilidade de que aquilo que eu pesquiso consiga tocar na vida das pessoas.
- De onde vem os temas de pesquisa?
- Pesquisar exige revisão do que já foi feito. Mas isso só mostra que aquele assunto já foi pesquisado.
- Pesquisar algo novo é muito difícil, pois ainda não há base teórica.
- Existem perguntas novas?

CENA 20 – JÁ DECIDI O QUE FAZER

COLEGA – Posso saber no que está pensando?

MENINA – Claro. Já decidi o que fazer.

COLEGA – Quer me contar?

MENINA – Vou fazer o vestibular. Pra matemática.

COLEGA – Licenciatura?

MENINA – Não. Bacharelado. Quero ser pesquisadora em matemática.

COLEGA – Eu também decidi. Vou fazer Letras. Licenciatura. Quero ser professora.

CENA 21 – CENA FINAL

NARRAÇÃO ELETRÔNICA – Tantas vezes eu vivi o que outras pessoas sonharam pra mim. Aquilo não foi ruim. Serviu para me mostrar o que eu realmente queria viver. //

Porque quando a gente começa uma carreira nova, um emprego novo, mora numa casa nova, demora um pouco a perceber como tudo funciona, onde é o melhor lugar para cada objeto. Só a maturidade nos ajuda ver com clareza.

MENINA – Isso quer dizer que meninas não podem se lançar e viver intensamente o que tem vontade?

MULHER – Claro que podem. Mas é o tempo que vai mostrar no que elas se realizam.

SENHORA – As minhas camadas escondem marcas, escondem histórias que são reveladas conforme a sutileza do ouvir se apresenta. Quem se dispõe a ouvir? Quem se dispõe a falar?

NARRAÇÃO ELETRÔNICA - Diante de um olhar impetuoso, estamos sempre a crescer e a saber cada vez mais. // Olhar sempre para frente, com orgulho da caminhada e de cada obstáculo vencido pelo caminho é o que nos torna vitoriosos no presente.

SENHORA – Tantas vezes precisei ser durona, demarcar espaço, mostrar que sei trabalhar, que não sou apenas um sobrenome famoso e respeitado.

MULHER – Eu sei que as marcas de ser quem sou não agradam a todos. Paciência. Essa sou eu buscando ser a melhor versão possível.

MENINA – Também é preciso coragem para ouvir. Ouvir é atenção. Já ouvi tanto de tantas pessoas.

NARRAÇÃO ELETRÔNICA – Contra a maré do seio familiar, aquela criança que eu fui, aquela menina, feito um quebra-cabeças que se encaixou ao longo dos anos, virou uma professora realizada. // Há vinte e cinco anos não deixei meus diplomas atrás do fogão, não me submeti apenas ao estereótipo do meu gênero de ser mãe e esposa. Vivi novas realidades tão diferentes do meu passado e do que era certo para minha família.

MENINA – O céu azul as vezes tem tons de laranja e rosa. são belos instantes a se apreciar. Amo apreciar momentos de nascer e pôr do sol, porque parecem mágicos.

MULHER – momentos mágicos na vida da mulher são como o nascer do sol: o aniversário, dia da mulher, dia das mães, uma festa com as amigas... o nascer um filho. Mas o ordinário é o cotidiano, o ordinário segue em tons de azul..

SENHORA – A força de uma mulher segue plena no ordinário.

NARRAÇÃO ELETRÔNICA – O extraordinário é belo, merece ser celebrado. Mas é o ordinário que te faz mulher, é o ordinário que te faz cientista. O extraordinário é um artigo, uma palestra, um reconhecimento. Mas é o cotidiano que te faz cientista, assim como é o ordinário da maternidade que te faz mãe, e não o dia das mães. // O azul, que não existe de forma natural, precisa ser forjado? E uma mulher, uma mulher que faz, também precisa ser forjada?

CENA 22 – QUEM SOU EU?

MULHER – Quem sou eu?

SENHORA - Quem sou eu?

MENINA – Quem sou eu?

MULHER – Sou uma professora do Ensino Superior. Sou uma pesquisadora, e estou em pleno desenvolvimento da carreira. Estou me realizando profissionalmente.

SENHORA – Fui uma professora do Ensino Superior. Aposentei-me a alguns anos. Passei por todas as funções possíveis e pelas quais eu quis passar. Ajudei a formar muitas pessoas. Ex-alunos meus hoje são empresários. Professores. Pesquisadores de sucesso. Profissionais de respeito.

MENINA – Sou uma estudante, e estou pensando em qual profissão vou seguir.

MULHER – Sou mulher.

ATRIZ 1 – Sou esposa,

ATRIZ 2 – Sou mãe,

ATRIZ 3 – Sou exemplo.

MULHER – Jamais deixei de me dedicar à minha família para ir atrás de meu sonho. Aliás, minha família também é um sonho, realizado.

SENHORA – Sou mulher.

ATRIZ 4 – Sou mãe,

ATRIZ 5 – Sou tia,

ATRIZ 6 - Sou avó.

SENHORA – Durante minha vida, deixei muitos sonhos meus de lado para atender aqueles que me rodeavam. Minha mãe, meu esposo, meus filhos. Mas quer saber? Faria tudo outra vez, e estaria aqui novamente, contando minha história.

MENINA - Sou mulher.

ATRIZ 7 - Sou filha,

ATRIZ 8 - Sou irmã,

ATRIZ 9 - Sou sobrinha.

APRENDIZ – Espero nunca ter de deixar de ser quem eu sou, e espero que os lugares que eu frequentar permitam meu desenvolvimento pleno, tanto profissional, quanto

peçoal, sem me causar nenhum tipo de opressão.

MENINA – Mas acontece que eu tenho medo. Sinto que nem tudo vai ser fácil. E se eu não for forte o suficiente?

MULHER – Eu sou mulher.

SENHORA – Eu sou mulher.

MENINA – Eu sou mulher.

TODAS – Eu sou a que faz.

Música: A que faz

Aí vem a menina, a menina que faz

Aí vem a mulher, a mulher que faz, ÊÊÊ

Aí vem a mãe, a filha e a avó,

Aí vem a irmã, a prima e a tia,

Aí vem a vizinha e a desconhecida,

Aí vem, aí vem a que faz, ÊÊÊ

Aí vem a que faz do mundo mais mundo

Dos dias mais dias, da vida mais vida, do amor mais amor

Aí vem a que faz o mundo mais justo

Os dias alegres, a vida mais leve, o amor mais real, ÊÊÊ

Aí vem a menina, a menina que faz

Aí vem a mulher, a mulher que faz, ÊÊÊ

Aí vem a que traz pro mundo mais dias

Pros dias mais vida, pra vida o amor, o amor para o mundo

Por um mundo melhor, aí vem a que faz

Aí vem a menina, a menina que faz

Aí vem a mulher, a mulher que faz

Aí vem a menina, a menina que faz

Aí vem a mulher, a mulher que faz

Por um mundo melhor, aí vem a que faz

Por um mundo melhor, aí vem a que faz, ÊÊÊ

NARRAÇÃO ELETRÔNICA – Não pergunte por que escrevo. Escrevo porque as palavras estão aí espalhadas por todos os cantos, na imaginação, na língua, nos pensamentos. Diante de todos nós, dentro de nós, uma torrente de palavras que não se findam.

TODOS – E você, sabe quem VOCÊ é?

LETRAS DAS MÚSICAS

Música 1: A que faz

Aí vem a menina, a menina que faz
 Aí vem a mulher, a mulher que faz, ÊÊÊ
 Aí vem a mãe, a filha e a avó,
 Aí vem a irmã, a prima e a tia,
 Aí vem a vizinha e a desconhecida,
 Aí vem, aí vem a que faz, ÊÊÊ
 Aí vem a que faz do mundo mais mundo
 Dos dias mais dias, da vida mais vida, do amor mais amor
 Aí vem a que faz o mundo mais justo
 Os dias alegres, a vida mais leve, o amor mais real, ÊÊÊ
 Aí vem a menina, a menina que faz
 Aí vem a mulher, a mulher que faz, ÊÊÊ
 Aí vem a que traz pro mundo mais dias
 Pros dias mais vida, pra vida o amor, o amor para o mundo
 Por um mundo melhor, aí vem a que faz
 Aí vem a menina, a menina que faz
 Aí vem a mulher, a mulher que faz
 Aí vem a menina, a menina que faz
 Aí vem a mulher, a mulher que faz
 Por um mundo melhor, aí vem a que faz
 Por um mundo melhor, aí vem a que faz, ÊÊÊ

Música 2: O tempo

– O tempo?

Eu sou aquele que anda pra frente (que anda pra frente)

– O tempo?

Aquele que não retrocede (que não retrocede)

– O tempo?

O tempo marcado no relógio (no relógio)

O tempo marcado no calendário (no calendário)

Marcado no rosto no corpo, o tempo!

– O tempo?

A seta irreversível do tempo

– O tempo?

A quarta das dimensões

– O tempo?

A quantidade física fundamental

Pra medir e sequenciar eventos

Pra quantificar taxas de mudança? Ééé, O tempo!

– O tempo?

O tempo da religião, filosofia e ciência-a

– O tempo?

O tempo da coleta no experimento.

O tempo na métrica da poesia.

– Em seis minutos se cozinha um ovo.

O tempo!

– Um segundo!

Aaa frequência de transição eletrônica dos átomos do césio

O tempo!

“Time is Money!”

Música 3: É

É, assim foi que se deu

Num passado já distante

Em que eu soube aonde ir

Assim, assim foi que eu fiz
 Na certeza o tempo todo
 Que aquilo era pra mim
 Éé-é-é-é, e agora estou aqui
 Eu corri todo esse mundo
 Só tentando compreender
 E agora, e agora pra você-ê
 Tenho algo a lhe dizer
 Das lições que eu aprendi
 Éé-é-é-é, um conselho vou lhe dar
 Se você quer estudar
 Aprenda a perguntar

Música 4: Mude um axioma
 Na matemática, dois mais dois são quatro
 Isso não se discute E ponto final
 Mas na matemática, tudo se deduz
 Mude as bases, terá outro final
 Na geometria Euclidiana plana
 Por dois pontos, passa só uma reta
 Terá outra geometria mudando um axioma
 Por dois pontos passam infinitas retas
 ... distintas!

Música 5: O Rio invertido
 Por que no alto só mora gente rica?
 Por que pra baixo não desce o asfalto?
 Por que o postal só mostra a parte linda?
 Por que a vila não se enxerga lá do alto?
 Por quê?
 Por que se faz essa média desse jeito?
 Por que contar o richão com povão?

Por que um rio o condomínio valoriza?

Por que pra lá o rio traz destruição?

Por quê?

Por que essa letra que eu estou cantando? (2x)

É, é, é, é, pra inventar uma verdade

Que nesta cidade não tem desigualdade

Que nesta cidade não tem desigualdade

Que nesta cidade não tem desigualdade

Que nesta cidade não tem desigualdade!

Música 6: Vem pelo ar

A cidade de NÃO É AQUI

Cresceu muito nos últimos tempos

As pessoas foram morar mais longe do centro

A cidade de NÃO É AQUI

Constrói escolas e ambulatórios

Pra atender as pessoas que vão morar longe

Quando as fazendas pulverizam as plantações

O vento traz uma parte daquele pó

Sobre as casas e as escolas

Que ficam perto das plantações

E as pessoas respiram o ar contaminado

E o povo de NÃO É AQUI

Que foi morar nessas regiões

Tem mais casos de doenças respiratórias

Tem mais casos de doenças respiratórias

Tem mais casos de doenças respiratórias

Música 7: Nas pequenas coisas

No pó da terra existem

Coisas que os olhos não veem

Sequer enxergam sozinhos

Segredos que o micro contém
Em uma pequena escala
A vida também se apresenta
No orvalho sobre uma planta
Na água e na brisa do ar
Para quem quiser perceber
É só com cuidado olhar
Sob as lentes de um microscópio
Coloque uma gota d'água
Segredos bem escondidos
Começam então se mostrar
Ciência bela revela
O mundo oculto que há
E pra fazer descobertas
É necessário pensar
Pra quem quiser perceber
É só com cuidado olhar
Micróbios e bactérias
Que agem pro bem e pro mal
Podemos usar tais belezas
Que a natureza nos dá?
Talvez servirão a contento
Pras plantas multiplicar
Ajudar no seu crescimento
Talvez uma peste enfrentar
Crescer com pouca água
E ainda assim prosperar
Trazendo bons nutrientes
Que não vão nos envenenar
Para quem quiser perceber
É só com cuidado olhar

Música 8: No laboratório

Lá no meu laboratório
Preparo com cuidado vidrarias e reagentes
Sintetizo as moléculas necessárias
E as disponho em suspensões e biofilmes
Nanotecnológicos
Pra fazer o delivery exato ou criar sensores
Funcionais
A pesquisa a gente leva nas condições
Disponíveis
Mas se tem dinheiro o produto sai melhor

Música 9: No laboratório (2ª parte)

O problema é real e afeta muitas pessoas
A pesquisa é difícil e tem várias etapas
Um medicamento é o desejo final
Que controle tumores de forma efetiva
O princípio ativo se nanoencapsulado
Atacará as células de forma seletiva

Música 10: destaque acadêmico

Prêmio de destaque
Em mais um congresso
Trabalho do ano
Na pós-graduação
O artigo publicado
Na revista de sucesso
Tem fator de impacto
E tá ganhando citação
Convite toda hora

Para dar palestra
 É nome em destaque
 No cartaz da reunião
 O reconhecimento
 Pelo conjunto da obra
 É sinal do sucesso
 Que tem na profissão
 Música 11: Não te ouço
 Oh, que problema!
 Mas oh, que problema!
 Não encontramos nenhuma solução!
 – (falado) Eu tenho uma ideia
 Não encontramos nenhuma solução!
 – (falado) Eu
 Oh, que problema!
 Mas oh, que problema!
 – (falado) Eu tenho uma ideia que pode nos tirar desta situação
 Ninguém tem uma ideia que nos tire desta situação!
 – (falado) Eu. Eu tenho uma ideia.
 Ninguém tem uma ideia que nos tire desta situação!
 Oh, que problema!
 Mas oh, que problema!
 Não há ninguém que nos traga salvação!
 – (falado) A solução é simples. Basta fazer isto!
 Não há um homem que nos traga salvação!
 – (falado) Já sei. A solução é simples. Basta fazer isto!
 – (falado) Bravo! - Bravo! - Bravo!

Música 12: Ela só estava
 Mas ela só estava trabalhando
 Mas ela só estava caminhando

Mas ela só estava descansando

Mas ela só estava

Mas ela só

Ela, só

Ela... ela... ela

Música 13: Lendo a literatura

Nos livros de contos e poemas

Talvez em Machado de Assis

Podemos perceber os resquícios

De tal comportamento cruel

Refletindo a respeito do tema

Em histórias, casos e perfis

De modo velado ou explícito

Escritores lavraram o papel

Cenas que nem imaginamos

Possíveis além da ficção

Despertam em nós a revolta

Ainda que pareçam ilusão

Mal sabemos que ali se apresenta

De uma forma assim disfarçada

O registro real, verdadeiro

De uma voz feminina abafada

O registro real, verdadeiro

De uma voz feminina abafada.

Música 14: Propaganda descarada

Sou professora na universidade

Pesquiso. Interaço na comunidade

De convidar vocês hoje eu vim na intenção

Quem quer fazer um curso de graduação?

Não precisa pagar mensalidade

Quando é pública a universidade
De cursos gratuitos é que eu venho falar
É a oportunidade de você estudar
É que a universidade pública
Te oferece uma chance única
O estado é que mantém os recursos
E financia todos esses cursos
Pra ganhar dinheiro você pode trabalhar
Mas estudando também é possível faturar
Uma bolsa de estudos pode ser uma opção
Pra você estudar fazer pesquisa ou extensão
Em média quatro anos durante a graduação
Dois anos de mestrado tem mais remuneração
Depois mais quatro anos fazendo doutorado
Recebendo uma bolsa com valor mais elevado
Qualquer profissão que quiser escolher
Na universidade poderá aprender
E quando os estudos você terminar
Estará qualificado para trabalhar
No vestibular deve ser aprovado
Depois nos editais tem que ficar ligado
Pra concorrer à bolsa e ganhar din-din
No mestrado e doutorado também é assim
Infelizmente nem todos conseguem
Mas quanto antes vocês souberem
Terão mais tempo pra se preparar
E na universidade poderão entrar
Vim aqui só pra incentivar
Minha dica é quase uma súplica
Vão fazer o vestibular
Na universidade pública.